



Universidad de Huelva
Departamento de Educación



Universidade do Algarve
Escola Superior de Educação e Comunicação

A Linguagem Escrita no Processo de Transição entre a
Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico -
Representações de Educadores e de Professores.

ANEXOS

Orientadores: Professor Doutor Manuel Reyes Santana
Professor Doutor José Alberto Gonçalves

Realizado por: Maria Helena Horta

Huelva, Dezembro de 2010

ANEXO I - GUIÃO DE ENTREVISTA

Tema: A linguagem escrita no processo de transição entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico – Representações de Educadoras de Infância.

Entrevistadas: Educadoras de Infância

Objetivo Geral: Conhecer a perspetiva das educadoras selecionadas, acerca da importância que atribuem à linguagem escrita no processo de transição entre os dois contextos educativos.

Determinação dos Blocos	Objetivos Específicos	Formulário de Questões
BLOCO A • Legitimação da entrevista e motivação das entrevistadas.	- Legitimar a entrevista. - Motivar as entrevistadas.	<ul style="list-style-type: none">• Informar as entrevistadas acerca da investigação em curso.• Assegurar a confidencialidade das declarações prestadas.• Pedir a sua colaboração, salientando a importância desta.• Solicitar autorização para gravação áudio da entrevista.
BLOCO B • Recolha de dados de carácter geral.	- Conhecer a situação profissional das entrevistadas.	<ul style="list-style-type: none">• Solicitar às entrevistadas que falem sobre:<ul style="list-style-type: none">- A sua formação- O seu percurso profissional e situação atual- Os aspetos mais marcantes desse percurso profissional. <p>Questões de reforço</p> <ul style="list-style-type: none">- Qual a sua idade e que tempo de serviço tem?- Como tem sido o seu percurso em termos de formação?- E como tem sido o seu percurso profissional?- O seu trabalho como Educadora tem sido sempre em contexto de Jardim de Infância?
	- Conhecer as	- Solicitar a opinião das entrevistadas relativamente às mudanças ocorridas na educação pré-escolar

<p>BLOCO C</p> <ul style="list-style-type: none"> • Opinião das entrevistadas sobre as mudanças ocorridas na educação pré-escolar. 	<p>representações das entrevistadas sobre as mudanças ocorridas na educação pré-escolar.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conhecer as representações das entrevistadas sobre o papel da educação pré-escolar no contexto atual. 	<p>Questões de reforço</p> <ul style="list-style-type: none"> - Qual o significado que atribui às mudanças ocorridas na educação pré-escolar? - Qual o significado que atribui ao documento Orientações Curriculares? - Atualmente, como sente a organização da educação pré-escolar? - O que representa para si participar num Agrupamento? - Como tem vivenciado o processo? - Sente que está a responder às funções da educação pré-escolar?
<p>BLOCO D</p> <ul style="list-style-type: none"> • Representações das entrevistadas sobre a gestão curricular 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar a sua intencionalidade educativa subjacente à sua prática pedagógica 	<ul style="list-style-type: none"> - Pedir às entrevistadas que falem sobre a gestão do currículo que praticam, designadamente no que se reporta à abordagem da escrita. <p>Questões de reforço</p> <ul style="list-style-type: none"> - Qual o modelo curricular que privilegia? - Como faz a gestão do espaço, tempo e grupo? - Tenta que a linguagem escrita esteja presente nos diferentes espaços da sala? Como? - Sente predisposição por parte das crianças para “aprenderem” a escrever? - Sente necessidade de desenvolver pré-requisitos no que à linguagem escrita diz respeito? - Que tipo de estratégias desenvolve? Quando e em que circunstâncias o faz? - Cria espaços de maior concentração para que a criança possa, livremente, explorar a linguagem escrita?
	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer as conceções das entrevistadas sobre a linguagem escrita na educação pré-escolar. 	<p>Situar as opiniões das entrevistadas sobre a importância que atribuem à linguagem escrita no processo de transição entre os dois contextos educativos.</p> <p>Questões de reforço</p> <ul style="list-style-type: none"> - Qual a importância que atribui à abordagem à escrita desenvolvida na educação pré-escolar? - Que benefícios considera que a mesma poderá trazer às crianças, nomeadamente em termos de continuidade educativa?

<p>BLOCO E</p> <ul style="list-style-type: none"> • Representações das entrevistadas sobre a importância da linguagem escrita na educação pré-escolar 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar estratégias possíveis de transição/articulação entre os dois contextos. - Desocultar sentimentos e crenças relativamente à linguagem escrita. 	<ul style="list-style-type: none"> - Conhece o programa do 1.º ciclo? - Ao longo do ano costuma desenvolver ações conjuntas como 1.º ciclo? - Desenvolve atividades com o objetivo de articular e preparar a transição para o novo contexto educativo? - Que tipo de estratégias desenvolve? - A linguagem escrita é uma das suas preocupações aquando do processo de transição para o ciclo seguinte? - Sente-se insegura quando explora esta área? - Sente que o trabalho desenvolvido nesta área poderá ser uma parte integrante do processo de aprendizagem ao longo da vida?
---	--	--

ANEXO II - GUIÃO DE ENTREVISTA

Tema: A linguagem escrita no processo de transição entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico – Representações de Educadoras de Infância.

Entrevistadas: Educadoras de Infância

Objetivo Geral: Conhecer a perspetiva das educadoras selecionadas, acerca da importância que atribuem à linguagem escrita no processo de transição entre os dois contextos educativos.

Determinação dos Blocos	Objetivos Específicos	Formulário de Questões
BLOCO A • Legitimação da entrevista e motivação das entrevistadas.	- Legitimar a entrevista. - Motivar as entrevistadas.	<ul style="list-style-type: none">• Informar as entrevistadas acerca da investigação em curso.• Assegurar a confidencialidade das declarações prestadas.• Pedir a sua colaboração, salientando a importância desta.• Solicitar autorização para gravação áudio da entrevista.
BLOCO B • Recolha de dados de carácter geral.	- Conhecer a situação profissional das entrevistadas.	<ul style="list-style-type: none">• Solicitar às entrevistadas que falem sobre:<ul style="list-style-type: none">- A sua formação- O seu percurso profissional e situação atual- Os aspetos mais marcantes desse percurso profissional. <p>Questões de reforço</p> <ul style="list-style-type: none">- Qual a sua idade e que tempo de serviço tem?- Como tem sido o seu percurso em termos de formação?- E como tem sido o seu percurso profissional?- O seu trabalho como Educadora tem sido sempre em contexto de Jardim de Infância?
BLOCO C	- Conhecer as representações das	- Solicitar a opinião das entrevistadas relativamente às mudanças ocorridas na educação pré-escolar

<ul style="list-style-type: none"> • Opinião das entrevistadas sobre as mudanças ocorridas na educação pré-escolar. 	<p>entrevistadas sobre as mudanças ocorridas na educação pré-escolar.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conhecer as representações das entrevistadas sobre o papel da educação pré-escolar no contexto atual. 	<p>Questões de reforço</p> <ul style="list-style-type: none"> - Qual o significado que atribui ao documento Orientações Curriculares? - O que representa para si participar num Agrupamento? - Como tem vivenciado o processo? - Sente que está a responder às funções da educação pré-escolar?
<p>BLOCO D</p> <ul style="list-style-type: none"> • Representações das entrevistadas sobre a gestão curricular 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar a sua intencionalidade educativa subjacente à sua prática pedagógica 	<ul style="list-style-type: none"> - Pedir às entrevistadas que falem sobre a gestão do currículo que praticam, designadamente no que se reporta à abordagem da escrita. <p>Questões de reforço</p> <ul style="list-style-type: none"> - Qual o modelo curricular que privilegia? - Tenta que a linguagem escrita esteja presente nos diferentes espaços da sala? Como? - Sente predisposição por parte das crianças para “aprenderem” a escrever? - Sente necessidade de desenvolver pré-requisitos no que à linguagem escrita diz respeito? - Que tipo de estratégias desenvolve? Quando e em que circunstâncias o faz? - Cria espaços de maior concentração para que a criança possa, livremente, explorar a linguagem escrita?
<p>BLOCO E</p> <ul style="list-style-type: none"> • Representações das entrevistadas sobre a importância da linguagem escrita 	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer as conceções das entrevistadas sobre a linguagem escrita na educação pré-escolar. - Identificar estratégias possíveis 	<p>Situar as opiniões das entrevistadas sobre a importância que atribuem à linguagem escrita no processo de transição entre os dois contextos educativos.</p> <p>Questões de reforço</p> <ul style="list-style-type: none"> - Qual a importância que atribui à abordagem à escrita desenvolvida na educação pré-escolar? - Que benefícios considera que a mesma poderá trazer às crianças, nomeadamente em termos de continuidade educativa? - Conhece o programa do 1.º ciclo? - Ao longo do ano costuma desenvolver ações conjuntas como 1.º ciclo? - Desenvolve atividades com o objetivo de articular e preparar a transição para o novo

na educação pré-escolar	de transição/articulação entre os dois contextos. - Desocultar sentimentos e crenças relativamente à linguagem escrita.	contexto educativo? - Que tipo de estratégias desenvolve? - A linguagem escrita é uma das suas preocupações aquando do processo de transição para o ciclo seguinte? - Sente-se insegura quando explora esta área? - Sente que o trabalho desenvolvido nesta área poderá ser uma parte constituinte do processo de aprendizagem ao longo da vida?
-------------------------	--	--

ANEXO III - PROTOCOLO DA ENTREVISTA À EDUCADORA CINHA
--

Ent.: Vamos então começar. Ah...Eu quero começar por lhe agradecer o facto de me estar a conceder esta entrevista, sem a qual não seria possível fazer este trabalho de investigação que, tal como eu já referi à colega, tem como tema a linguagem escrita no processo de transição entre a educação pré-escolar e o 1.º ciclo do ensino básico. Portanto, constitui-se como um estudo exploratório que estou a fazer na Universidade de Huelva. Hum...e como modo de assegurar a confidencialidade dos dados, eu queria-lhe pedir que se atribuísse um nome fictício. Nome através do qual será tratada a partir daqui.

Suj.: (Risos) Cinha.

Ent.: Cinha. Ok. Então queria pedir à Cinha que me dissesse qual a sua idade e o seu tempo de serviço.

Suj.: 46 anos de idade e...só fazer um bocadinho de contas...25 de serviço. Não estão completos ainda. Faço 25 em Outubro.

Ent.: Hum, hum. Ok. Mais ou menos 25 anos.

Suj.: Exato.

Ent.: E como é que tem sido o seu percurso em termos de formação? Portanto, imagino que, quando tirou o curso, ainda era bacharelato...

Suj.: Sim, sim. Entretanto, depois, logo no primeiro ano em que houve Complementos de Formação, eu fiz o Complemento de Formação. Portanto, a minha formação é o Bacharelato, mais o Complemento de Formação na área de Expressão Artística e foi aquela porque na altura optei.

Ent.: Hum, hum. Exato. Ah...e como é que tem sido o seu percurso profissional? Ou seja, o seu trabalho de Educadora tem sido sempre em contexto de Jardim de Infância, ou tem trabalhado noutros contextos?

Suj.: Trabalhei também em A.T.L. [Atividades de Tempos Livres]. Portanto... já há uns anos, antes de entrar para a rede pública, eu trabalhei em Jardim de Infância particular e trabalhei numa I.P.S.S. [Instituição Particular de Solidariedade Social] e nessa I.P.S.S. houve uma ano que trabalhei com ...A.T.L. Portanto...com as diferentes idades...com as idades todas de A.T.L..

Ent.: Exato.

Suj.: Tinha um grupo de manhã, tinha outro grupo no período da tarde.

Ent.: Ok. Ah...tem havido algumas mudanças... e... a colega sabe isso melhor do que eu, não é, portanto... porque tem mais tempo de serviço, tem havido algumas mudanças na educação pré-escolar, não é, ao longo dos anos...

Suj.: Exato...

Ent.: Ah...qual o significado que atribui a essas mudanças?

Suj.: Ah...pronto. Portanto, neste caso refere-se a mudanças nalguma área específica ou...

Ent.: Não. Mudanças em geral, a nível da Educação Pré-Escolar. Por exemplo, posso-lhe perguntar qual o significado que atribui ao documento *Orientações Curriculares* que surgiu em 1997?

Suj.: Sim, pronto. Eu considero que...que...pronto, que essas são mudanças positivas, nomeadamente esse documento eu penso que é um documento que...lembro-me, até nessa altura que...várias de nós fazíamos, comentávamos que realmente era importante que houvesse alguma coisa, que desse alguma orientação para que...porque se não, até aí, de certa forma, cada uma trabalhava... aquilo que considerava que era importante.

Ent.: Exato.

Suj.: Pronto, e é importante que exista realmente liberdade em termos de cada uma adequar aos grupos aquilo que considera importante e às características das crianças e dos grupos...

Ent.: Hum, hum.

Suj.: Só que essas *Orientações* eu penso que são realmente importantes, porque são uma...exatamente como diz o nome, uma linha orientadora e que...e que leva a que, pelo menos, haja qualquer coisa que... todas sabemos que pelo menos aqueles aspetos que é importante focar, que são coisas importantes dentro da educação pré-escolar e que são áreas que...que devemos trabalhar e não estamos a trabalhá-las assim...hum...sem termos a noção ou sem às vezes sabermos tão bem... sabemos que... realmente, olha, estamos...esta é a área de...é importante explorarmos coisas na área da linguagem, na área da matemática, na área da formação pessoal...das diferentes áreas!

Ent.: Exato.

Suj.: Pronto, eu penso que é importante enquanto orientação, agora...é importante enquanto orientação. Ultimamente acho que as coisas, às vezes, já estão a ter um bocadinho outro...outro domínio, Às vezes já não está a haver tanto orientações, já está a haver coisas um pouco...rígidas demais, penso eu, para o pré-escolar.

Ent.: Exatamente.

Suj.: Hum...porque o pré-escolar tem que ter, realmente, uma característica específica...

[Telemóvel da entrevistada começa a tocar...].

Ent.: Não faz mal.

Suj.: Hum...

Ent.: Podemos interromper se quiser...

Suj.: Podemos...?

Ent.: Não há problema.

[Interrompemos a entrevista e retomamos após breves minutos].

Ent.: Pronto. Está a gravar outra vez...hum...estávamos a falar sobre as *Orientações Curriculares*...tinha-lhe perguntado qual o significado que atribui ao documento *Orientações Curriculares*. Não sei se já deu por terminada...

Suj.: Sim. Eu depois já estava a entrar noutra parte das coisas mais recentes, mas pronto...se calhar já me estava a alongar um bocadinho...

Ent.: Ok.

[Risos]

Ent.: Ah...e atualmente, como é que sente a organização da educação pré-escolar? Ou seja, o que representa, para si, estar num Agrupamento?

Suj.: É assim: eu penso que...que há...há mais valias importantes em estarmos num Agrupamento, nomeadamente neste Agrupamento onde eu estou...hum...há uma certa dinâmica de interação entre os diferentes grupos, entre os diferentes níveis de ensino, ah...e eu considero que isso é realmente importante. Tanto com o 1.º ciclo, como com o 2.º ciclo, pronto. Ah...o que eu considero que é menos positivo...é o facto de nem sempre se ter em atenção a especificidade do pré-escolar e, por vezes, querer-se...que o pré-escolar tenha determinadas linhas orientadoras que têm os outros níveis de ensino e que eu penso que não se adequam propriamente ao pré-escolar. Pronto. Nomeadamente, nós não temos...como nós estávamos a dizer, são *Orientações*, nós não temos um programa por alguma razão, não é? Porque realmente não se adequa...

Ent.: Exatamente.

Suj.: ...ao pré-escolar, não é? Tem que haver uma liberdade de acção e...por enquanto, pronto, nós ainda somos as gestoras do currículo, hum...mas às vezes as coisas são-nos solicitadas de alguma forma que...hum...retira alguma dessa liberdade de gestão do currículo. Hum...as coisas estão a encaminhar-se, por vezes, um bocadinho demais nesse sentido que aquilo que eu penso que seria aconselhável.

Ent.: Exato.

Suj.: Hum...pronto. Vai havendo abertura da parte do Agrupamento...pois eu também percebo que o próprio Agrupamento não tinha esta...este nível de ensino. Portanto, também é uma aprendizagem de parte a parte. Nós temos que nos adaptar, o próprio Agrupamento tem que se adaptar à nossa realidade...

Ent.: Exato.

Suj.: ...mas às vezes é um bocadinho...é um bocadinho difícil, pronto. Penso que é um trabalho que tem que ser feito também na nossa parte, enquanto Educadoras, hum...de não deixarmos que esta especificidade do pré-escolar se vá perdendo...

Ent.: ...se dilua...

Suj.: ...e se vá diluindo. Exato.

Ent.: Ok. E...como é que tem vivenciado esse processo? Sente que está a responder às funções da educação pré-escolar? Portanto, vai um pouco ao encontro daquilo que acabou de me dizer...

Suj.: Exato. Pronto...eu acho que...que...uma das formas que tenho que...pronto, primeiro, tenho que ter sempre em atenção, exatamente, o meu grupo, o que é que o meu grupo necessita e tentar, o máximo possível, em relação ao meu grupo e à educação pré-escolar no geral e...hum...exatamente...essa outra parte, como eu já tinha referido, que é junto do nosso órgão de gestão também...como quando temos reuniões, quando há discussões de diferentes assuntos, colocarmos aquilo que nós, enquanto educadoras, achamos que é importante manter no pré-escolar e que há coisas, especificidades que não podem...não devem ser alteradas...ou então, porque nós sabemos que temos que nos ir adaptando às novas coisas que existem, mas...

Ent.: Claro.

Suj.: ...as alterações têm que ser sempre com a devida adequação...ao nível de ensino em que...em que nós estamos. Pronto. E isso tem havido...realmente...várias reuniões, nomeadamente com a Diretora do Agrupamento, em que, por vezes, há coisas com as quais nós não

concordamos, ah...e então, colocamos... as coisas são postas na mesa...é debatido as diferentes perspetivas...ah...de um lado e de outro...ah...mas não está a ser...portanto, neste momento...a conjuntura não...não é...não é, não é fácil. Pronto...digamos que não é...que não é fácil. Que temos que estar atentas, eu sinto que...neste momento nós, educadoras, temos que estar atentas para continuarmos a realizar um bom trabalho e adequado ao um nível etário com que nós...ah...com que nós estamos.

Ent.: Exato. Não esquecendo a nossa especificidade.

Suj.: Exatamente. Não esquecendo a nossa especificidade.

Ent.: Muito bem.

Suj.: Além de que eu considero também que há coisas que nós vamos, que se vão...que nós vamos buscar a outros níveis de ensino e que devidamente adequadas ao nosso também podem ser...ah...também podem ser positivas, não é?

Ent.: Exatamente, exatamente.

Suj.: Pronto, avaliação...pronto, coisas que nós já fazemos há muito tempo, só que...ah...avaliação...

Ent.: Eu até costumo dizer que nós somos peritas nisso: em, às vezes, ir buscar a outros níveis de ensino algo para adequar à nossa realidade na educação pré-escolar.

Suj.: Exatamente, exatamente. Eu considero a avaliação uma coisa muito importante só que...tem que ser, mais uma vez, devidamente adequada ao nosso nível de ensino, não é?

Ent.: Exatamente.

Suj.: E às vezes há já algumas coisas que nos pedem que...são um pouco...complicadas...

Ent.: Pois.

[Risos]

Suj.: ...são um pouco complicadas...de fazermos, de fazermos de uma forma...ah...que nós achamos que estão profissionalmente corretas e que estão adequadas aos nossos meninos.

Ent.: Exato. Exato.

Suj.: É isso especialmente.

Ent.: Na sua prática pedagógica qual o modelo curricular que privilegia? Se é que segue algum...

Suj.: Eu...pronto. Eu não, eu não sigo um...um modelo específico. Tenho a pedagogia de projeto como uma certa linha orientadora, digamos...

Ent.: Exato.

Suj.: Ah...mas depois...vou...vou beber um bocadinho às diferentes fontes e...e pronto. E depois faço essa...faço a adequação dentro daquilo que eu sinto enquanto educadora, dentro do grupo que vou ter nesse ano e depois há diferentes...lá está. Temos diferentes grupos. Há uns anos que, realmente, conseguimos adequar mais a um tipo de pedagogia, ou mesmo as próprias idades dos meninos, penso que também...ah...e depois...e... portanto faço, digamos que...um “sumo” dum bocadinho de cada...

Ent.: Exato.

Suj.: ...mas realmente a pedagogia de projeto...só que...é aquela que tenho mais como...como base tendo sempre, pronto, em atenção os interesses das crianças, as propostas das crianças e as próprias propostas que eu trago. Ah...nem sempre consigo fazer tudo como aquilo que eu achava que era...que era ideal, não é? Pronto, dentro exatamente da pedagogia de projeto eu, às vezes, gostava de poder...ou de conseguir...ah...ainda ir mais...ah...ao encontro daquilo que...que cada criança, porque não é o grupo. A questão aqui é que cada criança, o interesse...

Ent.: ...o interesse individualizado...

Suj.: ...exatamente...os interesses individualizados de...de cada criança e assim...ah...mas pronto. Tento, na medida do possível e da realidade em que me encontro...ah...fazer isso o melhor possível. Pronto, é essencialmente nessa...nessa base da responsabilização, da capacidade de poderem optar, de poderem escolher...terem diferentes opções e de poderem...ah...realmente selecionar aquelas que lhes interessam mais. Por vezes têm que haver momentos que são mais orientados, pois...para se chegar a determinados objetivos, para atingir determinadas...competências, determinadas coisas...

Ent.: Exato.

Suj.: ...também eu sinto necessidade de...ah...haver...alguma linha mais orientadora, por vezes, da minha parte. Por isso é que eu digo, é a pedagogia de projeto, mas também com alguma orientação, entre aspas, da minha parte.

Ent.: Claro, claro. E...nesse sentido, como é que faz a gestão do tempo, do espaço e do grupo?

Suj.: Pronto...ah...quando me diz a gestão do tempo, é em termos de que rotinas é que normalmente implemento...

Ent.: Sim, sim, sim.

Suj.: Pronto. Ah...geralmente, organizo o grupo no período da manhã em que temos um...e nesse espaço, do período da manhã, surgem diferentes coisas, como os diálogos, as conversas, as canções, coisas por vezes sugeridas por eles, outras que eu vou sugerir e, a partir daí, depois, surge a atividade que nós vamos fazer ao longo da manhã, nesse caso.

Ent.: Exato.

Suj.: Pronto. Eu...ou trago também uma proposta ou dentro dessa proposta...pois, por vezes, essa proposta vem só iniciada. Por exemplo, lanço a proposta, o início da proposta e, a partir dali, vamos todos construir o resto da proposta. Outras vezes...ah...posso, por exemplo, trazer alguma coisa já na minha ideia, mas até nem...nem lanço. Vou sugerir, então e se procurarmos...ou, por exemplo, há qualquer questão que...que está no ar e então vamos tentar trabalhar a partir daí. Então e o que é que precisamos a partir disto...portanto...sempre tentando, o mais possível, englobá-los dentro daquilo que nós vamos fazer, dentro daquilo que queremos fazer, daquilo que queremos aprender. Ah...e

geralmente esse período da manhã é...dentro desse tipo de...pronto, dentro de alguma atividade que...depois também acontece haver outras vezes em que eu trago mesmo uma atividade e vou sugerir...portanto, são as tais diversas situações.

Ent.: Exato.

Suj.: Em que eu trago um trabalho...olha a Cinha tem isto assim...e, pronto...aquilo até vem completamente planeado, o que não quer dizer que depois não dê hipótese a que eles também ponham sugestões, pronto. Depois, geralmente, temos um período de intervalo a meio da manhã, quando regressamos...ah...do intervalo...ou damos continuidade a essa atividade que ainda não está terminada, ah...ou então existem outras sugestões, ou há também um espaço de atividade livre ou de brincadeira, de brincadeira livre. Depois temos o espaço do almoço. A seguir ao almoço começamos normalmente com a hora do conto. Antes da hora do conto, ainda temos, por rotina...ah...o irmos ver...há sempre um responsável na sala que vai ver o dia, qual é o dia do mês em que estamos, porque este ano já é um grupo de meninos crescidos, portanto, vai observar qual é o dia do mês, qual é o mês, quantos meninos vieram à escola, quantos faltaram, o dia da semana, regista o tempo, como é que está...pronto. Essa é uma rotina que acontece sempre aí. Depois a seguir é a hora do conto, que é variável: pode ser com histórias escolhidas por eles, pode ser com histórias escolhidas por mim pode ser contado no computador, pode ser contado...pronto...de diferentes formas. Hum...a seguir à hora do conto vem também, normalmente, alguma outra actividade dentro do mesmo formato mais ou menos, que o período da...que o período da manhã. Com sugestões das crianças, ou com sugestões minhas, ou a continuação de coisas que estamos a desenvolver...pronto. Tento sempre que...ah...existam os espaços que...em que eles têm um tempo livre. Em que realmente há algum espaço em que eles se...fazem, em que, em que não é a minha proposta ou que...pronto.

Ent.: Exato.

Suj.: Se realmente...depende também, não é? Se foi uma proposta mais orientada por mim, eu tenho mais a preocupação de que depois haja aqueles tempos de...de atividade livre. Se foi mais uma proposta das crianças...pronto...isso geralmente já envolve sempre mais...ah...mais coisas ou...já há mais diferentes tipos de...há mais atividades a funcionar ao mesmo tempo.

Ent.: Exato. E espaços também, não é? Porque, pelo que eu percebi, tanto trabalha em grande grupo, como em pequeno grupo...

Suj.: Exatamente, exatamente. Portanto...porque isso pode acontecer...ah...porque, por exemplo, se há diferentes...se são as crianças que fazem propostas ou assim, geralmente...não...pode acontecer situações de grande grupo, mas muitas vezes são situações de...

Ent.: ...de pequenos grupos...

Suj.: ...de pequenos grupos, não é? E, portanto aí, se estamos em pequenos grupos, já há mais diversidade. Se foi uma proposta que eu lancei para o grande grupo, então aí é quando eu digo que tenho mais a preocupação de que depois eles tenham outro espaço a seguir, em que vão...em que estão de uma forma mais livre, em que são mesmo eles que estão a selecionar aquilo que querem fazer e a optar e...

Ent.: Exato. E na sua sala tenta que a linguagem escrita esteja presente nos diferentes espaços?

Suj.: Sim. Ah...tento que...pronto. Por exemplo, surgem as diferentes...por acaso há coisas que eu ainda preciso ...agora pensando neste ano...ah...há várias coisas que eu ainda preciso de fazer, mas que eu quero exatamente fazer agora, porque é numa fase em que eles também...ah...por um lado, já estão mais despertos, pois já houve todo um trabalho ao longo do ano...

Ent.: Exato.

Suj.: ...e agora há coisas que já são eles próprios que conseguem, nomeadamente...eu estou a pensar, definirmos as palavras com os nomes das diferentes áreas. Por exemplo, a casinha, ou a área dos jogos, ou a pintura, assim...mas agora irmos para uma fase em que são eles que vão...eles próprios é que vão escrever e vamos definir e colocar lá, então, as identificações das diferentes áreas. Não é que eles não as conheçam, já bem...

Ent.: Exato.

Suj.: ...porque eles sabem já perfeitamente onde elas são. Ah...a questão é já, realmente...uma das atividades dentro dessa parte do despertar para a escrita. Ah...depois, geralmente, sempre que surgem...alturas como...estou-me a lembrar...diferentes coisas que nós estamos a explorar: estamos a explorar a árvore, estamos a explorar a Primavera, ou estamos a explorar o Dia da Mãe, ou estamos a explorar o Dia do

Pai, surgem sempre palavras relacionadas com...com...com esse tema. E que depois eles próprios...e depois fazemos, por exemplo, jogos de identificação com essas palavras, as palavras estão expostas na sala, eles põem essas palavras também nos trabalhos...em vez de ser eu a identificar com alguma coisa, por vezes são eles que...que identificam...

Ent.: Hum, hum.

Suj.: ...e, por exemplo, o quadro das presenças, é uma das coisas que eles usam muito, que, às vezes, estão eles a fazer imensas listas de nomes, ou então estão a fazer um desenho para o colega e já foram buscar o nome ao quadro das presenças...por acaso ainda hoje aconteceu-me uma situação, em que estávamos a brincar com palavras e com as sílabas e estávamos a ver, era...começámos com...por acaso da história que estivemos a contar...

Ent.: Exato.

Suj.: ...a palavra... era uma palavra grande, era uma palavra pequenina e partimos dali e começámos a brincar também com os nomes e assim...e eu ia buscar um papel para escrever e diz-me um assim: Cinha, mas nós temos ali o quadro das presenças que dá para ver e...

Ent.: Ah!Ah!Ah!

Suj.: ...Ah, pois é, é verdade! Pronto. E então...ah...pronto, temos os nomes escritos de diferentes formas, com diferentes tipos de letras e que eles possam identificar...pronto. E procuro dentro deste tipo de situações...por exemplo, também identificarmos palavras iguais...quando surge, por exemplo...estou a lembrar-me da última, acho que se calhar foi relacionado com o pai, se calhar foi capaz de ter sido...uma das vezes que fizemos, em que temos a palavra escrita numa folha e estão outras palavras e eles vão procurar, identificam e...temos jogos, também, dentro da sala relacionados com a palavra e com a letra e assim...pronto. Portanto, de momento, assim, é aquilo que eu me estou a lembrar mais...

[Risos]

Ent.: Ok. Eu penso que de alguma forma já me respondeu a esta questão, mas eu gostaria de reforçar a pergunta: se sente predisposição por parte das crianças para aprenderem a escrever?

Suj.: Sim, sinto. Concretamente, este grupo com que eu estou a trabalhar, portanto, já tenho vários meninos de seis anos, tenho lá um menino que já sabe ler, que ainda este fim-de-semana, o livro que levou para casa, da Biblioteca, foi ele que o leu sozinho. Ainda há um bocado recebemos um recado na sala, um convite de outro grupo e foi ele que leu o convite e portanto, ah...não só isto, mas também o ele ler, faz com que o resto do grupo esteja muito desperto...

Ent.: Exatamente.

Suj.: ...mas o Alexandre já consegue ler! E portanto fica tudo muito, ah...entusiasmado com o colega conseguir, conseguir ler. Quando fomos, aqui há um tempo, a uma visita, a uma quinta, e levávamos algumas perguntas para colocar lá e eles levavam uns papelinhos com as perguntas. Portanto, estivemos a trabalhar as perguntas que se queria fazer, eles levavam os papelinhos com as perguntas e então, ah...eles tinham fixado como é que eram as perguntas, mas eles não olhavam para a pessoa, eles olhavam para o papelinho como se estivessem a ler e alguns chegaram a casa a dizer aos pais que já sabiam ler.

Ent.: Exato.

Suj.: E vejo realmente uma predisposição grande do grupo porque, é como já referi aquela parte que eles fazem com o quadro de presenças e querem coisas para ler e vêm pedir...ah...coisas e fazem comparações, aparece uma palavra, ah...e eles fazem comparações: olha, mas a do...aquela palavra é maior do que a outra ou é mais pequena e...

Ent.: Exato.

Suj.: ...e o nome do Daniel é mais pequenino do que o da Catarina, por exemplo, portanto...fazem diferentes tipos de comparações e diferentes tipos de comentários, ah...e solicitam, inclusivamente, para nós lhes escrevermos, às vezes, determinadas coisas que eles querem, ah...e, portanto, percebo que há realmente ali a emergência...

[Risos]

Ent.: Exato...da linguagem escrita...

Suj.: ...da linguagem escrita, exato.

Ent.: Como Educadora, sente necessidade de desenvolver pré-requisitos, no que à linguagem escrita diz respeito?

Suj.: Sim, portanto...eu acho que...ah...para que realmente as crianças...vai surgindo, de certa forma, naturalmente, a vontade de conhecer e de ler e de...a necessidade de aprender. Mas eu penso que, ah...quanto mais...ah...nós estimularmos, quanto mais coisas proporcionarmos, quanto mais incentivador for, quanto mais atividades diversas nós conseguirmos proporcionar, ah...pois, mais desperta a criança vai estar, mais vontade vai ter de conhecer, ah...vai querer, vai ficar curiosa em relação a...porque eu acho que é essa parte também que é muito importante, é despertar a curiosidade...

Ent.: Exatamente.

Suj.: ...e o ajudar a raciocinar e a pensar e fazer, exatamente, esse tipo de associações. Porque olhar só para a parede e escrever lá a palavra, ou olhar só para o lado e copiar a palavra...pronto, tudo bem, também faz, também faz parte, mas acho que é importante é realmente eles ficarem exatamente curiosos, e olharem...olha, mas o nome da Marta tem um M como o nome da Maria, mas o nome da minha mãe também é...pronto. Todo este tipo de associações e...eles vão despertando para isso, mas se nós estimularmos isso, se incentivarmos isso, se criarmos diferentes atividades onde isso está presente, se houver, exatamente, diferentes tipos de palavras na sala, se...se...quando estamos exatamente a contar uma história...pronto. Aquelas diferentes formas que nós podemos explorar, que podemos trabalhar, ah...se trouxermos diferentes jogos, diferentes que...diferentes jogos diferentes não...

[Risos]

Suj.: ...diferentes jogos...em que exploramos esse tipo de coisas, vamos estar a motivar a criança e portanto...

Ent.: Exato.

Suj.: ... estamos a...a ajudar a que realmente essa, essa...

Ent.: ...a contribuir para esse processo...

Suj.: ...a contribuir para que esse processo seja, seja...para uma evolução, se calhar, um pouco mais rápida e seja positiva...

Ent.: Exato. Eu tinha aqui uma questão, mas penso que já me respondeu, mas agora a colega vê se querará acrescentar mais alguma coisa, que era: nesse sentido, que tipo de estratégias é que desenvolve, quando e em que circunstâncias é que o faz? Pronto, de alguma forma penso que já me respondeu, não sei se querará acrescentar mais alguma coisa...

Suj.: Hum...Sim, pronto. Tudo...há várias coisas que eu posso nomear, como...pronto, o que nós fazemos, não é?...para além, talvez, de algumas que tenha dito aí, mas que são dos registos escritos, não é? Que nós fazemos, nomeadamente coisas que as crianças por vezes contam e que são importantes para elas, os registos, enfim...depois do fim-de-semana, muitas vezes fazemos isso, o registo do fim-de-semana e, muitas vezes, já nem sou eu que lhes estou a sugerir para eles copiarem. Pronto, eles já copiam aquilo que eu lá registei...ah...esses registos...depois os outros registos de quando vamos a visitas, de quaisquer aprendizagens que fazemos, ah...quando faço esses registos, também ir falando, ir lendo à medida que vou escrevendo...

Ent.: Exato.

Suj.: ...e eles, depois, próprios perguntam: então, mas e esta palavra aqui é o quê, Cinha, o que é que esta aqui quer dizer? Ah...e pronto, e eu vou-lhes...e eu vou respondendo a essa curiosidade deles, ah...o ler e ao mesmo tempo, ir exatamente, mostrando, o colocar...por acaso, neste momento, não tenho na sala, mas já tenho tido, algumas vezes, alguns anos, ficheiros com imagens e com a palavra, em que eles fazem a associação e depois eles próprios vão buscar essas coisas e vão fazer e vão...e vão...tentar...fazer as ditas comparações...

Ent.: Exato.

Suj.: ...nas palavras, explorar os jogos e assim...mesmo a parte das...pronto, aqui tem também a ver com a linguagem oral, mas eu acho que depois também acaba sempre por se prender com a escrita, porque depois...isto é...passa para a escrita, não é?

Ent.: Exatamente, exatamente.

Suj.: As próprias rimas, as brincadeiras que fazemos com os nomes, o procurar palavras que começam com a letra do nome deles e vamos procurar outras palavras e depois até escrevemos. Os registos das nossas canções, das nossas poesias, das histórias que inventamos, de...pronto. O haver um conjunto de atividades que levam a perceber o interesse também da escrita, não é?

Ent.: Exatamente.

Suj.: O que nós falamos...então vamos registar e eu várias vezes digo: ah, mas isso é muito importante, o que estamos aqui a ver ou a fazer, então se calhar temos que deixar aqui registado, que é para não nos esquecermos, que é para ficar...e eles próprios, às vezes, já me dizem, quando há uma canção, ai, mas como é que esta...vamos buscar o livro das canções, ou vamos buscar o livro das poesias, ou qualquer coisa que nos queremos lembrar, uma história que inventámos e que temos no livro...

Ent.: Exato.

Suj.: Pronto. Isto são só mais algumas...

Ent.: ...fica lá registado.

Suj.: Exatamente. Portanto, são as tais formas de estimular a escrita e de incentivar e de levar a perceber o valor da escrita enquanto escrita.

Ent.: Exato. E...cria espaços de maior concentração, para que a criança possa, livremente, explorar a linguagem escrita?

Suj.: Ah...é assim: eu gostava até de ter um espaço na minha sala, que já houve um ano que tive, que chamava exatamente, o cantinho da escrita, das atividades da escrita.

Ent.: Pois.

Suj.: E nesta fase, isso para eles, meninos que já vão para o 1.º ciclo no ano seguinte, isso fá-los sentir muito crescidos e, pronto, estimula muito, assim como também...ah...pronto, a área da matemática, pronto. São duas áreas que eu, quando tenho possibilidade, gosto de ter...neste momento, tenho algumas limitações de espaço.

Ent.: Pois.

Suj.: Porque já tenho pensado várias vezes e gostava de ter um espaço que fosse...porque eu acho que isso incentiva mais e leva as crianças a sentirem que aquele também é um espaço específico daquelas atividades, que eles muitas vezes consideram...pronto, há atividades de meninos crescidos que nós começamos a fazê-las desde os três anos, cada uma adequadas às diferentes idades, mas...ah...neste momento, portanto, não tem...mas o que acontece é que, por exemplo, se há uma criança que, ah...se é uma atividade que está o grupo todo a fazer...pronto, e eu geralmente até lhes transmito, pronto, olha há coisas que nós temos que estar mais concentrados, então não podemos ter tanto barulho, ou assim...outras vezes, também já tem acontecido, se é uma situação de um pequeno grupo até já temos feito, ou num outro cantinho da sala ou já temos tentado criar, fazermos num espaço fora da sala, já tem acontecido, por exemplo, então estamos a inventar uma história e vamos escrever e vamos ver...ou estamos a fazer num pequenino grupo, então este pequenino grupo... olha, vamos fazer ali noutra espaço para realmente nos conseguirmos concentrar melhor e conseguirmos fazer melhor. Ah...é então atividades em que estamos a explorar um jogo, e tento que realmente haja...se for com um pequeno grupo, tento que estejamos um pouco...num espaço em que possamos estar mais concentrados...

Ent.: ...mais à parte...

Suj.: ...não sei se estou a responder bem àquilo que a Helena estava a perguntar...

Ent.: Sim, sim, sim! Perfeitamente. Perfeitamente.

Suj.: ...mas é isso...exatamente para estimular essa concentração. Quando é uma situação em que está o grupo todo, em que estamos...pronto, tento colocar, tento fazer esse tipo de situações, pronto, em que estamos em roda, em que nos estamos a ver todos, em que ...em que conseguimos estar a comunicar, ou então se for uma coisa para colocarmos na parede, em que estamos todos, pronto, para que se consiga visualizar, se consiga...pronto. Esse jogo, por exemplo, de identificação de palavras, que já temos feito: cada um está com uma palavra e então, pomos ali uma palavra e depois os outros têm que procurar qual a palavra que têm igual à que está...à que está lá...pronto,

quando são assim situações em que está o grupo todo, pronto, é só apelar a que, realmente, precisamos de estar concentrados, porque é uma coisa que se conseguirmos estar concentrados é que conseguimos fazer. Quando são em pequenos grupos, tentar criar um espacinho mais reservado ou vamos, por exemplo, temos o espacinho da biblioteca, ou temos o cantinho...pronto, no nosso tapete, que pedimos aos nossos amigos para irem fazer uns jogos ou assim num outro espaço...

Ent.: Exato.

Suj.: ...tentamos criar assim dentro dessa forma.

Ent.: Ok. Ah...já percebi que atribui alguma importância à abordagem à escrita...

Suj.: Sim.

Ent.:...na educação pré-escolar. Que benefícios, porque era essa a questão que eu tinha a seguir, qual a importância que atribuí. Pergunto-lhe também que benefícios considera que a linguagem escrita poderá trazer às crianças, nomeadamente em termos de continuidade educativa?

Suj.: Pronto. Eu considero que é muito importante na medida em que...isso é...faz parte do crescimento, a escrita, vá, faz parte da nossa vida...

Ent.: Exato.

Suj.: ...e portanto, enquanto estivermos a estimular, estamos, logo à partida, a preparar, também, para alguma coisa que vai fazendo, que faz parte da nossa vida e que é importante na nossa vida. Ah...e depois, eu penso que aqui quer-se referir também à questão depois do 1.º ciclo e que...

Ent.: Exato, da transição. Aqui já estou a entrar mais para a transição para o 1.º ciclo.

Suj.: Exato. Pronto. E...e parece-me que, se a criança vai, à partida, já com... uma abertura, ah...já não é uma coisa que lhe surge de completamente novo, portanto e vai com...e lá está, nós no pré-escolar fazemos as coisas de uma forma sempre muito mais lúdica, não é?

Ent.: Exato.

Suj.: E isso é muito importante, porque é feito de uma forma a que a criança tenha... faça com prazer, que aquilo é uma coisa agradável, o ir aprender a escrever, o ir aprender a ler... ainda há bocadinho, por acaso, era uma das conversas que estávamos a ter na sala, estávamos a ver quem eram os meninos que iam para o 1.º ciclo no próximo ano e uma das coisas que uma menina perguntou foi: e vamos aprender a escrever?

[Risos]

Suj.: ...e a ler (?), dizia. E eu assim: exatamente, vão aprender a ler e a escrever. Que bom (!), dizia ela.

Ent.: Pois.

Suj.: Pronto. Portanto, ah...e eu, muitas vezes, quando faço algumas destas atividades com eles, também lhes faço referência: olha, sabem, nós estamos a aprender coisas que são de leitura, que são da escrita, que são da matemática, ah...para que eles, pronto, tenham a noção que essas coisas, quando ouvirem falar nelas, quando chegam ao 1.º ciclo, são coisas que eles também já vieram... já foram aprendendo...

Ent.: Exatamente.

Suj.: ...porque às vezes há meninos, já me tem acontecido, de situações...isto mais em relação à matemática, que a matemática é que é mais um bicho papão. Ah...em que tinham uma irmã mais crescida e que dizia: matemática é horrível e ela, quando falávamos em matemática, ela dizia, matemática...! E depois fazíamos brincadeiras sobre a matemática e eu perguntava: então, tu gostaste de fazer? Gostei! Estás a ver...? Isto é a matemática.

Ent.: Pois.

Suj.: Portanto...acho que a mesma coisa pode acontecer em relação ao português, ou à língua portuguesa, ou à escrita. Pronto, se nós apresentarmos e eles tiverem a noção que o que estão a fazer, realmente são coisas que eles depois vão aprender mais a fundo no 1.º ciclo, mas que já conseguem fazer algumas coisas sobre a escrita e...e portanto, já vão com perspetivas abertas, a criança já vai habituada a raciocinar esta parte da identificação, este tipo de jogos, como eu disse que faço, por vezes, da identificação das palavras, do olhar para a palavra, do

reconhecer, do ver a letra e...penso que não seja propriamente a parte do nome da letra que seja importante, o que não quer dizer que não se possa também falar e...

Ent.: Exato.

Suj.: ...e despertar para...mas o ajudá-los a estar curiosos... e a observar, e a estar atentos, e a estar com vontade de...

Ent.: ...a terem aquela predisposição...para aprender.

Suj.: Exatamente. Aquela predisposição...eu penso que isso é um passo importante para quando eles chegam ao 1.º ciclo, que sabem que depois, aí já vão mesmo aprender a ler e a escrever, mas eles vão motivados para, não é?

Ent.: Exatamente.

Suj.: E vão a achar que aquilo é uma coisa interessante, e que é realmente giro, e que se podem fazer coisas muito giras, dentro da leitura e da escrita, e que vão trabalhar sobre aquilo, mas que aquilo também é agradável de se fazer e que também é bom. Portanto, eu penso que, nesta parte, é realmente isso que eu acho que é muito importante no pré-escolar. Para além de tudo o mais...porque depois, cada criança, vai ir numa diferente fase. Nós vamos ter...eu faço o trabalho com os meninos, mas...a própria...a motivação é importante, mas eu sei que há uns que vão conseguir na mesma estar mais motivados e outros vão ir e não vão tão motivados. Mas penso que há um patamar mínimo que é importante em que todos estejam, não é?

Ent.: Exato.

Suj.: Pronto. E é pelo menos, para aí que, depois com cada um, eu vou...pois, se realmente ele está muito curioso...e quer mais...e pronto...vamos tentar avançar mais. Às vezes há outros com que não conseguimos ir tão à frente, mas que me parece ser realmente importante para quando eles chegam ao 1.º ciclo já ir realmente alguns pré-requisitos, digamos, adquiridos. Penso que sim, que é importante.

Ent.: Hum, hum. Muito bem. A colega conhece o programa do 1.º ciclo?

Suj.: Pois, ah...isso por acaso é uma das coisas que eu estou um pouco em falha, porque o que eu conheço é mais de...não é de ter lido o programa e penso que estava na altura, que está na altura de o ler.

Ent.: Pois.

[Risos]

Suj.: Até porque eu até tenho ali, exatamente um livro...é assim: eu não o conheço, não é que eu não o tenha já lido, porque eu, por acaso, tenho um livro em que fala lá de umas coisas em relação ao pré-escolar e ao 1.º ciclo e...pronto, em que há referências, de algumas coisas que são trabalhadas no 1.º ciclo e que são trabalhadas no pré-escolar e assim...agora, é um livro que eu já não pego há um certo tempo...

Ent.: Pois.

Suj.: Se me perguntarem assim: o que é que é mesmo trabalhado ao nível do 1.º ciclo, ah...eu não sei especificamente dizer. Depois também há as diferentes metodologias no 1.º ciclo, não é?

Ent.: Exato.

Suj.: Pronto. Porque eu sei que há as colegas que começam a trabalhar logo pela letra, as colegas que começam a trabalhar pela palavra...pronto. Há diferentes formas. E por isso é que eu dizia, há bocadinho, que a letra pode não ser tão importante assim, porque há muitos que não começam por aí, não é?

Ent.: Exato, exato.

Suj.: Começa pela palavra e depois a palavra é que vai partindo, até depois chegarem à letra e já quase que sabem ler e às vezes ainda não conhecem...há certas letras que não sabem o nome.

Ent.: Exato.

Suj.: Eu estou a dizer isto especificamente, porque aconteceu com o meu filho. Ah...e então...ah...pronto. Mas dizer assim: conheço a fundo o programa do 1.º ciclo, não posso dizer, porque não é verdade.

[Risos]

Ent.: Ok. Ao longo do ano costuma desenvolver ações conjuntas com o 1.º ciclo?

Suj.: Sim, nós temos uma...nomeadamente, como eu dizia, aqui no conselho há uma articulação entre os diferentes níveis de ensino. Ah...e eu tenho feito, já há vários anos, vários...alguns dois, três, não sei. Este ano é também um dos anos em que estou a articular com uma turma de primeiro ano, para onde foram alguns dos meninos que estavam comigo no ano anterior. Porque eles próprios depois é que já dizem: para o ano podemos ser a Turma Amiga!

[Risos]

E então, este ano ficamos Turma Amiga mesmo com um grupinho...não é onde está o maior grupo, mas é onde está um dos meninos que mais referência fez a isso...

Ent.: Pois. Exato.

Suj.: ...para sermos a Turma Amiga no ano seguinte.

Ent.: Para não perder a ligação ao pré-escolar.

Suj.: Exatamente, para não perder a ligação com...com os colegas. Ah...e eu perdi-me um bocadinho...

Ent.: Eu tinha-lhe perguntado se costuma desenvolver ações conjuntas com o 1.º ciclo.

Suj.: Ah, pronto! Portanto aí estão...ah...atividades que nós elaboramos sempre em conjunto e em que se juntam os grupos. Umás vezes juntamo-nos no jardim de infância, outras vezes juntamo-nos no 1.º ciclo, ah...e ainda das últimas vezes...da última vez que nós estivemos juntos, por acaso estivemos a fazer, foi um dos jogos até bastante giro, em que houve muita interação e muita entreajuda entre os meninos do 1.º ciclo e dos meninos do pré-escolar, ah...e costumamos também, sempre, pronto, haver uma parte...tentamos sempre em que haja a perceção dos meninos que estão no pré-escolar, tentarem perceber como é que é a vida dos meninos no 1.º ciclo.

Ent.: Pois.

Suj.: Os meninos do 1.º ciclo já conhecem a do pré-escolar, não é? Mas gostam sempre de vir...

Ent.: Exato.

Suj.: ...e os do 1.º ciclo...Portanto, desta forma, acabamos por ir fazendo a tal transição do pré-escolar para o 1.º ciclo, em vez de ser só no final do ano, que temos aquela visita, como se faz muitas vezes...não, esta transição já vai sendo feita ao longo do ano e, geralmente, tentamos depois, já mais no terceiro período então, em que uma das visitas, especialmente, já...fazemos mesmo atividades e, às vezes, até posso levar eu as atividades para o pré-escolar, mas fazemos mesmo dentro de âmbitos do 1.º ciclo, nomeadamente, ou da escrita, ou da matemática, ou assim...mas por vezes, é a professora do 1.º ciclo até que lança a atividade. Eu peço à colega, pronto...e ela até é que faz, como até tem a atividade toda programada por ela, pronto...para eles sentirem, irem sentido, exatamente, essa...entre aspas, a responsabilidade depois do 1.º ciclo. Portanto, tentamos, que realmente vá havendo logo elementos de transição e eu penso que...há diferentes pontos positivos desta questão da Turma Amiga ser com um ano ou ser com outro ano. Se for com os mais velhinhos temos umas coisas positivas, se for com estes de idades mais próximas, também temos outras, mas é como digo, este é o segundo ou terceiro ano já que eu faço assim onde estavam os meus meninos de um ano anterior e tem sido também bastante positivo.

Ent.: Hum, hum. Ok. Bem, a sua entrevista está a ser tão enriquecedora, que eu estou a saltar perguntas, está-me a responder a duas ou três...

[Risos]

Ent.: ...mas ainda bem, ainda bem. Está a ser muito rica. Ah...uma questão mais específica. Portanto, eu ia-lhe perguntar se desenvolvia atividades com o objetivo de preparar a transição para o novo contexto educativo, já percebi que sim...

Suj.: Exato.

Ent.: ...que tipo de estratégias desenvolve, também já me respondeu, ah...queria-lhe perguntar, especificamente, se a linguagem escrita é uma das suas preocupações quando nos referimos ao processo de transição para a etapa seguinte.

Suj.: Sim, pois...exato. A linguagem escrita é, nomeadamente, portanto...todas estas coisas que eu referi que faço com os meninos, a nível da linguagem escrita, ah...é para estimulá-los para a escrita, ah...

Ent.: Exato.

Suj.: ...eu acho que é assim...nós não estamos, eu não estou a trabalhar, digamos, com o pré-escolar a pensar...no que vai ser no 1.º ciclo, ou não estou, digamos a prepará-los para o 1.º ciclo, não é?

Ent.: Exato. Não é uma preparação.

Suj.: Exato. Não é a prepará-los para o 1.º ciclo, mas é a trabalhar com eles, na faixa etária deles, aquilo que eu considero, e que eles me vão mostrando que é positivo trabalhar com eles, e que é importante trabalhar com eles, no desenvolvimento deles dentro da sua própria faixa etária. Considero que isso depois são mais-valias, e são coisas importantes depois para o desenvolvimento deles também no 1.º ciclo.

Ent.: Exato.

Suj.: Porque todo o processo de desenvolvimento, ah...digamos que é como uma pirâmide, não é? Que vem sendo, construída...uma pirâmide, um prédio, o que quisermos, mas tem que ter alicerces, pronto. E então, os alicerces têm que vir vindo consoante as idades deles, e aquilo que eu estou a trabalhar com eles, nesta faixa etária, eu considero que são alicerces importantes também para eles depois terem um desenvolvimento positivo e progressivo no 1.º ciclo. Mas não...porque...pronto...quero eu com isto dizer, que é tão importante a faixa do pré-escolar, como é importante a faixa do 1.º ciclo, não é? Não...pronto. Mas que considero que é importante isto que estamos a trabalhar isto no pré-escolar, para que depois no 1.º ciclo...haja também um bom desenvolvimento. Mas eu se calhar perdi-me aí um bocadinho no que queria...

Ent.: Não, não. Eu creio que respondeu, eu creio que respondeu...

Suj.: Foi...? Pronto. É que, às vezes, pode não ser muito direcionado...

Ent.: Exato. Eu depois também lhe vou dar a transcrição da entrevista, depois alguma coisa que queira acrescentar ou modificar, está à vontade.

Suj.: Está bem. Pronto.

Ent.: Sente-se insegura quando explora esta área, da linguagem escrita?

Suj.: Não. Não me sinto insegura e...gosto, e gosto muito de trabalhar esta área e é assim: tenho vindo a aprender ao longo dos anos, pois eu acho que nos meus primeiros anos de trabalho não explorava da mesma forma que exploro agora, até porque...pronto, nós vamos lendo, vamos tendo mais formação, vamo-nos preocupando, vamos trabalhando e também vamos vendo quais são as estratégias que...ah...são mais adequadas, aquelas que as crianças se sentem mais motivadas, que...e pronto. Portanto, é uma área de que eu gosto, é um domínio que eu gosto bastante de trabalhar e de explorar e não...não me sinto insegura. Sinto-me antes é...com vontade de aprender, de aprender mais e de procurar mais sugestões e de explorar mais coisas. Às vezes, tenho é a dificuldade de tempo, que é aquela que toda a gente, toda a gente, às vezes, se calhar, tem um bocadinho, que é...há muitas solicitações também hoje em dia e, às vezes, nós quando damos por isso, mas pronto. Penso que o especial é estar atento, porque se se estiver atento, dentro de todas essas solicitações, nós vamos encontrar diferentes coisas e vamos encontrar...ah...diferentes formas de poder explorar exatamente a linguagem e a escrita, vamos encontrar muita coisa...vamos na rua, hoje fomos à Biblioteca, por exemplo, íamos na rua e eram os sinais de trânsito e são palavras que surgem e que umas vezes são eles que me chamam a atenção e outras vezes sou eu que lhes chamo a atenção...olha, mas o que é que será que está ali, vamos ver...portanto, há todo um conjunto de coisas que nós podemos, no nosso dia a dia, ir explorando e portanto...depois deste 25 anos...insegura não me sinto, sinto-me é com vontade de, exatamente, de explorar isso cada vez mais.

Ent.: Ótimo! Penso que nos entremeios também já me respondeu a esta questão, mas eu vou colocá-la à mesma: se sente que o trabalho desenvolvido nesta área poderá ser uma parte constituinte no processo de aprendizagem ao longo da vida, para a criança.

Suj.: Ah, Sim! Claro. Pois...como eu disse há um bocadinho, são os alicerces, não é?

Ent.: Exatamente.

Suj.: Portanto, o que fizermos aqui, ah...e eu acho que é importante não deixarmos passar etapas que...porque se eles, neste momento, estão muito despertados para uma determinada questão, ah...ou para as rimas, por exemplo, ou para as palavras que estão escritas, ou para...é importante que nós peguemos nisso e que não deixemos passar, não é?

Ent.: Exato.

Suj.: É importante que se vá desenvolver, porque estamos a ir ao encontro da curiosidade deles e não há melhor forma de aprender do que quando nós estamos curiosos e estamos com vontade de aprender. E portanto, se...tudo o que fizer, nesse sentido, tudo aquilo que conseguir que seja interesse, estimular-lhes o interesse, estimular-lhes a curiosidade, toda a vontade de aprender, ah...eu acho que vai ser importante ao longo de todo o processo de aprendizagem ao longo da vida. Porque...é importante também nós aprendermos a aprender, não é?

Ent.: Exatamente.

Suj.: E termos interesse em aprender, e gostarmos de aprender, e sentir que o aprender é uma coisa interessante...e boa, não é? Que nós gostamos de fazer, portanto...eu acho que é importante que isso aconteça, desde bem cedo.

Ent.: Exato. Ok. Pronto, e dou por terminada a minha parte, já fiz todas as perguntas que gostaria, não sei se quer acrescentar mais alguma coisa, que se tenha lembrado entretanto...

Suj.: Hum...assim repentinamente...se calhar, depois desta entrevista, vou-me lembrar de muita coisa, depois de chegar a casa...

[Risos]

Suj.: ...sou capaz de pensar assim: ai, não disse isto ou não disse aquilo, ah...mas pronto, isto foi aquilo que saiu no momento, sem qualquer tipo de preparação, ah...neste momento não me lembro.

Ent.: Ok. Está bom. Então muito obrigada, mais uma vez.

Suj.: De nada. Obrigada eu.

ANEXO IV - PRIMEIRO TRATAMENTO DA ENTREVISTA À EDUCADORA CINHA

[Idade] (...) *46 anos de idade (...)*

[Tempo de serviço] (...) *Faço 25 em Outubro. (...)*

[Formação] (...) *a minha formação é o Bacharelato, mais o Complemento de Formação (...)*

[Ação educativa em contexto de jardim de infância] (...) *antes de entrar para a rede pública, eu trabalhei em Jardim de Infância particular e trabalhei numa I.P.S.S. [Instituição Particular de Solidariedade Social] e nessa I.P.S.S. houve um ano que trabalhei com...A.T.L.*

[Atividades de Tempos Livres] (...)

[Significado atribuído às Orientações Curriculares] (...) *são mudanças positivas, nomeadamente esse documento (...) comentávamos que realmente era importante que houvesse alguma coisa, que desse alguma orientação (...) até aí, de certa forma, cada uma trabalhava... aquilo que considerava que era importante (...)*

(...) *é importante que exista realmente liberdade em termos de cada uma adequar aos grupos aquilo que considera importante (...)*

(...) *penso que são realmente importantes, porque são uma (...) linha orientadora (...)*

(...) todas sabemos que pelo menos aqueles aspetos que é importante focar, que são coisas importantes dentro da educação pré-escolar (...)

(...) é importante enquanto orientação (...)

[Aspetos relevantes da participação no Agrupamento] (...) há mais-valias importantes em estarmos num Agrupamento, nomeadamente neste Agrupamento onde eu estou (...) há uma certa dinâmica de interação entre os diferentes grupos, entre os diferentes níveis de ensino (...) e eu considero que isso é realmente importante. Ah...o que eu considero que é menos positivo...é o facto de nem sempre se ter em atenção a especificidade do pré-escolar (...)

(...) Tem que haver uma liberdade de ação e...por enquanto, pronto, nós ainda somos as gestoras do currículo (...)

(...) Vai havendo abertura da parte do Agrupamento (...) também é uma aprendizagem de parte a parte. Nós temos que nos adaptar, o próprio Agrupamento tem que se adaptar à nossa realidade (...)

[Papel do educador no atual contexto] (...) junto do nosso órgão de gestão também...como quando temos reuniões, quando há discussões de diferentes assuntos, colocarmos aquilo que nós, enquanto educadoras, achamos que é importante manter no pré-escolar e que há coisas, especificidades que não podem...não devem ser alteradas...ou então, porque nós sabemos que temos que nos ir adaptando às novas coisas que existem (...)

(...) as alterações têm que ser sempre com a devida adequação...ao nível de ensino em que...em que nós estamos (...) neste momento...a conjuntura não...não é...não é, não é fácil (...) eu sinto que...neste momento nós, educadoras, temos que estar atentas para continuarmos a realizar um bom trabalho e adequado ao um nível etário com que nós...ah...com que nós estamos (...)

(...) Não esquecendo a nossa especificidade (...)

[Perspetiva curricular] *(...) Eu não, eu não sigo um...um modelo específico. Tenho a pedagogia de projeto como uma certa linha orientadora (...)*

(...) vou beber um bocadinho às diferentes fontes (...) faço a adequação dentro daquilo que eu sinto enquanto educadora, dentro do grupo que vou ter nesse ano (...)

(...) mas realmente a pedagogia de projeto...só que...é aquela que tenho mais como...como base tendo sempre, pronto, em atenção os interesses das crianças, as propostas das crianças e as próprias propostas que eu trago (...)

[Presença da linguagem escrita nos diferentes espaços] *(...) Sim (...) tento (...)*

(...) definirmos as palavras com os nomes das diferentes áreas (...)

(...) as palavras [que estão a ser exploradas] estão expostas na sala (...)

(...) o quadro das presenças (...) é uma das coisas que eles usam muito (...)

(...) temos os nomes escritos de diferentes formas, com diferentes tipos de letras e que eles possam identificar (...)

[Predisposição das crianças para a aprendizagem da escrita] *(...) Sim, sinto (...) tenho lá um menino que já sabe ler (...) não só isto, mas também o ele ler, faz com que o resto do grupo esteja muito desperto (...)*

(...) vejo realmente uma predisposição grande do grupo (...)querem coisas para ler e vêm pedir (...) aparece uma palavra, ah...e eles fazem comparações (...)

(...) e solicitam, inclusivamente, para nós lhes escrevermos, às vezes, determinadas coisas que eles querem, ah...e, portanto, percebo que há realmente ali a emergência (...)

(...) vai surgindo, de certa forma, naturalmente, a vontade de conhecer e de ler (...)

[Desenvolvimento de pré-requisitos para a aprendizagem da escrita] *(...) Sim (...) penso que, ah...quanto mais...ah...nós estimularmos, quanto mais coisas proporcionarmos, quanto mais incentivador for, quanto mais atividades diversas nós conseguirmos proporcionar, ah...pois, mais desperta a criança vai estar, mais vontade vai ter de conhecer, ah...vai querer, vai ficar curiosa em relação a (...)*

(...) e o ajudar a raciocinar e a pensar e fazer, exatamente, esse tipo de associações (...)

(...) [estamos] a contribuir para que esse processo seja, seja...para uma evolução, se calhar, um pouco mais rápida e seja positiva (...)

(...) mas que me parece ser realmente importante para quando eles chegam ao 1.º ciclo já ir realmente alguns pré-requisitos, digamos, adquiridos. (...)

[Estratégias e atividades] (...) nomeadamente coisas que as crianças por vezes contam e que são importantes para elas, os registos [escritos] (...) eles já copiam aquilo que eu lá registei (...) ir lendo à medida que vou escrevendo (...)

(...) ficheiros com imagens e com a palavra, em que eles fazem a associação (...)

(...) as próprias rimas (...) as brincadeiras que fazemos com os nomes (...) o procurar palavras que começam com a letra do nome deles (...) vamos procurar outras palavras e depois até escrevemos.(...)

(...) surgem sempre palavras relacionadas com (...) esse tema [que está a ser explorado] (...) jogos de identificação com essas palavras (...)

as palavras estão expostas na sala, eles põem essas palavras também nos trabalhos (...) brincar com palavras e com as sílabas (...)

[Criação de espaços para a exploração da linguagem escrita] (...) *eu gostava até de ter um espaço na minha sala (...)*

[Importância atribuída a este domínio] (...) *considero que é muito importante (...) faz parte do crescimento (...) a escrita, vá, faz parte da nossa vida (...) enquanto estivermos a estimular, estamos, logo à partida, a preparar, também, para alguma coisa que vai fazendo, que faz parte da nossa vida e que é importante na nossa vida (...)*

[Benefícios em termos de continuidade educativa] (...) *se a criança vai [para o 1.º ciclo], à partida, já com... uma abertura (...) já não é uma coisa que lhe surge de completamente novo (...) [no pré-escolar] é feito de uma forma a que a criança (...) faça com prazer, que aquilo é uma coisa agradável, o ir aprender a escrever, o ir aprender a ler (...)*

(...) se nós apresentarmos e eles tiverem a noção que o que estão a fazer, realmente são coisas que eles depois vão aprender mais a fundo no 1.º ciclo (...) já conseguem fazer algumas coisas sobre a escrita (...) já vão com perspetivas abertas (...) a criança já vai habituada a raciocinar esta parte da identificação (...)

(...) penso que isso [a predisposição] é um passo importante para quando eles chegam ao 1.º ciclo (...) sabem que depois, aí já vão mesmo aprender a ler e a escrever, mas eles vão motivados para (...)

(...) vão a achar que aquilo é uma coisa interessante (...) e que se podem fazer coisas muito giras, dentro da leitura e da escrita e que vão trabalhar sobre aquilo (...)

[Linguagem escrita como parte constituinte da aprendizagem ao longo da vida] (...) Sim. Claro! (...) são os alicerces (...)

(...) se...tudo o que fizer, nesse sentido, tudo aquilo que conseguir que seja interesse, estimular-lhes o interesse (...) acho que vai ser importante ao longo de todo o processo de aprendizagem ao longo da vida (...) é importante também nós aprendermos a aprender (...)

[Conhecimento do Programa do 1.º Ciclo] (...) isso por acaso é uma das coisas que eu estou um pouco em falha (...) é assim: eu não o conheço, não é que eu não o tenha já lido (...)

(...) mas dizer assim: conheço a fundo o programa do 1.º ciclo, não posso dizer, porque não é verdade.(...)

[Ações desenvolvidas de forma conjunta] (...) sim (...) este ano é também um dos anos em que estou a articular com uma turma de

primeiro ano (...)

(...) atividades que nós elaboramos sempre em conjunto e em que se juntam os grupos. Uma vez juntamo-nos no jardim de infância, outras vezes juntamo-nos no 1.º ciclo (...) tentamos sempre em que haja a perceção dos meninos que estão no pré-escolar, tentarem perceber como é que é a vida dos meninos no 1.º ciclo (...)

(...) acabamos por ir fazendo a tal transição do pré-escolar para o 1.º ciclo, em vez de ser só no final do ano (...) depois, já mais no terceiro período então, em que uma das visitas (...) fazemos mesmo atividades (...) fazemos mesmo dentro de âmbitos do 1.º ciclo, nomeadamente, ou da escrita (...) para eles sentirem, irem sentido, exatamente, essa...entre aspas, a responsabilidade depois do 1.º ciclo (...)

[Preocupação com a linguagem escrita no processo de transição] *(...) Sim (...) todas estas coisas que eu referi que faço com os meninos, a nível da linguagem escrita (...) é para estimulá-los para a escrita (...)*

(...) eu não estou a trabalhar, digamos, com o pré-escolar a pensar...no que vai ser no 1.º ciclo (...) não estou, digamos, a prepará-los para o 1.º ciclo (...) [estou] a trabalhar com eles, na faixa etária deles, aquilo que eu considero, e que eles me vão mostrando que é positivo trabalhar com eles (...) considero que isso depois são mais valias (...) são coisas importantes depois para o desenvolvimento deles também

no 1.º ciclo (...) aquilo que eu estou a trabalhar com eles, nesta faixa etária, são alicerces importantes também para eles depois terem um desenvolvimento positivo e progressivo no 1.º ciclo (...)

[Sentimentos que esta área lhe suscita] (...) *não me sinto insegura (...) gosto, e gosto muito de trabalhar esta área (...) Sinto-me antes é...com vontade de aprender, de aprender mais (...) e de procurar mais sugestões (...) e de explorar mais coisas (...)*

ANEXO V - PRÉ-CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA DA EDUCADORA CINHA

Unidades de sentido

1. **[Idade]** (...) *46 anos de idade* (...)
2. **[Tempo de serviço]** (...) *Faço 25 em Outubro.* (...)
3. **[Formação]** (...) *a minha formação é o Bacharelato* (...)
4. (...) *mais o Complemento de Formação* (...)
5. **[Ação educativa em contexto de jardim de infância]** (...) *antes de entrar para a rede pública* (...) *trabalhei em Jardim de Infância particular* (...)
6. (...) *e numa I.P.S.S. [Instituição Particular de Solidariedade Social]* (...)
7. (...) *houve um ano que trabalhei com ...A.T.L. [Atividades de Tempos Livres]* (...).
8. **[Significado atribuído às Orientações Curriculares]** (...) *são mudanças positivas, nomeadamente esse documento* (...)
9. (...) *comentávamos que realmente era importante que houvesse alguma coisa, que desse alguma orientação* (...)
10. (...) *até aí, de certa forma, cada uma trabalhava... aquilo que considerava que era importante* (...)
11. (...) *é importante que exista realmente liberdade em termos de cada uma adequar aos grupos aquilo que considera importante* (...)

-
12. (...) *penso que são realmente importantes (...)*
 13. (...) *porque são uma (...) linha orientadora (...)*
 14. (...) *todas sabemos que pelo menos aqueles aspetos que é importante focar (...)*
 15. (...) *que são coisas importantes dentro da educação pré-escolar (...)*
 16. (...) *é importante enquanto orientação (...).*
 17. **[Aspetos relevantes da participação no Agrupamento]** (...) *eu penso que (...) há mais-valias importantes em estarmos num Agrupamento (...)*
 18. (...) *nomeadamente neste Agrupamento onde eu estou (...) há uma certa dinâmica de interação entre os diferentes grupos, entre os diferentes níveis de ensino (...) eu considero que isso é realmente importante. (...)*
 19. (...) *o que eu considero que é menos positivo...é o facto de nem sempre se ter em atenção a especificidade do pré-escolar (...)*
 20. (...) *Tem que haver uma liberdade de ação (...)*
 21. (...) *por enquanto, pronto, nós ainda somos as gestoras do currículo (...)*
 22. (...) *Vai havendo abertura da parte do Agrupamento (...)*
 23. (...) *também é uma aprendizagem de parte a parte. Nós temos que nos adaptar, o próprio Agrupamento tem que se adaptar à nossa realidade (...)*

-
24. **[Papel do educador no atual contexto]** (...) *junto do nosso órgão de gestão (...) quando temos reuniões, quando há discussões de diferentes assuntos, colocarmos aquilo que nós, enquanto educadoras, achamos que é importante manter no pré-escolar (...)*
25. (...) *e que há coisas, especificidades que não podem...não devem ser alteradas (...)*
26. (...) *nós sabemos que temos que nos ir adaptando às novas coisas que existem (...) (...) as alterações têm que ser sempre com a devida adequação...ao nível de ensino em que...em que nós estamos. (...)*
27. (...) *neste momento...a conjuntura não...não é...não é, não é fácil (...)*
28. (...) *eu sinto que...neste momento nós, educadoras, temos que estar atentas para continuarmos a realizar um bom trabalho e adequado ao nível etário (...) com que nós estamos (...)*
29. (...) *Não esquecendo a nossa especificidade (...)*
30. **[Perspetiva curricular]** (...) *eu não sigo um...um modelo específico. (...)*
31. (...) *Tenho a pedagogia de projeto como uma certa linha orientadora (...)*
32. (...) *vou beber um bocadinho às diferentes fontes (...)*
33. (...) *faço a adequação dentro daquilo que eu sinto enquanto educadora, dentro do grupo que vou ter nesse ano (...)*
34. (...) *mas realmente a pedagogia de projeto (...) é aquela que tenho mais (...) como base (...)*
35. (...) *tendo sempre (...) em atenção os interesses das crianças, as propostas das crianças e as próprias propostas que eu trago. (...)*

-
36. **[Presença da linguagem escrita nos diferentes espaços]** (...) *Sim* (...)
 37. (...) *tento* (...)
 38. (...) *definirmos as palavras com os nomes das diferentes áreas* (...)
 39. (...) *as palavras* [que estão a ser exploradas] *estão expostas na sala* (...)
 40. (...) *o quadro das presenças* (...) *é uma das coisas que eles usam muito* (...)
 41. (...) *temos os nomes escritos de diferentes formas, com diferentes tipos de letras e que eles possam identificar* (...)
 42. **[Predisposição das crianças para a aprendizagem da escrita]** (...) *Sim, sinto* (...).
 43. (...) *tenho lá um menino que já sabe ler* (...)
 44. (...) *não só isto, mas também o ele ler, faz com que o resto do grupo esteja muito desperto* (...)
 45. (...) *vejo realmente uma predisposição grande do grupo* (...)
 46. (...) *querem coisas para ler e vêm pedir* (...)
 47. (...) *aparece uma palavra* (...) *e eles fazem comparações* (...)
 48. (...) *e solicitam, inclusivamente, para nós lhes escrevermos, às vezes, determinadas coisas que eles querem* (...)
 49. (...) *percebo que há realmente ali a emergência* (...)
 50. (...) *vai surgindo, de certa forma, naturalmente, a vontade de conhecer e de ler* (...)

-
51. **[Desenvolvimento de pré-requisitos para a aprendizagem da escrita]** (...) *Sim (...)*
52. (...) *penso que (...)* quanto mais (...) nós estimularmos, quanto mais coisas proporcionarmos, quanto mais incentivador for, quanto mais atividades diversas nós conseguirmos proporcionar (...) mais desperta a criança vai estar (...) mais vontade vai ter de conhecer (...) vai ficar curiosa em relação a (...)
53. (...) *e o ajudar a raciocinar e a pensar e fazer, exatamente, esse tipo de associações (...)*
54. (...) [estamos] *a contribuir para que esse processo seja, seja...para uma evolução, se calhar, um pouco mais rápida e seja positiva (...)*
55. (...) *mas que me parece ser realmente importante para quando eles chegam ao 1.º ciclo já ir realmente alguns pré-requisitos, digamos, adquiridos (...)*
56. **[Estratégias e atividades]** (...) *coisas que as crianças por vezes contam e que são importantes para elas, os registos [escritos] (...)*
57. (...) *eles já copiam aquilo que eu lá registei (...)*
58. (...) *ir lendo à medida que vou escrevendo (...)*
59. (...) *ficheiros com imagens e com a palavra, em que eles fazem a associação (...)*
60. (...) *surtem sempre palavras relacionadas com (...) esse tema [que está a ser explorado] (...)*
61. (...) *jogos de identificação com essas palavras (...)*

-
62. (...) *as palavras estão expostas na sala (...) eles põem essas palavras também nos trabalhos (...)*
63. (...) *brincar com palavras e com as sílabas (...)*
64. (...) *as próprias rimas (...)*
65. (...) *as brincadeiras que fazemos com os nomes (...) o procurar palavras que começam com a letra do nome deles (...) vamos procurar outras palavras e depois até escrevemos (...)*
66. **[Criação de espaços para a exploração da linguagem escrita]** (...) *eu gostava até de ter um espaço na minha sala (...)*
67. **[Importância atribuída a este domínio]** (...) *considero que é muito importante (...)*
68. (...) *faz parte do crescimento (...)*
69. (...) *a escrita, vá, faz parte da nossa vida (...)*
70. (...) *enquanto estivermos a estimular, estamos, logo à partida, a preparar, também, para alguma coisa que vai fazendo, que faz parte da nossa vida e que é importante na nossa vida (...)*
71. **[Benefícios em termos de continuidade educativa]** (...) *se a criança vai [para o 1.º ciclo], à partida, já com... uma abertura (...) já não é uma coisa que lhe surge de completamente novo (...)*
72. (...) *[no pré-escolar] é feito de uma forma a que a criança (...) faça com prazer, que aquilo é uma coisa agradável, o ir aprender a escrever, o ir aprender a ler (...)*

-
73. (...) *se nós apresentarmos e eles tiverem a noção que o que estão a fazer, realmente são coisas que eles depois vão aprender mais a fundo no 1.º ciclo (...)*
74. (...) *já conseguem fazer algumas coisas sobre a escrita (...)*
75. (...) *já vão com perspetivas abertas (...)*
76. (...) *a criança já vai habituada a raciocinar esta parte da identificação (...)*
77. (...) *penso que isso [a predisposição] é um passo importante para quando eles chegam ao 1.º ciclo (...)*
78. (...) *sabem que depois, aí já vão mesmo aprender a ler e a escrever (...)*
79. (...) *eles vão motivados para (...)*
80. (...) *vão a achar que aquilo é uma coisa interessante (...)*
81. (...) *e que se podem fazer coisas muito giras, dentro da leitura e da escrita (...)*
82. (...) *[sabem] que vão trabalhar sobre aquilo (...)*
83. **[Linguagem escrita como parte constituinte da aprendizagem ao longo da vida] (...)** *Sim. Claro! (...)*
84. (...) *são os alicerces (...)*
85. (...) *se...tudo o que fizer, nesse sentido, tudo aquilo que conseguir que seja interesse, estimular-lhes o interesse (...)*
86. (...) *acho que vai ser importante ao longo de todo o processo de aprendizagem ao longo da vida (...)*

-
87. (...) *é importante também nós aprendermos a aprender (...)*
88. **[Conhecimento do Programa do 1.º Ciclo]** (...) *isso por acaso é uma das coisas que eu estou um pouco em falha (...)*
89. (...) *é assim: eu não o conheço, não é que eu não o tenha já lido (...)*
90. (...) *mas dizer assim: conheço a fundo o programa do 1.º ciclo, não posso dizer, porque não é verdade (...)*
91. **[Ações desenvolvidas de forma conjunta]** (...) *sim (...)*
92. (...) *este ano é também um dos anos em que estou a articular com uma turma de primeiro ano (...)*
93. (...) *atividades que nós elaboramos sempre em conjunto e em que se juntam os grupos [pré-escolar e de 1.º ciclo] (...)*
94. (...) *Umás vezes juntamo-nos no jardim de infância, outras vezes juntamo-nos no 1.º ciclo (...)*
95. (...) *tentamos sempre em que haja a perceção dos meninos que estão no pré-escolar, tentarem perceber como é que é a vida dos meninos no 1.º ciclo (...)*
96. (...) *acabamos por ir fazendo a tal transição do pré-escolar para o 1.º ciclo, em vez de ser só no final do ano (...)*
97. (...) *depois, já mais no terceiro período então, em que uma das visitas (...) fazemos mesmo atividades (...)*
98. (...) *fazemos mesmo dentro de âmbitos do 1.º ciclo, nomeadamente, ou da escrita (...)*
99. (...) *para eles sentirem, irem sentido, exatamente, essa...entre aspas, a responsabilidade depois do 1.º ciclo (...)*
100. **[Preocupação com a linguagem escrita no processo de transição]** (...) *Sim (...)*

-
101. (...) *todas estas coisas que eu referi que faço com os meninos, a nível da linguagem escrita (...) é para estimulá-los para a escrita*
(...)
102. (...) *eu não estou a trabalhar, digamos, com o pré-escolar a pensar...no que vai ser no 1.º ciclo (...)*
103. (...) *não estou, digamos, a prepará-los para o 1.º ciclo (...) [estou] a trabalhar com eles, na faixa etária deles, aquilo que eu considero, e que eles me vão mostrando que é positivo trabalhar com eles (...) considero que isso depois são mais valias (...) são coisas importantes depois para o desenvolvimento deles também no 1.º ciclo (...) aquilo que eu estou a trabalhar com eles, nesta faixa etária, são alicerces importantes também para eles depois terem um desenvolvimento positivo e progressivo no 1.º ciclo (...)*
104. **[Sentimentos que esta área lhe suscita]** (...) *não me sinto insegura (...)*
105. (...) *gosto, e gosto muito de trabalhar esta área (...)*
106. (...) *Sinto-me antes é...com vontade de aprender, de aprender mais (...) e de procurar mais sugestões (...) e de explorar mais coisas*
(...)

ANEXO VI - GRELHA DE CATEGORIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO – ENTREVISTAS ÀS EDUCADORAS

TEMAS	CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS
1. Dados de carácter geral.	1.1. Caracterização como profissional.	1.1.1. Idade.
		1.1.2. Tempo de serviço.
		1.1.3. Formação.
	1.2. Identidade profissional.	1.2.1. Percurso profissional
		1.2.2. Aspectos mais marcantes desse percurso.
		1.2.3. Experiência profissional.
2. Papel da educação pré-escolar.	2.1. Mudanças ocorridas na educação pré-escolar.	
	2.2. Representações sobre o papel da educação pré-escolar no contexto atual.	2.2.1. Aspectos relevantes da participação no Agrupamento.
		2.2.2. Papel do educador no atual contexto.
3. Gestão Curricular.	3.1. Prática Pedagógica.	3.1.1. Perspetiva curricular.
		3.1.2. Presença da linguagem escrita na sala.
	3.2. Intencionalidade educativa na abordagem à escrita.	3.2.1. Predisposição das crianças para a aprendizagem da escrita.
		3.2.2. Desenvolvimento de pré-requisitos para a aprendizagem da escrita.
		3.2.3. Estratégias e atividades.

		3.2.4. Criação de espaços para a exploração da linguagem escrita.
4. Concepções sobre a linguagem escrita na educação pré-escolar/processo de transição.	4.1. A linguagem escrita.	
	4.2. Representações sobre a linguagem escrita na educação pré-escolar.	4.2.1. Benefícios em termos de continuidade educativa.
		4.2.2. Linguagem escrita como parte constituinte da aprendizagem ao longo da vida.
	4.3. Articulação curricular.	4.3.1. Conhecimento do programa do 1.º ciclo.
		4.3.2. Ações desenvolvidas de forma conjunta.
	4.4. A linguagem escrita no processo de transição.	4.4.1. Preocupação com a linguagem escrita no processo de transição.
		4.4.2. Sentimentos que este domínio lhe suscita.

ANEXO VII - CATEGORIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS ÀS EDUCADORAS
(Quadro comparativo)

CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	Cinha	Madalena	Manuela	Total
1.1.CATEGORIZAÇÃO COMO PROFISSIONAL	1.1.1.Idade	<ul style="list-style-type: none"> • (...) 46 anos de idade (...) • (...) 43 anos (...) • (...) 51 anos (...) 	x	x	x	1 1 1
	1.1.2. Tempo de serviço	<ul style="list-style-type: none"> • (...) Faço 25 em Outubro. (...) • (...) 20 anos de serviço (...) • (...) 26 anos de serviço completos. Este é o 27.º (...) 	x	x	x	1 1 1
	1.1.3. Formação	<ul style="list-style-type: none"> • (...) a minha formação é o Bacharelato (...) • (...) mais o Complemento de Formação (...) • (...) tenho quatro anos de curso [médio] (...) • (...) mais seis meses de bacharelato (...) 	x x	x x x	x x	2 3 1 1
1.2. IDENTIDADE PROFISSIONAL	1.2.1. Percurso profissional	<ul style="list-style-type: none"> • (...) como habilitação suficiente, comecei a dar aulas em Monchique, de Biologia e Ciências, ao 7.º, 8.º e 9.º anos (...) • (...) [depois] fiquei quatro anos nos Açores a dar Biologia (...) • (...) Fui para o jardim de infância, contratada. Estive mais quatro anos (...) • (...) Depois de vir dos Açores...fiquei colocada em Beja (...) • (...) e fui trabalhar para um jardim de infância no Barreiro (...) • (...) depois, por problemas pessoais, perdi um ano de serviço (...) • (...) No ano seguinte, fiquei colocada em Santarém (...) • (...) Saí dali com um destacamento para a Cercima [jardim de infância],no Montijo (...) • (...) por motivos pessoais, concorri à mudança de distrito e vinculei, mudei o meu vínculo para o Algarve. Fiquei colocada em Quarteira (...) • (...) Estive um ano em Quarteira e, a seguir, três anos em Albufeira (...) • (...) passei depois aqui para Olhão (...) este é o quarto ano que estou aqui (...) • (...) Fui coordenadora de conselho de docentes, aqui, no primeiro ano que vim, o que foi muito bom (...) • (...) Fui colocada na Mexilhoeira da Carregação, estive lá um ano, perto de Portimão (...) • (...) Depois estive quatro anos em Tavira (...) 		x x x x x x x x x x x x x	x x x x	1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1

		<ul style="list-style-type: none"> • (...) depois vim para São Brás de Alportel, para o antigo jardim de infância (...) • (...) Depois vim para este jardim de infância e cá estou há muitos anos. Desde 1986 que estou cá (...) • (...) Há dois anos é que fui coordenadora da articulação curricular e coordenadora de docentes, quando foi o Agrupamento Vertical e fui avaliadora também (...) 			x	1
					x	1
					x	1
	1.2.2. Aspetos mais marcantes desse percurso	<ul style="list-style-type: none"> • (...) [Nos Açores] (...) Foi uma experiência muito boa, foi espetacular, havia uma grande proximidade com a família, havia...tudo o que era coletividades, em zonas pequenas tem um peso enorme, tremendo (...) • (...) [nos Açores] então fazíamos coisas muito giras (...) envolvia assim a comunidade toda, havia uma grande envolvimento (...) • (...) adorei estar no Montijo (...) Foram dois anos espetaculares, em que havia uma parceria muito forte entre a Autarquia, entre a equipa dos Apoios Educativos da rede pública e o jardim de Infância da Cercima (...) • (...) [quando estive nos apoios educativos] foi para mim um grande choque. Porque achei que...não havia...técnicos especializados em temos de terapias (...) E mesmo a equipa não era uma equipa multidisciplinar, a equipa éramos nós: educadores e professores de apoio. E...não tínhamos materiais quase nenhuns para trabalhar (...) Não me sentia realizada, nem pelo que fazia, não me identificava nada com aquela equipa de apoios (...) • (...) [no antigo jardim de infância de São Brás] Aquilo era uma maravilha! Só duas salas, os meninos saíam às 16h30 (...) eram seis horas diárias. Mas não havia prolongamentos (...) gostei muito de trabalhar lá (...) • (...) Eu acho que o que me marcou muito foi mesmo o Projeto Educação e Culturas [intercâmbio com um jardim de infância de Nante, França] (...) • (...) E uma quermesse que também fizemos um ano. Conseguimos, com essa quermesse e com a ajuda dos pais, comprar o computador para a escola. Foi o primeiro computador em São Brás nas escolas (...) 		x	1	
					x	1
					x	1
					x	1
	1.2.3. Experiência	<ul style="list-style-type: none"> • (...) antes de entrar para a rede pública (...) trabalhei em Jardim de 				

	profissional	<i>Infância particular (...)</i>	x			1
		• (...) e numa I.P.S.S. [Instituição Particular de Solidariedade Social] (...)	x			1
		• (...) houve um ano que trabalhei com ...A.T.L. [Atividades de Tempos Livres] (...)	x			1
		• (...) Nesses três anos em Albufeira, o primeiro estive nos apoios educativos (...)		x		1
		• (...) Sempre em contexto de jardim de infância (...)			x	1
2.1.MUDANÇAS OCORRIDAS NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR		• (...) são mudanças positivas, nomeadamente esse documento (...)	x			1
		• (...) comentávamos que realmente era importante que houvesse alguma coisa, que desse alguma orientação (...)	x			1
		• (...) até aí, de certa forma, cada uma trabalhava... aquilo que considerava que era importante (...)	x			1
		• (...) é importante que exista realmente liberdade em termos de cada uma adequar aos grupos aquilo que considera importante (...)	x			1
		• (...) penso que são realmente importantes (...)	x			1
		• (...) porque são uma (...) linha orientadora (...)	x			1
		• (...) todas sabemos que pelo menos aqueles aspetos que é importante focar (...)	x			1
		• (...) que são coisas importantes dentro da educação pré-escolar (...)	x			1
		• (...) é importante enquanto orientação (...)	x			1
		• (...) acho que arrumou as coisas (...)		x	x	2
		• (...) rotulou um bocado, pela positiva (...)		x		1
		• (...) veio classificar, agrupar, não é? Aquilo que andávamos um pouco perdidos (...)		x		1
		• (...) veio sistematizar as coisas, acho que está tudo...é funcional, é prático (...)		x		1
		• (...) acho que as Orientações estão numa linguagem técnica (...)		x		1
		• (...) traz assim uns pareceres científicos aquilo que nós fazemos (...)		x		1
		• (...) Fundamenta e suporta a nossa ação (...)		x		1
		• (...) Acho que elas organizaram muito bem as áreas de conteúdo (...)			x	1
		• (...) o espaço organizativo da educação (...)			x	1
		• (...) eu gostei, gosto muito de trabalhar com as Orientações Curriculares (...)			x	1
		• (...) Permite-nos, pronto, dar asas à imaginação (...) não são				

		<i>estanques (...)</i>			x	1
2.2.REPRESENTAÇÕES SOBRE O PAPEL DA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR NO CONTEXTO ATUAL	2.2.1. Aspetos relevantes da participação no Agrupamento	• (...) <i>eu penso que (...)</i> há mais-valias importantes em estarmos num Agrupamento (...)	x	x	x	3
		• (...) <i>nomeadamente neste Agrupamento onde eu estou (...)</i> há uma certa dinâmica de interação entre os diferentes grupos, entre os diferentes níveis de ensino (...) <i>eu considero que isso é realmente importante. (...)</i>	x		x	2
		• (...) <i>o que eu considero que é menos positivo...é o facto de nem sempre se ter em atenção a especificidade do pré-escolar (...)</i>	x			1
		• (...) <i>Tem que haver uma liberdade de ação (...)</i>	x			1
		• (...) <i>por enquanto, pronto, nós ainda somos as gestoras do currículo (...)</i>	x			1
		• (...) <i>Vai havendo abertura da parte do Agrupamento (...)</i>	x			1
		• (...) <i>também é uma aprendizagem de parte a parte. Nós temos que nos adaptar, o próprio Agrupamento tem que se adaptar à nossa realidade (...)</i>	x			1
		• (...) <i>Para já, penso que clarifica um bocadinho...quem é o quê [entre professores e educadores] (...)</i>		x		1
		• (...) <i>as coisas têm outra visibilidade (...)</i>		x		1
		• (...) <i>Olhe, eu ao princípio, a pessoa tem sempre, às vezes, uma forma de rejeitar aquilo que é novo (...)</i>			x	1
		• (...) <i>temos muitos papéis, a parte burocrática é muito grande (...)</i>			x	1
		• (...) <i>[gosto muito de trabalhar] com o 1.º ciclo também...faço sempre a articulação (...)</i>			x	1
		2.2.2. Papel do educador no atual contexto	• (...) <i>junto do nosso órgão de gestão (...)</i> quando temos reuniões, quando há discussões de diferentes assuntos, colocarmos aquilo que nós, enquanto educadoras, achamos que é importante manter no pré-escolar (...)	x		
		• (...) <i>e que há coisas, especificidades que não podem...não devem ser alteradas (...)</i>	x			1
		• (...) <i>nós sabemos que temos que nos ir adaptando às novas coisas que existem (...)</i> (...) <i>as alterações têm que ser sempre com a devida adequação...ao nível de ensino em que...em que nós estamos. (...)</i>	x			1
		• (...) <i>neste momento...a conjuntura não...não é...não é, não é fácil (...)</i>	x			1
		• (...) <i>eu sinto que...neste momento nós, educadoras, temos que estar</i>				

		<i>atentas para continuarmos a realizar um bom trabalho e adequado ao nível etário (...) com que nós estamos (...)</i> <ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>Não esquecendo a nossa especificidade (...)</i> • (...) <i>o pré-escolar está representado em todos os órgãos da escola (...)</i> • (...) <i>Fazemos parte de um projeto. Fazemos parte do plano anual de atividades (...)</i> 	x			1
			x			1
				x		1
				x		1
3.1.PRÁTICA PEDAGÓGICA	3.1.1.Perspetiva curricular	• (...) <i>eu não sigo um...um modelo específico. (...)</i>	x			1
		• (...) <i>Tenho a pedagogia de projeto como uma certa linha orientadora (...)</i>	x	x		2
		• (...) <i>vou beber um bocadinho às diferentes fontes (...)</i>	x			1
		• (...) <i>faço a adequação dentro daquilo que eu sinto enquanto educadora, dentro do grupo que vou ter nesse ano (...)</i>	x	x		2
		• (...) <i>mas realmente a pedagogia de projeto (...) é aquela que tenho mais (...) como base (...)</i>	x		x	2
		• (...) <i>tendo sempre (...) em atenção os interesses das crianças, as propostas das crianças e as próprias propostas que eu trago. (...)</i>	x			1
		• (...) <i>Utilizo um bocadinho o Movimento da Escola Moderna (...)</i>		x		1
	• (...) <i>[metodologia de trabalho de projeto] É a que eu gosto mais, é a que mais se identifica com a minha forma de estar e de ser (...)</i>			x	1	
	• (...) <i>permite às crianças serem muito autónomas e independentes (...)</i>			x	1	
	• (...) <i>respeitamos os ritmos de cada uma, vamos ao encontro dos interesses e necessidades delas (...)</i>			x	1	
	• (...) <i>são autónomas no espaço, no tempo, como querem organizar as suas coisas (...)</i>			x	1	
3.1.2. Presença da linguagem escrita na sala	• (...) <i>Sim (...)</i>	x				1
	• (...) <i>tento (...)</i>	x	x			2
	• (...) <i>definirmos as palavras com os nomes das diferentes áreas (...)</i>	x				1
	• (...) <i>as palavras [que estão a ser exploradas] estão expostas na sala (...)</i>	x				1
	• (...) <i>o quadro das presenças (...) é uma das coisas que eles usam muito (...)</i>	x				1
	• (...) <i>temos os nomes escritos de diferentes formas, com diferentes tipos de letras e que eles possam identificar (...)</i>	x	x			2
		• (...) <i>estas letras [de uma tabela exposta na sala] até tenho em</i>				

		<i>maiúsculas (...)</i> <ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>tenho ali o abecedário [apontando para um exposto] (...)</i> • (...) <i>Sempre (...) Trabalhamos sempre a área da escrita (...)</i> 		X X	X	1 1 1
3.2.INTENCIONALIDADE EDUCATIVA	3.2.1. Predisposição das crianças para a aprendizagem da escrita	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>Sim, sinto (...)</i> • (...) <i>tenho lá um menino que já sabe ler (...)</i> • (...) <i>não só isto, mas também o ele ler, faz com que o resto do grupo esteja muito desperto (...)</i> • (...) <i>vejo realmente uma predisposição grande do grupo (...)</i> • (...) <i>querem coisas para ler e vêm pedir (...)</i> • (...) <i>aparece uma palavra (...) e eles fazem comparações (...)</i> • (...) <i>e solicitam, inclusivamente, para nós lhes escrevermos, às vezes, determinadas coisas que eles querem (...)</i> • (...) <i>percebo que há realmente ali a emergência (...)</i> • (...) <i>vai surgindo, de certa forma, naturalmente, a vontade de conhecer e de ler (...)</i> • (...) <i>Elas gostam dos poemas, de escrever os poemas, as adivinhas, os provérbios (...)</i> • (...) <i>Incentivo muito isso (...)</i> • (...) <i>E interessadas. Muito interessadas (...)</i> 	X X X X X X X X X	X	X X X X	3 1 1 1 1 1 1 2 2 1 1 1
	3.2.1.Desenvolvimento de pré-requisitos para a aprendizagem da escrita	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>Sim (...)</i> • (...) <i>penso que (...) quanto mais (...) nós estimularmos, quanto mais coisas proporcionarmos, quanto mais incentivador for, quanto mais atividades diversas nós conseguirmos proporcionar (...) mais desperta a criança vai estar (...)</i> • (...) <i>mais vontade vai ter de conhecer (...) vai ficar curiosa em relação a (...)</i> • (...) <i>e o ajudar a raciocinar e a pensar e fazer, exatamente, esse tipo de associações (...)</i> • (...) <i>[estamos] a contribuir para que esse processo seja, seja...para uma evolução, se calhar, um pouco mais rápida e seja positiva (...)</i> • (...) <i>mas que me parece ser realmente importante para quando eles chegam ao 1.º ciclo já ir realmente alguns pré-requisitos, digamos, adquiridos (...)</i> • (...) <i>Acho que sim. Acho que...o ter conhecimento de letras (...)</i> • (...) <i>Isso acaba por ser o nosso dia-a-dia (...)</i> • (...) <i>uma determinada altura do ano, principalmente no 3.º período,</i> 	X X X X X	X	X X X	2 1 1 1 1 1

		que eu utilizo muito as fichas (...)				1
		• (...) Fichas de grafismos, que é depois muito o que eles vão fazer no 1.º período, no 1.º ciclo. Vários grafismos que eles gostam muito (...) é, especialmente os grafismos (...)				1
	3.2.3. Estratégias e atividades	• (...) coisas que as crianças por vezes contam e que são importantes para elas, os registos [escritos] (...)	x			1
		• (...) eles já copiam aquilo que eu lá registei (...)	x	x		2
		• (...) ir lendo à medida que vou escrevendo (...)	x			1
		• (...) ficheiros com imagens e com a palavra, em que eles fazem a associação (...)	x	x		2
		• (...) surgem sempre palavras relacionadas com (...) esse tema [que está a ser explorado] (...)	x			1
		• (...) jogos de identificação com essas palavras (...)	x			1
		• (...) as palavras estão expostas na sala (...) eles põem essas palavras também nos trabalhos (...)	x			1
		• (...) brincar com palavras e com as sílabas (...)	x	x		2
		• (...) as próprias rimas (...)	x	x		2
		• (...) as brincadeiras que fazemos com os nomes (...) o procurar palavras que começam com a letra do nome deles (...) vamos procurar outras palavras e depois até escrevemos (...)	x		x	2
		• (...) eu utilizo um manual, um livro de fichas de trabalho (...)		x		1
		• (...) [temos] um caixote com várias palavras, não é, e os miúdos recortam e constroem frases (...)		x		1
	• (...) Palavras começadas por a, depois escrevemos no computador, eles escrevem a palavrinha, identificam com o desenho...agora já estamos no b (...)			x	1	
	• (...) gostam muito de escrever histórias, que eu escrevo as histórias e depois eles leem e transcrevem (...)			x	1	
	3.2.4. Criação de espaços para a exploração da linguagem escrita	• (...) eu gostava até de ter um espaço na minha sala (...)	x			1
		• (...) Nunca pensei nisso (...)		x		1
		• (...) nem sei se sei como é que isso se faz (...)		x		1
		• (...) Eu tenho um cantinho, que é o cantinho da escrita, onde eles escrevem palavras, aquilo que gostariam de saber (...)			x	1
		• (...) No computador [presente nesse espaço] também gostam muito de escrever (...)			x	1
4.1 A LINGUAGEM		• (...) considero que é muito importante (...)	x	x		2

ESCRITA		<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>faz parte do crescimento (...)</i> • (...) <i>a escrita, vá, faz parte da nossa vida (...)</i> • (...) <i>enquanto estivermos a estimular, estamos, logo à partida, a preparar, também, para alguma coisa que vai fazendo, que faz parte da nossa vida e que é importante na nossa vida (...)</i> • (...) <i>porque os meninos vão, vão com...um vasto leque de competências (...)</i> à entrada para o 1.º ciclo (...) • (...) <i>Se calhar até trabalhamos em demasia, em detrimento de outras áreas (...)</i> • (...) <i>Eu valorizo as áreas todas (...)</i> não privilegio nenhuma. <i>Eu tento abordar todas de uma forma geral (...)</i> 	X			1
			X			1
				X		1
					X	1
					X	1
4.2.REPRESENTAÇÕES SOBRE A LINGUAGEM ESCRITA NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR	4.2.1. Benefícios em termos de continuidade educativa	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>se a criança vai [para o 1.º ciclo], à partida, já com... uma abertura (...)</i> já não é uma coisa que lhe surge de completamente novo (...) • (...) [no pré-escolar] <i>é feito de uma forma a que a criança (...)</i> faça com prazer, que aquilo é uma coisa agradável, o ir aprender a escrever, o ir aprender a ler (...) • (...) <i>se nós apresentarmos e eles tiverem a noção que o que estão a fazer, realmente são coisas que eles depois vão aprender mais a fundo no 1.º ciclo (...)</i> • (...) <i>já conseguem fazer algumas coisas sobre a escrita (...)</i> • (...) <i>já vão com perspetivas abertas (...)</i> • (...) <i>a criança já vai habituada a raciocinar esta parte da identificação (...)</i> • (...) <i>penso que isso [a predisposição] é um passo importante para quando eles chegam ao 1.º ciclo (...)</i> • (...) <i>sabem que depois, aí já vão mesmo aprender a ler e a escrever (...)</i> • (...) <i>eles vão motivados para (...)</i> • (...) <i>vão a achar que aquilo é uma coisa interessante (...)</i> • (...) <i>e que se podem fazer coisas muito giras, dentro da leitura e da escrita (...)</i> • (...) [sabem] <i>que vão trabalhar sobre aquilo (...)</i> • (...) <i>facilita muito (...)</i> 	X	X	X	3
			X			1
			X			1
			X			1
			X		X	2
			X			1
			X			1
			X			1
			X			1
			X		X	1
		X		X	1	
				X	2	
4.2.2. Linguagem escrita como parte	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>Sim. Claro! (...)</i> • (...) <i>são os alicerces (...)</i> 	X		X	2	
		X	X	X	3	

	constituente da aprendizagem ao longo da vida	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>se...tudo o que fizer, nesse sentido, tudo aquilo que conseguir que seja interesse, estimular-lhes o interesse (...)</i> • (...) <i>acho que vai ser importante ao longo de todo o processo de aprendizagem ao longo da vida (...)</i> • (...) <i>é importante também nós aprendermos a aprender (...)</i> • (...) <i>Mas ela já é uma parte constituinte (...)</i> • (...) <i>[vai influenciar] muito, muito, muito (...)</i> • (...) <i>e o gosto pela leitura adquire-se, constrói-se (...)</i> • (...) <i>Mas eu acho que as bases são muito importantes. Têm que ser sólidas (...)</i> 	X			1
			X			1
			X			1
				X		1
				X		1
				X		1
					X	1
4.3. ARTICULAÇÃO CURRICULAR	4.3.1. Conhecimento do programa do 1.º ciclo	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>isso por acaso é uma das coisas que eu estou um pouco em falha (...)</i> • (...) <i>é assim: eu não o conheço, não é que eu não o tenha já lido (...)</i> • (...) <i>mas dizer assim: conheço a fundo o programa do 1.º ciclo, não posso dizer, porque não é verdade (...)</i> • (...) <i>conheço porque tenho três filhas [risos] e tenho uma no 1.º ciclo (...)</i> • (...) <i>Conheço como mãe (...)</i> • (...) <i>e interessa-me também (...)</i> 	X			1
			X		X	2
			X			1
				X		1
				X		1
			X		X	2
			X			1
			X			1
			X			1
			X			1
	4.3.2. Ações desenvolvidas de forma conjunta	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>sim (...)</i> • (...) <i>este ano é também um dos anos em que estou a articular com uma turma de primeiro ano (...)</i> • (...) <i>atividades que nós elaboramos sempre em conjunto e em que se juntam os grupos [pré-escolar e de 1.º ciclo] (...)</i> • (...) <i>umas vezes juntamo-nos no jardim de infância, outras vezes juntamo-nos no 1.º ciclo (...)</i> • (...) <i>tentamos sempre em que haja a perceção dos meninos que estão no pré-escolar, tentarem perceber como é que é a vida dos meninos no 1.º ciclo (...)</i> • (...) <i>acabamos por ir fazendo a tal transição do pré-escolar para o 1.º ciclo, em vez de ser só no final do ano (...)</i> • (...) <i>depois, já mais no terceiro período então, em que uma das visitas (...) fazemos mesmo atividades (...)</i> • (...) <i>fazemos mesmo dentro de âmbitos do 1.º ciclo, nomeadamente, ou da escrita (...)</i> • (...) <i>para eles sentirem, irem sentido, exatamente, essa...entre aspas, a responsabilidade depois do 1.º ciclo (...)</i> 	X		X	2
			X		X	2
			X			1
			X			1
			X			1
			X			1
			X			1

		<ul style="list-style-type: none"> • (...) Temos vários projetos em comum (...) • (...) há a passagem dos meninos, nós vamos com os meninos à escola primária [1.º ciclo] agora em Junho, eles vão-se sentar nos bancos da primária, ao lado dos colegas que estão no 4.º ano e vão sair, fazemos a passagem para a professora do 1.º ciclo (...) • (...) Aquelas que estão definidas no Plano Anual de Atividades e que fazem parte do Projeto Educativo e do Projeto Curricular do agrupamento, ou seja, o festejo de efemérides (...) • (...) e depois há uma coisa ou outra que valha (...) • (...) Nós, aqui o Agrupamento, privilegia muito isso (...) • (...) nós falamos muito com as professoras do 1.º ciclo. Temos uma reunião mesmo destinada para isso (...) 		x		1
				x		1
				x		1
				x		1
					x	1
					x	1
4.4. A LINGUAGEM ESCRITA NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR	4.4.1 Preocupação com a linguagem escrita no processo de transição	<ul style="list-style-type: none"> • (...) Sim (...) • (...) todas estas coisas que eu referi que faço com os meninos, a nível da linguagem escrita (...) é para estimulá-los para a escrita (...) • (...) eu não estou a trabalhar, digamos, com o pré-escolar a pensar...no que vai ser no 1.º ciclo (...) não estou, digamos, a prepará-los para o 1.º ciclo (...) [estou] a trabalhar com eles, na faixa etária deles, aquilo que eu considero, e que eles me vão mostrando que é positivo trabalhar com eles (...) considero que isso depois são mais valias (...) são coisas importantes depois para o desenvolvimento deles também no 1.º ciclo (...) aquilo que eu estou a trabalhar com eles, nesta faixa etária, são alicerces importantes também para eles depois terem um desenvolvimento positivo e progressivo no 1.º ciclo (...) • (...) preocupo-me porque me questiono se estou a fazer as coisas corretamente (...) 	x	x	x	3
			x			1
			x			1
	4.4.2. Sentimentos que este domínio lhe suscita	<ul style="list-style-type: none"> • (...) não me sinto insegura (...) • (...) gosto, e gosto muito de trabalhar esta área (...) • (...) Sinto-me antes é...com vontade de aprender, de aprender mais (...) e de procurar mais sugestões (...) e de explorar mais coisas (...) • (...) às vezes, essa insegurança vem mesmo da falta de teoria, da falta de teoria (...) 	x		x	2
			x			1
			x	x		2
				x		1

ANEXO VIII - GUIÃO DE ENTREVISTA

Tema: A linguagem escrita no processo de transição entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico – Representações de Professoras do 1.º Ciclo.

Entrevistadas: Professoras do 1.º Ciclo.

Objetivo Geral: Conhecer a perspetiva das professoras selecionadas, acerca da importância que atribuem à linguagem escrita no processo de transição entre os dois contextos educativos.

Determinação dos Blocos	Objetivos Específicos	Formulário de Questões
BLOCO A • Legitimação da entrevista e motivação das entrevistadas.	- Legitimar a entrevista. - Motivar as entrevistadas.	<ul style="list-style-type: none">• Informar as entrevistadas acerca da investigação em curso.• Assegurar a confidencialidade das declarações prestadas.• Pedir a sua colaboração, salientando a importância desta.• Solicitar autorização para gravação áudio da entrevista.
BLOCO B • Recolha de dados de carácter geral.	- Conhecer a situação profissional das entrevistadas.	<ul style="list-style-type: none">• Solicitar às entrevistadas que falem sobre:<ul style="list-style-type: none">- A sua formação- O seu percurso profissional e situação atual- Os aspetos mais marcantes desse percurso profissional. <p>Questões de reforço</p> <ul style="list-style-type: none">- Qual a sua idade e que tempo de serviço tem?- Como tem sido o seu percurso em termos de formação?- E como tem sido o seu percurso profissional?- O seu trabalho como Professora tem sido sempre em contexto de 1.º Ciclo?
	- Compreender a	- A educação pré-escolar não se deve organizar em função da escolaridade obrigatória, no entanto, deve criar as condições para que a etapa seguinte seja abordada com sucesso.

<p>BLOCO C</p> <ul style="list-style-type: none"> • Opinião das entrevistadas sobre a educação pré-escolar. 	<p>imagem que as professoras entrevistadas têm do jardim de infância.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Perceber que papel atribuem ao jardim de infância na continuidade educativa. 	<p>Questões de reforço</p> <ul style="list-style-type: none"> - Qual deverá ser o papel do jardim de infância, como primeira etapa da educação básica? - Acha que este contribui para o sucesso educativo? - De que forma e em que condições o considera? - Que aspetos considera mais relevantes na vivência do jardim de infância? - Em que aspetos considera que o jardim de infância não responde adequadamente?
<p>BLOCO D</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as representações das entrevistadas acerca do processo de transição 	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender de que forma os entrevistados entendem o processo de transição. - Identificar estratégias possíveis de transição/articulação entre os dois contextos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Com o objetivo de que algumas das dificuldades, atualmente existentes, relativamente à transição para o 1.º ciclo desapareçam, torna-se imprescindível um conhecimento mútuo entre os dois contextos educativos e fatores facilitadores dessa transição. <p>Questões de reforço</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conhece as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar? - Considera que a análise conjunta das propostas curriculares poderia ser um factor de aproximação dos docentes dos dois contextos educativos? - Considera importante realizar atividades/projetos comuns com o pré-escolar? - Acha que o jardim de infância está aberto ao diálogo com a escola?
<p>BLOCO E</p> <ul style="list-style-type: none"> • Representações das entrevistadas sobre a linguagem escrita 	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer as conceções das entrevistadas sobre a linguagem escrita no processo de transição. - Desocultar 	<p>Situar as perspetivas das entrevistadas sobre a importância que atribuem à linguagem escrita no processo de transição entre os dois contextos educativos.</p> <p>Questões de reforço</p> <ul style="list-style-type: none"> - Qual a importância que atribui à abordagem à escrita desenvolvida na educação pré-escolar? - Considera que as crianças trazem e/ou deveriam trazer pré-requisitos construídos no jardim de infância? - Qual o método que utiliza, relativamente a esta área?

no processo de transição	sentimentos e crenças relativamente à abordagem da escrita desenvolvida na educação pré-escolar.	<ul style="list-style-type: none">- Costuma dar continuidade à ação desenvolvida no jardim de infância, no que a esta área diz respeito?- Os conhecimentos e/ou pré-requisitos que as crianças possam trazer, relativamente a esta área, suscitam-lhe alguns receios?- Considera que as colegas da educação pré-escolar têm uma imagem positiva face à continuidade que é dada ao seu trabalho, relativamente à abordagem à escrita?
--------------------------	--	--

ANEXO IX - PROTOCOLO DA ENTREVISTA À PROFESSORA ANA
--

Ent.: Começo por lhe agradecer a sua disponibilidade e tempo para me conceder esta entrevista, que é muito importante para...

Suj.: Nada. Temos que fazer uns pelos outros.

Ent.: Exatamente. E sem a colaboração das colegas é difícil nós fazermos algum tipo de investigação. Isto é um estudo exploratório que eu estou a fazer na Universidade de Huelva e que está diretamente relacionado com a transição da educação pré-escolar para o 1.º ciclo, no que à linguagem escrita diz respeito. E para garantir a confidencialidade dos seus dados, portanto, o seu anonimato, eu queria-lhe pedir que a colega se atribuísse um nome fictício, pelo qual será tratada a partir daqui.

Suj.: Ana.

Ent.: Ana. E agora gostava que me falasse um pouco sobre a sua formação, o seu percurso profissional e situação atual e os aspetos que considerar mais marcantes desse percurso. E começava por lhe perguntar a sua idade e o seu tempo de serviço.

Suj.: Tenho 51 anos, 30 de serviço. A minha formação inicial é Magistério, Escola do Magistério Primário, ainda consegui fazer o curso pelo antigo Magistério. Tenho, entretanto, ao longo do percurso um CESE, portanto, um Curso de Estudos Superiores Especializados em Educação Especial, na vertente de dificuldades de aprendizagem. Trabalhei 6 anos no ensino regular, no início da carreira, depois interrompi, fiz vínculo de seguida em ensino especial, e este é o quarto que estou de novo em ensino regular. Portanto, isto feitas as contas, se for até aos 65 anos, se aguentar, deve ser meio por meio, metade no especial, metade no regular.

Ent.: Exato. Mas sempre no direto com crianças?

Suj.: Sempre no direto com crianças. Nunca estive nenhum ano sem trabalhar diretamente com crianças. Mesmo com outras funções, de coordenações, ou coisas assim, mas sempre estive com crianças.

Ent.: Exato. Muito bem.

Suj.: Não estive sempre foi com turma, não é? Quando estava no especial, tinha grupos de alunos e trabalhava nas turmas com as colegas.

Ent.: Exato.

Suj.: Ou, às vezes, até no jardim de infância quando não havia nenhuma educadora, como era especializada, cheguei a apoiar uma ou duas crianças a nível de jardim de infância.

Ent.: Pois.

Suj.: Mas pronto, só pontualmente, só quando não tivemos educadora. De resto, tenho estado sempre no direto.

Ent.: Muito bem. Para si, qual deverá ser o papel do jardim de infância como primeira etapa da educação básica?

Suj.: Eu acho que o jardim de infância é muito importante. Eu noto, notei bastante este ano, talvez porque fiz aquele grande interregno entre o tempo em que raras eram as crianças que iam ao jardim de infância...

Ent.: Pois.

Suj.: ...e que tive um 1.º ano só puro, de meninos acabadinhos de entrar e tive, portanto, quando trabalhei no regular, devo ter tido para aí dois ou três meninos que tivessem andado no jardim de infância. E noto uma grande diferença. Noto basicamente que os miúdos vêm com muitas aquisições feitas, sobretudo a nível de coisas básicas que nós tínhamos de trabalhar, às vezes, o 1.º período inteiro. Aliás, no tempo em que eu comecei a trabalhar, era de bom tom fazer-se praticamente o 1.º período do 1.º ano na propedêutica. Ou seja, substituíamo-nos um pouco ao jardim de infância. O que é que nós fazíamos nessa propedêutica? Ali em três meses tentávamos dar uma espécie de uma injeção aos meninos [com] formas, cores, tamanhos, espessuras, a noção de quantidade, ah...alguns chegavam e não sabiam pegar num lápis, não sabiam as cores, e parecendo que não, isso queimava muitas etapas para o depois, não é?

Ent.: Exatamente.

Suj.: Neste momento, os meninos que eu tenho este ano, claro que não estão todos ao mesmo nível, mas notava-se que alguns deles já vinham com algumas aquisições que eu, sem queimar etapas, porque nessa altura queimávamos mesmo etapas, porque das duas uma: ou eles tinham tido estimulação em casa e tinham adquirido essas aquisições básicas e estavam preparados para iniciar as aquisições da leitura e escrita, não é, e do cálculo e isso também depende muito da estimulação que tivessem em casa, ou então estavam a zero e nós, depois daquela injeção de três meses... não chegava. Não chegava, porque era como se queimássemos etapas. É como se quiséssemos amadurecer ali uma fruta... assim numa semana, queríamos que ela passasse da flor, a uma fruta madura. Não é possível.

Ent.: Exatamente.

Suj.: E noto, neste momento, que realmente a grande maioria dos miúdos vem com esses conceitos adquiridos. Portanto, é o papel do jardim de infância que é fundamental, não é, para que as crianças tenham os pré-requisitos, aquilo a que nós chamamos os pré-requisitos para, a partir do momento em que entram na escola, nós já começamos a familiarizá-los com a leitura, com a escrita, com as letras, e também, já passou de moda, a tal propedêutica, talvez porque já não é necessária, não é, a tal propedêutica que nós tínhamos de fazer que, às vezes, nós até pensávamos: este grupo já não precisava da tal propedêutica, mas Deus me livre se não fizéssemos a tal propedêutica.

Ent.: Pois.

Suj.: Diziam: mas o que é que esta mulher está a fazer aqui, que não faz a propedêutica? Agora, pronto, já... mas que essa propedêutica é necessária, mas que tem um lugar, e esse lugar é o jardim de infância, que é fundamental!

Ent.: Exato.

Suj.: Sobretudo se os meninos estiverem mais do que um ano no jardim de infância. Porque o jardim de infância também tem que ser para brincar.

Ent.: Precisamente!

Suj.: Para brincar! Então se eles tiverem, pelo menos, dois anos, pelo menos dois anos de jardim de infância, será para brincar e a brincar vão aprendendo e vão fazendo as tais aquisições. Agora, também não pode ser só para brincar. Porque se eles estiverem só a brincar, quando eles chegarem à sala, ao 1.º ano, uma das coisas que não conseguem estar é sentados.

Ent.: Exatamente.

Suj.: E é a grande dificuldade com que nós nos debatemos no 1.º ano e que, às vezes, vamos depois pedir contas ao pré-escolar, se calhar o pré-escolar irá pedir contas às mães, não é, à casa...é as crianças não terem hábitos de estarem sentados e sossegados a fazer uma tarefa, do princípio ao fim e de terem uma, uma...vamos lá, um ensino mais direcionado para determinados objetivos.

Ent.: Exato.

Suj.: Muitas vezes as educadoras contrapõem e dizem: ah, mas eles têm que brincar! Eu concordo, mas têm que brincar e [trabalhar]. Por isso, acho que é fundamental que eles tenham, pelo menos dois anos, pelo menos de jardim de infância, para poderem ir brincar, brincando e chega a um certo ponto em que os meninos também já se aborrecem de brincar, porque já querem aprender qualquer coisa.

Ent.: Exatamente.

Suj.: E esse qualquer coisa é muito importante, porque se eles vierem já tendo uma noção do que é um a, do que é um i, portanto, aqueles nomes que nós chamamos às letras, que não faz mal nenhum, que eles saibam os nomes das letras e que já saibam o que são letras. E que letras são diferentes de números, e que os números representam quantidades e que as letras vão representar palavras, e uma ou outra palavra que eles consigam globalizar, é logo um salto de gigante para eles começarem a fazer algumas aquisições no início do 1.º ano.

Ent.: Exato.

Suj.: Portanto, eu acho que cada, cada ciclo, vamos lá, de vida das crianças tem que ter as suas características, mas eu também não concordo que o jardim de infância seja só, só para brincar, desde que as crianças lá o consigam passar, até...algumas vêm já com os 6 anos feitos para aqui. Portanto, não podem só brincar, porque se não, também estamos a desperdiçar tempo.

Ent.: Claro, claro.

Suj.: Não sei se...respondi à sua pergunta...

Ent.: Perfeitamente, perfeitamente. Então posso depreender das suas palavras que considera que o jardim de infância contribui para o sucesso educativo das crianças?

Suj.: Muito! Muito! Eu sou suspeita a dizer isto, porque eu vivi, apesar de ter 50 anos, 51 aliás, vivi na pele, ter...ser aluna do jardim de infância, coisa que na minha geração, não deve haver muita gente...

Ent.: É raro. Eu penso que sim...

Suj.: ...da minha geração que vivenciou ter jardim de infância, porque estive no estrangeiro. Estive no Brasil e...pronto. O meu sonho quando fosse grande, era ser educadora exatamente para poder brincar com os meninos, ensinar-lhes qualquer coisinha também, mas sobretudo brincar.

Ent.: Pois.

Suj.: Lá, o jardim de infância, acho que era um bocadinho em moldes diferentes, pelo menos nessa altura, porque eu lembro-me de quando fui para o 1.º ano, eu já conhecia muitas letras e praticamente eu já sabia ler. Não me lembro bem se foi tudo no jardim de infância ou se foi no 1.º ciclo, porque a professora que eu tive no jardim de infância, porque como entrei já com os 5 anos, já foi no final, foi a mesma que...era um colégio de freiras e foi a mesma que eu tive no 1.º ano. Portanto, eu não me recordo...mas lembro-me de estar na sala do jardim de infância, ao pé dela, e ela estar com o livrinho das primeiras letras. E o primeiro trabalho de casa que eu levei foi fazer o a, em vários tamanhos, primeiro o grande e depois mais pequenino, porque agora percebo porquê. As crianças começam por fazer muito grande e depois vão diminuindo, não é? Eu costumo dizer aos pais: o 1.º caderno é sem linhas, que é para eles se orientarem à vontade. Poderem ter ali toda a criatividade. Vai-se desperdiçar imenso papel, mas não interessa nada, porque é o primeiro caderno. Depois, a pouco e pouco, eles dão um salto, às vezes é repentino, entre o mês de Dezembro e o mês de Janeiro, ali nas férias, é como uma poeira que assenta. E eles, de repente,

passam a fazer as letrinhas mais pequeninas e eu aproveito esse salto e começamos a fazer as coisas com linhas. E eles começam-se a organizar. Portanto, aquela desorganização que havia primeiro, alguns que faziam letras enormes...pronto. Alguns também têm essa fase até mais tarde, mas faz tudo parte. Faz tudo parte dessa primeira organização e talvez por eu ter vivenciado isso, dou imenso valor ao jardim de infância.

Ent.: Pois.

Suj.: Mesmo no tempo em que se pensava que o jardim de infância era só para brincar, em que não havia o tal...aquilo não é bem um currículo, como é que se chama...

Ent.: ...as *Orientações Curriculares*.

Suj.: ...as *Orientações Curriculares*, exatamente! Que agora as pessoas que...portanto, houve essa necessidade. Então mas as crianças não podem só brincar até entrarem para a escola, porque estão ali a perder janelas de oportunidade que lhes vão permitir adquirir conhecimentos que são fundamentais, para depois alicerçar os conhecimentos que vão adquirir no 1.º ciclo, não é?

Ent.: Precisamente.

Suj.: E então era muito...havia pessoas que seguiam uma linha, em que iam ensinando algumas coisas, mas assim...sem grande organização e outras simplesmente os deixavam brincar. Essas *Orientações Curriculares* acho que foram muito úteis, precisamente para fazer a ponte entre a brincadeira e aquilo que eles precisam, os tais pré-requisitos.

Ent.: Exatamente. E para nos ajudar a fundamentar também a nossa prática.

Suj.: Exatamente, exatamente.

Ent.: Eu penso que já respondeu, mas de qualquer das formas, eu tinha aqui uma questão, que não sei se quererá especificar mais, que era: de que forma e em que condições é que considera que o jardim de infância contribui para o sucesso educativo?

Suj.: Pois é nessa questão de...pronto. Eles, para já, será a primeira escola, não é tudo novo. Eu dou-lhe um exemplo: portanto, hoje, uma colega do 3.º ciclo veio fazer umas experiências à nossa sala, porque nós fazemos articulação curricular, fazemos contactos entre ciclos diferentes, não é?

Ent.: Exato.

Suj.: Portanto, faz mesmo parte do nosso plano de atividades e do Agrupamento, termos essa pedagogia de fazermos intercâmbio. Acho que nos enriquecemos bastante. E como a minha preocupação principal, no 1.º ano, é que os meninos comecem a adquirir a leitura e a escrita porque é o pilar de todas as aprendizagens que eles vão fazer a partir daqui, dedico muitíssimo mais tempo à leitura e à escrita, do que à matemática ou ao estudo do meio, embora tenhamos um certo número de horas, não é, pelo currículo, que o currículo obriga, mas acabamos por roubar um bocadinho para a língua portuguesa, que é uma mais-valia nos outros anos, se os meninos já conseguirem dominar a leitura e a escrita.

Ent.: Exato, se forem bem preparados.

Suj.: Exatamente. Porque depois o tempo que se queima vai-se recuperar, porque eles depois já vão conseguir ler enunciados, já vão conseguir ler as coisas de estudo do meio para poderem estudar em casa, para poderem fazer pesquisas...portanto, o que se queima agora, vai-se depois recuperar mais tarde.

Ent.: Exato.

Suj.: Portanto, não considero que isso...e então, tem-me faltado tempo para fazer as atividades todas que eu queria de estudo do meio. Alguns começaram logo a dizer: nós, no jardim de infância, já fazíamos isso, fizemos experiências, fizemos isto e fizemos aquilo. Mesmo na leitura, por exemplo, há obras que nós tratamos no 1.º ano que alguns meninos já ouviram no pré-escolar. Não quer dizer que...pronto, eles, muitos deles não se lembram da história inteira e quando eles se lembram eu digo: não digas, não digas que é para não estragar a surpresa aos outros meninos. Mas é característico...a colega é educadora?

Ent.: Sou, sou. Sou educadora de formação.

Suj.: Sabe melhor do que eu, que os meninos quando gostam de uma história, eles não a querem ouvir só uma vez...

Ent.: É verdade. Querem *n* vezes.

Suj.: E os nossos filhos a mesma coisa, porque de cada vez que eles a ouvem, vão aprendendo um bocadinho...

Ent.: Exatamente.

Suj.: E mesmo as histórias que foram lidas no jardim de infância, foram trabalhadas de uma maneira completamente diferente, embora a história seja a mesma, do que vão ser trabalhadas no primeiro ano e se forem lidas as mesmas obras no 4.º ano, vão ser lidas com outra visão, vão ser observados...

Ent.: Vão ser exploradas de outra maneira...

Suj.: ...vão ser exploradas de uma maneira completamente diferente, e os miúdos...isso dá-lhes alguma segurança, portanto, e o facto de nós, às vezes, ouvirmos os miúdos: ah, eu já conheço essa história! É porque realmente há alguma ponte. O que eu acho que nos faz falta é um bocadinho de...abertura e esta abertura não se faz com decretos. Não por é por obrigar a isto ou por obrigar aquilo...

Ent.: Eu costumo dizer que as pessoas não mudam por decreto.

Suj.: Não, não mudam por decreto. E eu digo isto porque, o ano passado, desde que estamos em Agrupamento vertical, nós começámos, portanto estávamos ainda em exploração de como é que iríamos funcionar e como estávamos habituados a funcionar nalgumas coisas por 1.º ciclo e pré[-escolar], continuámos e aquilo às vezes dava uma certa confusão, porque parece que estávamos assim: eu nunca senti isso, porque como eu lhe digo, além de ter vivenciado isso e a minha primeira vocação era para educadora, não pude porque não havia o curso cá em baixo, e eu comecei cá em baixo, aqui em Faro e só havia em Lisboa, e era complicado na altura, mas também não me arrependo, porque também gosto muito de ensinar 1.º ciclo, se calhar até gosto ainda mais, só que na altura não sabia, não é? E depois trabalhei, enquanto

trabalhei no ensino especial, antes do tempo da inclusão, em que nós fomos aceites completamente e praticamente nos impuseram nas escolas, porque isso também havia o decreto e não havia as práticas, não é?

Ent.: Exato.

Suj.: O ensino especial era muito à parte e aqui funcionava numa sala onde funcionava, agora é nas instalações onde fizeram a Universidade da Terceira Idade, aqui em São Brás...

Ent.: Sim, sim, sim.

Suj.: ...aquilo foi tudo arranjado, mas antes era a escola velha e era onde funcionava a Delegação Escolar, as duas salas únicas de pré-escolar que havia, e o ensino especial, era o que funcionava nesse edifício. E então, além de eu ter aquela apetência para a educação pré-escolar, era muito, muito, muito amiga das colegas educadoras e fazíamos muitas atividades juntas. Porque os meus alunos, como eram muito limitados, algumas coisas fazíamos juntas e as coisas funcionavam muito bem. Portanto, eu nunca compreendi muito bem quando havia, vamos lá...aquelas reuniões conjuntas em que tinha que haver 1.º ciclo de um lado e pré-escolar do outro, parece que cada pessoa puxava a “brasa à sua sardinha”.

Ent.: Exato.

Suj.: Quando não se pode puxar a brasa! Se os meninos passam de umas para as outras.

Ent.: Precisamente!

Suj.: E então, nós não podemos puxar a brasa, nós temos que por ali as brasas todas e irmos pondo as sardinhas de maneira que elas assem bem, não se pode puxar a brasa! E a tendência que há, muitas vezes, é: ah, as educadoras não habituem os meninos a estar sentados, a fazer isto, a fazer aquilo, a fazer aqueloutro. Mas calma! Se calhar elas não sabem o que fazer para. Porque na formação inicial delas não há aquelas regras rígidas dos meninos terem que fazer aquilo igual para todos. Muitas vezes, aqueles comportamentos um bocadinho desviantes dos meninos surgem no 1.º ciclo e não surgem no pré-escolar, porquê? Porque ele, no pré-escolar, se não lhe apetecia fazer a ficha, ia fazer

pintura, e se não lhe apetecia a pintura, ia para a casinha das bonecas, e se não lhe apetecia ir para a casinha das bonecas ia fazer moldagem. E todos os dias passava assim e eram poucas as tarefas em que o menino tinha que fazer tudo ao mesmo tempo que os outros. No 1.º ciclo não pode ser assim. Nós não podemos ensinar aos meninos: este grupo agora vai fazer leitura e aquele menino vai fazer o que quer e este menino...só quando as coisas já estão muito bem organizadas é que eles poderão fazer tarefas diferenciadas dentro da sala. Agora quando estão todos a querer dar o salto e a entrar na leitura, na escrita, nesses processos todos tão complicados, ou vão todos e uns puxam pelos outros, ou se ficam meninos sozinhos, vão ficar para trás, vão perder o comboio. Não é?

Ent.: Pois.

Suj.: Portanto, talvez se houvesse mais diálogo...não sei muito bem como...porque nós ficamos tão preenchidas por legislações, por leis, por papéis e por projetos, reuniões para isto e para aquilo que, aquele tempo que nós fazíamos, naturalmente, quando trabalhávamos juntas, aos intervalos e que falávamos e que aquilo há ali uma relação pessoal que se sobrepõe às chatices do trabalho, não é?

Ent.: Exato.

Suj.: Essa parte connosco não existe. Portanto, é mais uma reunião, mais a acta, mais isto que tem que se fazer e as pessoas acabam por ficar em sítios, eu não digo opostos, porque acho que já foram feitas bastantes coisas...

Ent.: Se calhar acabam por se isolar mais...

Suj.: ...mas talvez houvesse necessidade de maior abertura, e mais convívio, não sei explicar...

Ent.: Mais interação.

Suj.: Mais interação. Nós aqui temos uns projetos, eu este ano estou nesse projeto que é a *Turma Amiga*.

Ent.: Sim, sim.

Suj.: Tenho uma *Turma Amiga* do pré-escolar e já temos feito coisas juntas. Coisas giras. A última vez, a última atividade foi aqui na sala e eu comecei a contar...Eu tenho 24, mais os outros 24 da colega, são 50. Eu não tenho onde sentar os meus, como é que eu vou fazer para meter aqueles meninos todos ali dentro...?!

Ent.: Exato.

Suj.: Mas, pronto. Acabou por correr tudo bem, ficámos encantados e lá nos desenrascámos. Claro que isto foi um dia, não dava para trabalhar assim muitas vezes.

Ent.: Exatamente.

Suj.: Mas pronto, já é um princípio. E a nível da tal amizade que eu disse, no outro dia, uma colega que é educadora e que também muito minha amiga, é desse grupo que fazíamos as tais coisas juntas...

Ent.: Sim.

Suj.: No outro dia até comentámos uma com a outra: como é que nós não nos lembrámos de fazer *Turma Amiga* uma com a outra?!

Ent.: Exatamente.

Suj.: É que não nos lembrámos! Mas também não há problema nenhum. Porque apesar de não termos feito o projeto no papel, ela já me pediu para fazer o convívio dos meninos com...portanto, nós aqui costumamos fazer, para articular entre ciclos, fazemos um dia de vivência, ou uma atividade, depende da idade dos meninos, no ciclo seguinte. Portanto, os meninos que vêm do pré-escolar têm um dia, os meus do 1.º ano tiveram um dia de vivência com o 1.º ciclo. Vêm conhecer a escola, a escola para onde vão, pelo menos uma escola diferente da deles. Com as *Turmas Amigas* há mais intercâmbios, mas mesmo que não tenham a *Turma Amiga*, fazem essa vivência. Os do 4.º ano, vão passar um dia no 2.º ciclo. Fazemos assim. Por exemplo, o ano passado passei um dia inteirinho com os meus. É um dia de aulas. Portanto, programa-se, são os professores que lá dão, nós ficamos sossegadinhos, não estamos com os meninos que é para eles não terem a figura da professora ao pé, e fazemos esse tipo de articulação. Portanto, essa colega tinha-me dito: eu quero ir à tua sala com os meus meninos e tu, vem lá à minha sala

que eu tenho um trabalho sobre as abelhas muito giro que vi. E eu disse: mas isso vem mesmo agora a propósito, porque eu estou agora à espera de uma senhora que nos vai falar das abelhas e da apicultura e disse tudo, e depois, calha mesmo bem. E pronto, agora para a semana, quero ver se vou lá com os meninos visitar a tal exposição, fazemos um convívio e depois, lá mais para o final do ano, virão eles aqui conhecer a escola dos grandes. Não é, para eles é a escola dos grandes, dos grandes.

Ent.: Exatamente.

Suj.: Mas eu acho que esse tipo de intercâmbio é fundamental. Mas mais do que impor, é as pessoas terem pontos comuns e aproveitarem coisas umas das outras. Uma das coisas que eu acho, por exemplo, que nós beneficiávamos muito, com o contacto com as educadoras, é a nível da expressão plástica e da expressão dramática, que nós com esta angústia do ensinar a ler quase que não fazemos coisas dessas.

Ent.: Pois.

Suj.: E quando eu fiz o primeiro encontro com a *Turma Amiga*, eu disse assim: olha, vamos fazer mesmo um dia de voltar ao jardim de infância, em que os miúdos escolham qual a atividade. Os miúdos estavam doidos, porque podiam escolher se podiam fazer brincadeiras, se podiam fazer pintura, se podiam fazer...aquilo que eles estavam habituados, porque agora é difícil! Lá de vez em quando fazemos uma pintura, lá de vez em quando, uma modelagem e...porque o resto...

Ent.: Porque têm o programa para cumprir, não é?

Suj.: Temos o programa e depois temos turmas enormes! Eu, neste momento, estou com 25 meninos. Puseram 24 e agora veio um do Ciclo. Eu não sei onde é que sento os meninos!

Ent.: Exato.

Suj.: Eles não...mesmo que queiram estar calados, há sempre um que “pica” o outro, não temos condições para ter turmas tão grandes. E depois quando chegamos a esta altura, aqueles níveis todos diferenciados, é muito complicado. Muito complicado mesmo.

Ent.: Na perspetiva da colega, quais são os aspetos que considera mais relevantes, na vivência do jardim de infância?

Suj.: Mais relevantes...portanto, pelas crianças?

Ent.: Sim, a nível geral, pelas crianças.

Suj.: Portanto, eles poderem fazer...desenvolver a criatividade, o imaginário, eu acho que é muito importante. Porque, a não serem pais muito, muito atentos, ninguém faz isso com as crianças. A não ser quem realmente tenha formação e que saiba o que deve fazer e que tenha tempo, que também é uma coisa que falta muito aos pais e aos filhos, não é?

Ent.: Exatamente, exatamente.

Suj.: Portanto, essa parte é fundamental. O trabalhar os sentidos, os sentidos...mesmo o sentido da observação...criar aquele “bichinho” de eles quererem fazer descobertas. E depois aquelas atividades básicas, não é? Os recortes, as pinturas, as colagens que nós, às vezes, também pensamos que os meninos sabem fazer e eles não sabem, porque geralmente não fazem isso em casa. Quais são os pais que põem os meninos a recortar? E ainda por cima se algum menino for pegar na revista da mãe e for fazê-la em “frangalhos”...

Ent.: Ui! Pior ainda.

Suj.: Já se está a ver, não é? Eu se for pegar nas pinturas e fazer na parede! É uma coisa muito criativa: nos reclames é muito engraçado, mas em casa não tem graça nenhuma, não é?

Ent.: Exatamente.

Suj.: Portanto, nessa parte, é que eu acho que é o papel fundamental do jardim de infância. Eu acho que se fizer essa parte, já está a cumprir. Claro que se depois der o tal “cheirinho” para...que os meninos tenham já um pé do lado de cá, é só puxá-los e continuar o caminho. É muito mais fácil.

Ent.: exato.

Suj.: Mas pelo menos esse papel, eu acho que é mesmo fundamental, fundamental.

Ent.: Existe alguns aspetos que considera que o jardim de infância não responde adequadamente?

Suj.: Essa questão do...criar aquelas regras de comportamento um bocadinho mais rígidas...também não sei como seria a solução, não é? Porque não estou a ver as educadoras imporem esse tipo de regras, mas talvez para aqueles meninos que já vão entrar, no 2.º e 3.º períodos, haver uma tentativa, talvez, de fazer atividades mais dirigidas ao grande grupo turma, para eles a pouco e pouco, se habituarem que têm que ter um tempo de atenção, têm que ter...portanto, já seria, se calhar, um meio caminho andado para que eles depois começassem a saber estar sentados, a saber ter momentos mais...portanto, ir aumentando mais os tempos de atenção...

Ent.: ...e de concentração.

Suj.: ...que é o que eu noto que... que se nota sempre a falha que os miúdos vêm sempre do jardim de infância e parece que não sabem estar sentados numa sala de aula. O 1.º período é para ver se eles conseguem estar sentados e não estarem sempre a pedir: posso ir à casa de banho? Posso ir beber água? Posso ir lavar as mãos? Portanto, há um grande trabalho de nós começarmos a pôr regras e acabamos por não conseguir, porque eles no 1.º ano ainda...os meus estão no 3.º período e ainda há dias em que quando começam as idas à casa de banho, são todos de seguida! A água já consegui habituá-los, porque eles têm a garrafinha, quase todos, entram na sala, bebem água e depois guardam a garrafa. Depois, só excecionalmente, quando estiver muito calor é que eu vou deixar. De resto, aquele bocadinho, que nunca são mais do que duas horas, as duas horas é na parte da tarde, não é?

Ent.: exato.

Suj.: De manhã é sempre hora e meia, até ao intervalo e depois é uma hora só. Portanto, nunca é um tempo muito, muito grande que eles estão. Se eles forem disciplinados, eles conseguem fazer isso.

Ent.: exato. Muito bem. Há pouco falámos neste documento. Queria-lhe perguntar se conhece as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*?

Suj.: Olhe, quando as *Orientações* saíram eu li e, quando fiz...isso saiu há quantos anos?

Ent.: Em 1997.

Suj.: Em 1997. Eu acho que nós tivemos que ler isso já não me lembro muito bem para quê. Mas eu tenho conhecimento... não lhe digo que tenha feito um estudo, mas tenho uma ideia, tenho. Até me lembro que houve uma vez uma reunião qualquer que nós fizemos, ainda no outro Agrupamento, deve ter sido logo quando isto saiu, e vocês têm domínios, não têm...? [Referindo-se ao documento].

Ent.: Sim, temos três grandes domínios, e depois... não. Três grandes áreas e depois os domínios dentro das três grandes áreas. Assim é que é.

Suj.: Pois. E eu lembro-me que houve uma... estávamos a fazer um trabalho qualquer, e houve uma diferença de terminologia, em que havia uma colega que falava no domínio da língua portuguesa ou da escrita, ou não sei o quê...

Ent.: A linguagem oral e abordagem à escrita.

Suj.: Não me lembro... ela falava num domínio. Para nós, o domínio da escrita, era as crianças já saberem escrever.

Ent.: Pois.

Suj.: Está a compreender?

Ent.: Para nós é abordagem... à escrita.

Suj.: Exatamente. O tipo de terminologia, entre uma coisa e outra, também talvez se fosse aferido e do conhecimento geral, evitasse algumas discrepâncias em que nós estamos a falar de uma coisa... afinal não estamos a falar da mesma coisa. Porque quando, lembro-me que... tenho a impressão de que foi um documento qualquer que nós fizemos que era... era entre ciclos, o que é que era fundamental, o que é que nós, 1.º ciclo, achávamos que era fundamental que era necessário que as crianças tivessem para entrar no 1.º ciclo, no 1.º ano. E o que é que as colegas achavam que era fundamental que eles tivessem no final do pré-escolar, quando já estava prestes a entrar, que era para, mais ou menos, acertarem-se as agulhas, está a compreender?

Ent.: Perfeitamente.

Suj.: E então acho que falava no domínio da escrita...então, mas qual domínio da escrita?! Então alguma vez as crianças...? Essa parte não é vossa! [da educação pré-escolar]. E então, chegámos à conclusão de que apesar de estarmos a falar de conceitos próximos, não estávamos a falar minimamente com a mesma terminologia e eu acho que isso é importante, também.

Ent.: É, é importante, é. É também por isso que eu estou a desenvolver este estudo.

Suj.: Exatamente.

Ent.: E considera que a análise conjunta das propostas curriculares poderia ser um fator de aproximação dos dois contextos educativos?

Suj.: Olhe, eu acho que sim. Mas, não sei, em termos práticos, como é que isso se podia fazer. Porque nós estamos tão assoberbadas com trabalhos, reuniões e coisas, que eu não sei em que tempo é que isso poderia ser feito.

Ent.: Exato. E considera importante realizar atividades e projetos comuns com o pré-escolar?

Suj.: Sim, sim. Sobretudo quando são anos próximos. Quando não são anos muito próximos, acho que é um bocadinho forçado. Não é?

Ent.: Exato.

Suj.: Só para dizer que nós temos um projeto com uma *Turma Amiga*, um 3.º 4.º ano não tem já grande coisa com o pré-escolar.

Ent.: Claro.

Suj.: Mas 1.º e 2.º ano sim.

Ent.: Exatamente.

Suj.: Não é? 1.º e 2.º ano acho que ainda se identificam bastante e vão enriquecer bastante. Agora, a partir daí não...não quer dizer que não possa haver, tanto que hoje fizemos uma articulação com o 3.º ciclo, 1.º ano com 3.º ciclo. Mas não foi com os alunos, não foi entre alunos.

Foi a docente que desceu ao nível dos meninos. É diferente. Nós estamos a falar, se calhar, de atividades com as crianças...

Sim, sim, entre as crianças.

Suj.: Exatamente. Agora, a nível de trabalho só entre professores, talvez se pudesse fazer mais qualquer coisa só para começar, não é? Que não fosse tão...tão, como é que eu hei de dizer a palavra...? Agora, a esta hora, falta-me o vocabulário completamente.

Ent.: É o cansaço.

Suj.: Que não fosse tão artificial, que fosse uma coisa mais natural...compreende?

Ent.: Sim, sim, sim.

Suj.: Atividades que aproximem os anos são naturais. Portanto, é natural, é como uma coisa que vai correndo, corre do pré-escolar para o 1.º ano e 2.º ano. Dos últimos anos do pré-escolar, não é agora da sala dos 3 anos nem dos 4. Não tem nada a ver.

Ent.: Claro.

Suj.: Não tem nada a ver. Compreende o que eu quero dizer?

Ent.: Perfeitamente.

Suj.: Mesmo os últimos anos do pré-escolar, se formos fazer atividades conjuntas entre crianças com 3.º, 4.º ano, a não ser que seja uma coisa pontual...um encontro, não é?

Ent.: Exato.

Suj.: Uma vez por ano, em que os meninos do 4.º ano fizeram umas coisas muito giras, por exemplo, vão mostrar aos pequeninos ou que os que os pequeninos vão fazer qualquer coisa na escola...pronto. Uma atividade pontual, agora várias atividades que envolvam turmas, que envolvam...acho que é um bocado forçado, porque os interesses já são muito distantes uns dos outros.

Ent.: Exato. E da sua experiência, acha que o jardim de infância está aberto ao diálogo com a escola, neste caso, com o 1.º ciclo?

Suj.: Eu, pela minha parte, não sinto nada que me dificulte esse diálogo. Nada. Mas como lhe digo, sou suspeita.

Ent.: Exato. [Risos].

Suj.: Sou suspeita porque sempre tive uma abertura muito grande em relação à educação pré-escolar. Tanto como vivência, como convívio, como profissional, não é? Agora estou a ver como profissional, acho que deve haver essa abertura. Mas não pode haver imposição, porque se houver imposição, cada uma fecha-se na sua capelinha e começam, parece que estão em campos de batalha contrários.

Ent.: E as coisas não saem bem.

Suj.: Puxam as brasas e as sardinhas ficam no meio e não são assadas.

Ent.: Exatamente.

Suj.: Está a compreender o que eu quero dizer?

Ent.: E o pior é que as sardinhas são as crianças.

Suj.: Exatamente.

Ent.: Elas é que perdem. Elas é que perdem.

Suj.: É isso. Portanto, não estou a ver como, porque... talvez se a nossa profissão, neste momento, não estivesse tão... não sei, eu, antigamente, saía da escola, quase sempre a horas de sair, ia ao café com as colegas, até podíamos falar de escola...mas agora, quando nós saímos, raramente temos tempo de sair com os colegas, de ir ao café, de falar...sobre escola...?! Nós nem queremos falar sobre escola, embora acabemos a falar sobre a escola, mas às vezes dizemos assim: agora é proibido e eu nem quero ouvir falar na escola. Porque estamos fartas, saturadas, eu não sei onde é que vamos parar! Ainda o que eu gosto na minha profissão é o trabalho que eu faço com os meninos. Agora papéis, papéis, papéis, não me peçam que eu estou farta. Cursos de formação em que nós vamos buscar conteúdos, mas depois nos pedem, em contrapartida, toneladas de trabalho...mas para quê...?! Eu, este ano, estou a fazer uma formação de língua portuguesa. Adorei os conteúdos, gostei imenso de trabalhar com a colega... agora tenho um portfolio para fazer, que eu só de pensar no portfolio, eu chego a casa e só me apetece deitar! Porque eu penso assim: meu deus, mas como é que eu pego naquilo, se eu já trabalhei tantas horas hoje e já cheguei aqui tão cansada, e já dei tanto de mim à escola. Tenho que preparar as aulas para o dia seguinte, levo trabalhos para ver e o que é que eu vou fazer, no

meu tempo que não tenho livre, não é, o que é que ainda eu vou fazer de trabalhos? Para que foi tanta observação, tanto trabalho, tanto papel? Aquilo que entrou, já entrou. E tudo aquilo que eu for fazer agora no papel, já é uma coisa imposta e que já não vai servir para nada! Só poderá servir para o Ministério ou quem organiza isto, fazerem alguns estudos, algumas coisas...a ponte entre a teoria e a prática que não sabem fazer senão connosco, que estamos no terreno. Mas não façam tudo às nossas custas, porque nós já temos muitas horas e já estamos muito assoberbadas com trabalho.

Ent.: Exatamente.

Suj.: E então não sei qual seria essa solução, para que houvesse esse intercâmbio, porque qualquer coisa que agora viesse, por exemplo, imagine que agora alguma cabeça pensante dizia assim: agora vai haver reuniões entre o pré-escolar e o 1.º ciclo. E a gente pensava: meu Deus (!), mais reuniões...! A primeira reação seria logo essa!

Ent.: Claro, claro!

Suj.: Porque o que é demais também não presta! Já o diziam as pessoas antigas. Mas que há necessidade de haver qualquer coisa, eu acho que sim. Tal como há necessidade, mesmo a nível do mesmo ciclo, de haver intercâmbio entre as pessoas e é muito rico esse tipo de trabalho. Porque nós fazíamos isso naturalmente, quanto tínhamos tempo para isso. Ninguém nos impunha, fazíamos programações juntas, fazíamos coisas...olha, empresta-me isto, empresta-me aquilo...partilhávamos materiais e nada era imposto e as coisas funcionavam. Havia pessoas que não faziam, é verdade, mas agora imposto, também há pessoas que não fazem!

Ent.: É isso, não fazem à mesma.

Suj.: Portanto, o que eu acho é que não se deve destruir aquilo que funciona bem com tantas horas de trabalho que não...não serve para nada.

Ent.: Exato.

Suj.: Portanto, não sei como é que isso se resolveria, mas na minha opinião, como as coisas deveriam funcionar, acho que era benéfico.

Ent.: Hum, hum. Muito bem. Há pouco falávamos na diferença da terminologia, mas queria-lhe perguntar qual a importância que atribui à abordagem à escrita desenvolvida na educação pré-escolar? E porque é que nós denominamos por abordagem à escrita? Porque não é uma aprendizagem formal...

Suj.: Claro, claro! Nem deve ser.

Ent.: É uma abordagem. Exatamente. Qual a importância que atribui a esse aspeto?

Suj.: Essa abordagem à escrita é bastante importante e deve ser mesmo uma abordagem. Portanto, para já porque na educação pré-escolar, as docentes não estão... não têm preparação de métodos de leitura.

Ent.: Exatamente.

Suj.: E em segundo lugar, porque é há risco muito grande de... se não for uma simples abordagem, ir chocar depois com a metodologia utilizada depois no 1.º ciclo. Felizmente ainda ninguém impõe uma metodologia. Portanto, nós podemos utilizar o método global, como podemos utilizar o método analítico-sintético, como podemos utilizar uma mistura de todos e aproveitar o que é melhor de cada um.

Ent.: Exato.

Suj.: Portanto, nessa fase do pré-escolar, a abordagem que fazem, é bastante importante, mas não pode querer substituir a... depois a aprendizagem formal.

Ent.: No 1.º ciclo.

Suj.: Exatamente.

Ent.: Precisamente. E considera que as crianças trazem e/ou deveriam trazer pré-requisitos construídos do jardim de infância, nesta área?

Suj.: Sim, pois todos aqueles pré-requisitos de que nós estávamos a falar. Porque todas aquelas... os tamanhos, as direções, as espessuras, as cores, tudo isso, são pré-requisitos para as letras, para a aprendizagem formal das letras, não é? Se a criança ao fazer um traçado de uma letra, não souber o que é para cima, para baixo, para a direita, para a esquerda, como é que consegue acompanhar o traçado das letras e depois da

letra redondinha...portanto, a caligrafia, não é? O manuscrito...como é que depois conseguem fazer? Têm muita dificuldade. Portanto, não sabem...e eu vejo um aluno que eu tenho, que ainda hoje não sabe para que lado é que se fazem os números e as letras...ele é esquerdino e no princípio não sabia muito bem para que lado é que fazia. Acho que ele nem tinha a lateralidade muito bem definida. E era uma criança que veio do pré-escolar já referenciada com muitos problemas de comportamento e de regras e tudo isso e agora está-se a refletir na aprendizagem, não é? Aqueles meninos que...eles às vezes, podem até não vir logo, logo com isso muito bem construído, mas se tiverem as primeiras bases, de eles saberem o que é uma escrita, para que é que serve a escrita...pronto, como se pega num livro, coisas básicas...há meninos que antigamente não sabiam! Pegavam num livro de cabeça para baixo e não sabiam que aquilo estava de cabeça para baixo! Portanto, não precisamos de estar a perder tempo...não é perder, mas se a criança não souber, vamos ter que lhe ensinar, não é?

Ent.: Exatamente.

Suj.: Mas todos esses pré-requisitos...eles verem que há letras que são grandes. É depois muito mais fácil de ver: olha esta letra é diferente das outras, estás a ver? Não é preciso dizer que as palavras, no princípio da frase têm que se escrever com letra maiúscula, isso é no 1.º ciclo que eles vão aprender, mas se eles virem que há letras que são maiores e há outras que são mais pequeninas, mesmo num texto...que há rimas, que há palavras que têm uma terminação diferente. Isso é importantíssimo para a fonética e para toda a parte da oralidade. A oralidade também deve vir muito, muito, muito trabalhada. Agora os novos programas apontam muito para valorizarmos muito mais a oralidade do que se valorizava antes, não é?

Ent.: Exatamente. A investigação mostra-nos isso.

Suj.: Exatamente. E este ano, na formação, nós fizemos alguns exercícios desses da oralidade e nisso, os meus meninos, e quando eu digo os meus meninos, não digo todos os meus meninos, digo grande parte dos meus meninos, a maioria, vamos lá, mais de metade, vinham muito bem trabalhados. Nas rimas, naquele ritmo de palavras...eles ainda não sabiam ler, eles já sabiam partir palavras. Já sabiam, por exemplo, que rei, diz-se de uma vez, e que se for papoila, diz-se em três vezes, e que se for borboleta...e começam a ver o tamanho das palavras...eu

lembro-me que, no princípio, algumas das atividades que fiz com eles, era...por exemplo, histórias e depois como, eles quando chegam, também vêm em níveis muito diferentes e para tentar descobrir, sem ter tempo para fazer grandes despistes do que é que cada um conseguia fazer...eu lembro-me que uma das coisas que fiz foi passar no quadro as palavras...o nome das personagens...por exemplo, a joaninha, a borboleta, o pato, o cão e depois havia ali qualquer coisa que lhes mostrava...víamos, não é? Olha, aqui é a palavra cão. Olha que engraçada! Esta letra é assim um arquinho...ou então joaninha, apesar de ser pequenina, tem uma palavra tão grande...e eles iam fixando e depois eu perguntava: onde é que diz cão, onde é que diz joaninha...? E eles diziam onde é que dizia! Liam...? De maneira nenhuma, mas já tinham as pré-competências de partir jo-a-ni-nha. É uma palavra muito grande. Então, está ali, aquela que é tão grande, provavelmente é joaninha. Cão, só se diz de uma vez. Então é esta pequenininha. E eles, a partir daqui é que eles vão fazendo as tais análises e sínteses que são fundamentais para a escrita. Portanto, este primeiro trabalho é...se vier plantado, vamos lá, do jardim de infância, é só regar e depois deixar crescer.

Ent.: Precisamente.

Suj.: É, eu acho que é fundamental o pré-escolar. Aqui, em são Brás, temos uma cobertura de pré-escolar excelente, não sei se já lhe fizeram o reclame. Eu nunca estive em nenhum concelho...

Ent.: Eu já me apercebi. É espetacular.

Suj.: Só não vai para o pré-escolar, aqui, quem não quiser.

Ent.: Tanto que há colegas que têm, ali no pré-escolar, que têm salas que não têm os 25 meninos. Precisamente por causa disso.

Suj.: Pois. Porque nós...e mesmo quando havia ainda falta de salas de pré-escolar, eu onde quer que fosse dizia: ah, na minha terra somos pequeninos, somos uns pelintras, mas temos pré-escolar à farta.

Ent.: É verdade!

Suj.: Porque nessa altura, fazia-se itinerância pré-escolar. Havia um grupo de educadoras que ia aos vários sítios, nem que fosse à casa das pessoas, dar educação pré-escolar.

Ent.: Exatamente.

Suj.: E eu acho que isso é muito importante. Foi um projeto pioneiro que nós tivemos aqui e, neste momento, nós temos o pré-escolar espalhado pelo concelho todo. Temos ótimos...pronto, ótimas escolas, mesmo de raiz, de pré-escolar, temos integrado pré-escolar com 1.º ciclo, ali naquela escola nova e temos também, nalgumas escolas que fecharam, foram transformadas em pré-escolar. Portanto, eu acho que abarca praticamente dos 3 aos 6 [anos].

Ent.: Exatamente. É uma maravilha.

Suj.: Exatamente. Eu acho que sim. Acho que melhor do que isto, não sei. E temos, depois também, para as pessoas que trabalham e que querem os meninos ocupados mais tempo, a Misericórdia, apesar de os meninos não terem...pronto, eu não posso dizer que os meninos vêm menos bem preparados, porque depende dos meninos, não é? Depende dos meninos, mas talvez não haja tanto aquele rigor de cumprir as *Orientações Curriculares*, como nós temos aqui no oficial. Não sei se há, se não há...

Ent.: Eu acho que isso depende das educadoras.

Suj.: Eu acho que depende das educadoras. Exatamente. Mas é ao “deixa andar” e aqui no oficial já há orientações mais precisas. É nesse aspecto, não quer dizer que elas por estarem no particular não vão cumprir, de maneira nenhuma. Há colegas que trabalham no pré-escolar e que nós sabemos que fazem trabalhos giríssimos com os miúdos e que os preparam bastante bem, mas...e agora perdi-me no que é que estava a dizer...

Ent.: Estava a falar na cobertura...

Suj.: Sim, na cobertura...para as pessoas que têm...que trabalham e que precisam de mais horas, temos a Santa Casa [da Misericórdia] que é uma valência também que, antigamente, era a única que havia. Mas eu também não sei se era bem, bem pré-escolar. Eu acho que era mais tomar conta dos meninos a tempo inteiro do que propriamente aquela pré-escolar como há agora.

Ent.: Exato. Muito bem. Relativamente a esta área, portanto, da escrita, qual é o método que a colega utiliza?

Suj.: Olhe, eu utilizo o meu. Ou seja, com 30 anos de serviço já passei por muita coisa e já vi muita coisa. E é assim: métodos globais puros nunca utilizei. Talvez porque já estive muitos anos no ensino especial, os meninos não conseguem apanhar métodos globais puros. E o que é que eu fazia quando estava no ensino especial...? Mas também não sabiam fazer a análise e síntese. E então, eu comecei a fazer uma mistura. E então o que é que fazia? Ensinava-lhes algumas palavras, o nome deles, familiares... e eles, quando tinham limitações cognitivas, atrasos de desenvolvimento e tudo isso, eles até conseguiam, com muito, muito trabalho, com muita, muita, muita insistência, globalizar... sei lá, dez, no máximo, doze palavras. Quando saía daí, já faziam uma baralhação que já não sabiam... e se as palavras comessem de forma igual, eles já se baralhavam completamente.

Ent.: Pois.

Suj.: Então do que é que havia necessidade? Aquilo seria uma primeira abordagem à escrita, não é, e depois disso, tínhamos que começar a pouco e pouco, a descer e a fazer análise e síntese, senão, eles não conseguiam sair dali.

Ent.: Exato.

Suj.: Claro que se eu fizesse só análise e síntese, aquilo era uma coisa árida que aquilo não interessava a ninguém. Começamos com o pa, pe, pi, po, pu e o ta, te, ti to, tu... pronto, só com letras, aquilo não interessava, de maneira nenhuma, a ninguém. Então, o que é que eu comecei a ver, comecei a ver que o que resultava, até porque era muito raro eu apanhar meninos no 1.º ano. Quando apanhava meninos no 1.º ano era porque eles estavam já referenciados do pré-escolar eram muito, muito problemáticos e, provavelmente, quando chegassem ao 4.º ano, ainda estavam a aprender a ler. Não sei se me faço entender... então quando eu apanhava meninos no campo das dificuldades de aprendizagem, apanhava meninos que no 2.º ano estavam completamente com insucesso e que a professora já não ia ter um método global com eles, porque o método global só funciona se for a nível de turma. Não funciona se for um menino com um método, outro com outro, outro com outro.

Ent.: Pois.

Suj.: Depois não há manuais para métodos globais. São muito poucos os que há. E então, nós tínhamos que acabar por utilizar materiais e suportes do método analítico e sintético.

Ent.: Exato.

Suj.: Então o que é que eu faço? Faço uma mistura de... nos primeiros dias os meninos dizem palavras, registamos palavras, são os nomes, vemos os nomes dos colegas. Apontamos, por exemplo, os nomes de uma história, tentamos arranjar ali um leque de palavras que eles vão globalizando. Fazemos jogos de identificação, não é? Em que eles identificam qual é a palavra gato, qual é a palavra pato, portanto, muito de raiz global. Mas depois daquela dança das palavras, nós começamos a ir ver as vogais, que são fundamentais, e depois de conhecer as vogais começamos a fazer o estudo mais direcionado para o método analítico-sintético. Mas utilizando... como é que poderei dizer... o método poderá ser o analítico-sintético, mas eu uso muito a dinâmica do método global, ou seja não me prendo no método analítico-sintético. Se os meninos quiserem, por exemplo, escrever “o pai tem um carro”, tudo bem. Então eles vão globalizar palavras-chave, para poderem fazer, depois, frases. O tem, o viu, ah... essas palavras assim. O come. Então, eles depois fazem montes de frases. Eles pensam que já sabem depois fazer escrita, fazer leitura... bom, aquilo dá um “speed” aos miúdos... e nós estamos acabando por fazer... tanto podemos dar, por exemplo, o pai, o pato... aquelas palavras dos métodos mais tradicionais. No princípio é que se nota mais isto. Depois aquilo começa a “andar sobre rodas” e já não se sabe qual o método que se utiliza. Portanto, eu não utilizo um método puro. Utilizo primeiro, vamos lá, uma globalização de palavras, frases, porque eles... se calhar eles dizerem as vivências deles, ótimo! Pego numa frase que um deles disse, muito interessante. “Olhem que giro! O vosso colega foi à casa da avó que vive no norte. Então vamos escrever: eu fui à casa da avó no norte”. Então vamos trabalhar este texto. Isto é global.

Ent.: Exato.

Suj.: E eles vão dar ali uma data de palavras e se calhar até, alguns ficaram a conhecer aquelas palavrinhas. Outros, copiam-nas, trabalham com elas ou têm-na como modelo, mas não passa daí. Então depois o que é que vamos fazer? Dali, eu vou aproveitar, daquele texto, vou

aproveitar as palavras que eu me interessa, para fazer a tal sistematização, porque é assim: o método global é muito mais interessante, mas o método analítico-sintético é muito mais organizado. E se as crianças, depois de globalizarem muita coisa, não souberem organizar e não souberem descer à sílaba, para depois construírem, é muito difícil saberem ler e escrever.

Ent.: Exato.

Suj.: Então, como eu já cheguei a essa conclusão, faço uma mistura. Portanto, não me cinjo a um método. E aviso logo os pais no princípio que é assim, para que eles não fiquem muito angustiados, porque os meninos não sabem as letras todas, que isso também não interessa muito, nem ficarem muito angustiados porque eles não globalizaram as palavras todas. Portanto, há uma mistura de métodos e há uma mistura de...e também sigo muito o interesse das crianças, porque se eles não se interessarem, não ligam nenhuma, aquilo passa tudo ao lado.

Ent.: Exato.

Suj.: Portanto, faço assim uma mistura de métodos. Por isso, quando me perguntam qual o método que eu utilizo, eu digo que é o meu, que nem é nenhum! Vou buscar aquilo que eu acho que é mais importante a cada método.

Ent.: Exatamente.

Suj.: Portanto, o método global mais rico, no sentido de ser mais interessante; o método analítico-sintético no sentido de ser mais organizado. E depois, eles precisarem de fazerem a tal fonética, que é necessária...eles saberem reconhecer quando é pá, quando é pé, quando é té, quando é li e diferenciarem a nível auditivo e fonológico, para depois saberem escrever. Portanto, acho que isto é fundamental e se eles não fizerem essa diferenciação, é muito difícil depois. Porque depois parece que sabem ler...e depois há aquela fase em que os miúdos passam que...leem tudo de cor e não há problema nenhum, porque quando eles souberem ler, é de cor que eles leem. Porque se lhe aparecer uma palavra que não sabe ler, tem que a soletrar, mas se a souber ler, lê de cor, porque assim que a vê de princípio sabe logo qual é a palavra.

Ent.: Exato.

Suj.: Portanto, nós voltamos às origens. Começam a ler de cor, tudo bem. Quando souberem ler, vão ler de cor. Ler de cor no sentido de fazer a decifração tão rapidamente que se faz um reconhecimento imediato assim que vemos uma palavra. Portanto, eu acho que não há problema nenhum em fazer esta mistura. Temos é que saber o que é que estamos a fazer, não é?

Ent.: Exatamente.

Suj.: Não podemos fazer...olha que giro, agora vamos misturar os métodos todos aqui...não, temos que saber porque é que fazemos isto, porque é que fazemos aquilo e, muitas das vezes, também temos que ir atrás da maneira como a criança aprende, não é?

Ent.: Precisamente.

Suj.: Porque há crianças que têm mais memória visual e que se calhar a decifração...aquela decifração no sentido de...a descodificação, não é decifração, a descodificação é mais lenta e há outras crianças que têm que ir fazendo devagarinho, porque se não, não conseguem chegar lá.

Ent.: Exato. A diferenciação pedagógica...

Suj.: É isso.

Ent.: ...cada criança é diferente. Seja a nível da oralidade, seja a nível da escrita, as crianças já trazem determinados conhecimentos do jardim de infância. A colega costuma dar continuidade a esses conhecimentos que as crianças trazem?

Suj.: Continuidade...em que aspeto? Pois nós damos sempre continuidade! Se vamos ancorar novos conhecimentos naquilo que eles já sabem, a partir daí é que temos que trabalhar.

Ent.: Pronto, o que eu lhe perguntava era se pega nos meninos como, passo a expressão “tábua rasa”, ou se pega naquilo que...

Suj.: Não, não, não. Até porque a primeira preocupação que eu tenho, quando apanho meninos de 1.º ano é saber situar o que é que cada um traz já lá dentro, não é?

Ent.: Exato.

Suj.: Para saber com o que é que posso contar. E geralmente as atividades...nunca preparo uma atividade que seja: vamos fazer isto, isto e isto. Não. Quase sempre é: vamos fazer isto e para aqueles que se despacham fazem mais isto e, se calhar, fazem mais isto e para uma atividade em que eles não chegam lá, para miúdos mais...claro que só se consegue fazer isto depois de os conhecermos.

Ent.: Claro.

Suj.: Vamos lá, no 2.º período, já estamos à vontade. No 1.º [período] é mesmo para os conhecer. E alguns sabemos que não chegam lá, porquê? Porque é preguiçoso, mas se calhar com metade já é o suficiente? Ou será melhor tentar abordar tudo, porque senão aquilo não entra nada? Temos que os conhecer muito bem, portanto, de maneira nenhuma os meninos podem ser “tábua rasa”. Porque eles quando vêm de casa também não são “tábua rasa”.

Ent.: Exatamente.

Suj.: Aliás, quando os começamos a conhecer vemos muito bem o que é que vem de casa, o que foi trabalhado no jardim de infância, conseguimos por ali tudo arrumadinho. Na nossa cabeça conseguimos ver: olha, este menino tem estas vivências...porque vamo-nos apercebendo no dia-a-dia.

Ent.: Precisamente. E os conhecimentos e/ou pré-requisitos que as crianças possam trazer...eu digo possam trazer porque houve uma colega do 1.º ciclo que já me disse: possam trazer ou não, suscitam-lhe alguns receios?

Suj.: De língua portuguesa? A nível da oralidade e da escrita?

Ent.: Sim, sim.

Suj.: Não, nenhuns. Porque é como lhe digo: eu não sou preconceituosa quanto à maneira dos meninos aprenderem. Havia uma colega que tinha um escrito na parede que dizia...eu já não sei quem é que escreveu aquilo ou que inventou aquilo, mas que dizia: antigamente eu tinha cinco teorias e nenhum filho; agora tenho cinco filhos e nenhuma teoria. Eu acho que quando nós temos uns quantos anos de serviço, é muito

parecido, é muito parecido. Nós podemos pensar: ai não! As educadoras não podem ensinar a ler e a escrever! Pois é claro que não podem ensinar a ler nem a escrever com um método. Mas se elas ensinarem aos meninos nomes de letras, ninguém morreu ainda por causa disso!

Ent.: Exatamente.

Suj.: O meu filho mais velho aprendeu a ler quase sozinho porque via a *Rua Sésamo*. O que é que eles ensinam na *Rua Sésamo*...? Os nomes das letras! O nome das letras! E nessa altura ainda havia assim um certo preconceito de que não...os métodos globais é que são bons, agora cá ensinar os nomes das letras...! Ora, eles para lerem e escreverem, ou partem da frase e vão até à letra ou partem da letra e vão até à frase, mas esse caminho tem que andar para cá e para lá! É uma coisa que tem que ser nos dois sentidos. Para escrever e ler e ler e escrever, ou começam num lado ou começam no outro, agora têm que chegar ao mesmo lugar. Se começaram num sítio, têm que chegar ao outro, se começaram no outro, têm que chegar ao sítio de partida. Agora, têm que chegar e saber fazer o caminho nas duas direções. Qual é o problema dos meninos virem com as letras sabidas...? Se eles souberem que o g é a letra do gato, ótimo! Eu digo: é verdade, é a letra do gato, e também é a do gorila, e também é a da gota. Qual é o problema? Agora, o que não pode...talvez o que essa colega queira dizer é que as educadoras também não podem estar a querer que os meninos venham já com alguma metodologia...mas eu também nunca apanhei. Geralmente, as colegas, o que ensinam, é ao nível, por exemplo, das palavras, nos nomes deles, utilizam as maiúsculas de forma.

Ent.: Exato.

Suj.: É o que eu também utilizava quando estava na educação especial, porque é muitíssimo, muitíssimo mais fácil para os meninos reproduzirem aquelas letras e escreverem o nome deles.

Ent.: Exatamente. Portanto, aquela letra que nós denominamos de script.

Suj.: O script é as maiúsculas e as minúsculas. Portanto, o script é uma mistura...portanto, o script não é bem aquela letra do livro, porque algumas são simplificadas.

Ent.: Não, não é. Exatamente. A colega fala só das maiúsculas.

Suj.: Há métodos de leitura que...e de escrita, métodos de aprendizagem, que utilizam só o script. Nem chegam a fazer caligrafia. Eu não concordo com isso. Eu utilizo a caligrafia porque nós quando escrevemos, devemos escrever...pronto, ensinar a caligrafia correta aos meninos. Ainda sou desse tempo. E também não me tenho dado mal. O que eles têm é que saber: o que é letra de forma e o que é letra manuscrita e saber transcrever da forma para a manuscrita. Não é? Se algum menino vier com o script, aquilo não é uma aprendizagem tão empedernida que nós não possamos dar a volta. Eu dou-lhe um exemplo. Apanhei um menino que a mãe disse que ele já tinha estudado um ano em Inglaterra. Portanto, ele já veio com os 6 [anos] feitos, já veio fazer os 7 [anos] em Novembro. Portanto, ele entrou...não sei muito bem, porque a mãe também não me soube explicar muito bem. Eu depois pedi os livros e os cadernos dele e ele pouca coisa tinha...tinha algumas coisas em que ele copiava algumas coisas em script e a mãe fez-lhe muita confusão...e eu disse-lhe: não tenha problema nenhum, porque quando ele aprender, ele aprende como lhe ensinarem. Se ele sabia dessa maneira, tudo bem. Se ele já souber ler e escrever, é mais difícil. Se ele não souber ler e escrever bem ainda, que era o caso...ele fazia aquilo, tinha uma ou outra palavra globalizada, mas metodologia, não sei, não sei qual foi...nem sei se aquilo teria sido bem um 1.º ano ou se teria sido um ano 0 ou...não sei como é que funciona na Inglaterra, não sei...

Ent.: Pois, também não sei...

Suj.: E depois vi...o miúdo no princípio fazia umas letras horríveis, porque fazia umas coisas muito grandes. E eu dizia-lhe: tu és capaz, porque tu fazes um traçado lindíssimo! Anda cá que eu vou-te ensinar. E ele era assim também um bocadinho assim também para o teimoso...depois começou e agora faz uma letra lindíssima. E não teve problema nenhum. Portanto, se ele foi começado a ser instruído em inglês e com o script, essa transição é normal. Lá era inglês, aqui é português. Lá era script, aqui passa do impresso para o manuscrito. São tudo caminhos...há pessoas que só fazem script e os meninos não deixam de saber escrever por causa disso, não é?

Ent.: Exatamente.

Suj.: E quando eles vão para o 5.º ano, a primeira coisa que eles fazem, é começar a escrever em script. Eu acho que é assim uma espécie de um grito de revolta: agora vou deixar de fazer a letrinha certinha, que a minha professora me ensinou. Agora é muito mais moderno fazer o script e é quase todos. No 5.º ano modificam completamente a letra e vão para o script, portanto é uma coisa que...

Ent.: Eu estava-me a rir, porque eu lembro-me de ter passado por essa fase, eu pessoalmente.

Suj.: Então e não passámos todas...?! Eu tinha uma colega que fazia bolas em cima dos i's, porque um dia a professora dizia que ela não fazia pontos nos i's, então ela resolveu fazer bolas para a professora ver bem. E eu comecei a fazer bolas nos i's. A minha mãe, que era professora, ela “dava-me os ardozes”: bolas em cima dos i's...mas quando não estava a minha mãe ao pé, eu fazia as bolas em cima dos i's, porque achava aquilo giríssimo! Depois passou-me. Portanto, todos passamos por essas fases e isso não vai chocar ninguém, nem vai impedir ninguém de aprender! Eu acho que o problema não vai por aí. Até porque aquilo que as colegas fazem, basicamente, pelo menos aquelas com que eu tenho trabalhado, é ensinar o nome dos meninos, o primeiro e o segundo, se tanto, umas vezes em script, outras vezes só com as maiúsculas...portanto, eles fazem aqueles registos das novidades, das vivências...alguns copiam, outros nem copiam...eu não acho que isso traga mal nenhum ao mundo. Os números, pois se eles já vierem com o traçado dos números, é ótimo! Quando nós vamos ensinar, eles já sabem! E se não souberem fazer como nós queremos, nós dizemos: olha, tu fazias assim, mas agora, mais modernamente, faz-se de outra maneira. Então vamos lá todos fazer assim e vamos lá fazer um concurso a ver quem é que faz mais bonito. De certeza que eles vão aprender da outra maneira.

Ent.: Exatamente.

Suj.: Portanto, isso não me preocupa minimamente. Acho que é melhor fazerem alguma coisa do que não fazerem nada.

Ent.: Claro. Lá isso é. E considera que as colegas do pré-escolar têm uma imagem positiva, face à continuidade que é dada ao seu trabalho, relativamente a esta área?

Suj.: Olhe, eu aí...é como lhe digo. Eu penso que sim, de uma maneira global, eu penso que sim. O que poderá não haver tanto entendimento é quando parece que as pessoas estão em campos opostos.

Ent.: Pois.

Suj.: Mas eu penso que, da parte das educadoras, elas não vão, sequer, duvidar, que nós vamos dar continuidade, até porque temos mesmo que dar continuidade, porque isso é o nosso currículo. Pegar naquilo que elas já fizeram e dar continuidade. Portanto, eu penso que aí não há volta a dar. Não há nenhuma de nós, no 1.º ciclo, que vá agora...olha, tudo o que já aprendeste, agora vais-te esquecer. De maneira nenhuma! Temos que dar sempre continuidade.

Ent.: Exatamente.

Suj.: Podemos é achar que vem melhor trabalhado ou pior trabalhado.

Ent.: Pois.

Suj.: Isso também é na opinião de cada pessoa e na sensibilidade de cada pessoa.

Ent.: É como tudo.

Suj.: Agora que damos continuidade, isso...não há dúvida que temos que dar.

Ent.: Ok. Pronto. Eu dou por terminada a minha entrevista...

Suj.: Está bem.

Ent.: Muito obrigada, mais uma vez, pelo seu tempo.

Suj.: De nada, de nada.

Ent.: Eu agora vou-lhe pedir o seu e-mail que é para depois...eu vou transcrever a entrevista para o papel e depois de estar transcrita eu envio à colega para saber se está tudo bem, se quer alterar ou suprimir alguma coisa...

Suj.: Sim, está certo.

Ent.: ...para depois poder trabalhar os dados. Está bom?

Suj.: Ok.

Ent.: Muito obrigada.

ANEXO X - PRIMEIRO TRATAMENTO DA ENTREVISTA À PROFESSORA ANA

[Idade] (...) *Tenho 51 anos (...)*

[Tempo de serviço] (...) *30 [anos] de serviço (...)*

[Formação] (...) *A minha formação inicial é Magistério, Escola do Magistério Primário (...) Tenho, entretanto, ao longo do percurso um CESE, portanto, um Curso de Estudos Superiores Especializados em Educação Especial, na vertente de dificuldades de aprendizagem (...)*

[Percurso profissional] (...) *Trabalhei 6 anos no ensino regular, no início da carreira, depois interrompi, fiz vínculo de seguida em ensino especial, e este é o quarto que estou de novo em ensino regular (...)*

[Aspetos mais marcantes desse percurso]

[Papel da educação pré-escolar como primeira etapa da educação básica] (...) *Eu acho que o jardim de infância é muito importante (...) Noto basicamente que os miúdos vêm com muitas aquisições feitas, sobretudo a nível de coisas básicas que nós tínhamos de trabalhar, às vezes, o 1.º período inteiro (...)*

[Contributo da educação pré-escolar para o sucesso educativo] (...) *Muito! Muito! (...)*

(...) as crianças não podem só brincar até entrarem para a escola, porque estão ali a perder janelas de oportunidade que lhes vão permitir adquirir conhecimentos que são fundamentais, para depois alicerçar os conhecimentos que vão adquirir no 1.º ciclo (...)

(...) será a primeira escola, não é tudo novo (...)

[Aspetos mais relevantes no jardim de infância] *(...) eles poderem fazer...desenvolver a criatividade, o imaginário, eu acho que é muito importante (...)*

(...) Portanto, essa parte é fundamental. O trabalhar os sentidos, os sentidos...mesmo o sentido da observação...criar aquele “bichinho” de eles quererem fazer descobertas. E depois aquelas atividades básicas (...) Os recortes, as pinturas, as colagens (...)

[Aspetos a que o jardim de infância não responde adequadamente] *(...) Essa questão do...criar aquelas regras de comportamento um bocadinho mais rígidas (...)*

(...) haver uma tentativa, talvez, de fazer atividades mais dirigidas ao grande grupo turma, para eles a pouco e pouco, se habituarem que têm que ter um tempo de atenção (...)

(...) já seria, se calhar, um meio caminho andado para que eles depois comesçassem a saber estar sentados, a saber ter momentos mais...portanto, ir aumentando mais os tempos de atenção (...)

(...) *que se nota sempre a falha que os miúdos vêm sempre do jardim de infância e parece que não sabem estar sentados numa sala de aula*
(...)

[Conhecimento das Orientações Curriculares] (...) *eu tenho conhecimento...não lhe digo que tenha feito um estudo, mas tenho uma ideia, tenho (...)*

[Análise conjunta das propostas curriculares como fator de aproximação entre os docentes] (...) *eu acho que sim. Mas, não sei, em termos práticos, como é que isso se podia fazer (...)*

(...) *O que eu acho que nos faz falta é um bocadinho de...abertura e esta abertura não se faz com decretos (...)*

(...) *talvez se houvesse mais diálogo...não sei muito bem como (...)*

(...) *Essa parte connosco não existe. Portanto, é mais uma reunião, mais a ata, mais isto que tem que se fazer e as pessoas acabam por ficar em sítios, eu não digo opostos, porque acho que já foram feitas bastantes coisas (...) mas talvez houvesse necessidade de maior abertura, e mais convívio, não sei explicar (...) Mais interação (...)*

[Ações desenvolvidas de forma conjunta] (...) *faz mesmo parte do nosso plano de atividades e do Agrupamento, termos essa pedagogia de fazermos intercâmbio. Acho que nos enriquecemos bastante (...)*

(...) Nós aqui temos uns projetos, eu este ano estou nesse projeto que é a Turma Amiga (...) Tenho uma Turma Amiga do pré-escolar e já temos feito coisas juntas (...)

(...) nós aqui costumamos fazer, para articular entre ciclos, fazemos um dia de vivência, ou uma atividade, depende da idade dos meninos, no ciclo seguinte (...)Vêm conhecer a escola, a escola para onde vão, pelo menos uma escola diferente da deles (...)

[Abertura do jardim de infância ao diálogo com a escola] *(...) Eu, pela minha parte, não sinto nada que me dificulte esse diálogo (...)*

[Importância atribuída à abordagem à escrita desenvolvida na educação pré-escolar] *(...) esse qualquer coisa é muito importante, porque se eles vierem já tendo uma noção do que é um a, do que é um i, portanto, aqueles nomes que nós chamamos às letras, que não faz mal nenhum, que eles saibam os nomes das letras e que já saibam o que são letras. E que letras são diferentes de números, e que os números representam quantidades e que as letras vão representar palavras, e uma ou outra palavra que eles consigam globalizar, é logo um salto de gigante para eles começarem a fazer algumas aquisições no início do 1.º ano (...)*

(...) Essa abordagem à escrita é bastante importante e deve ser mesmo uma abordagem. Portanto, para já porque na educação pré-escolar, as docentes não estão...não têm preparação de métodos de leitura (...) E em segundo lugar, porque é há risco muito grande de...se não for uma simples abordagem, ir chocar depois com a metodologia utilizada depois no 1.º ciclo (...) nessa fase do pré-escolar, a abordagem que fazem, é bastante importante, mas não pode querer substituir a...depois a aprendizagem formal (...)

(...) grande parte dos meus meninos, a maioria, vamos lá, mais de metade, vinham muito bem trabalhados. Nas rimas, naquele ritmo de palavras...eles ainda não sabiam ler, eles já sabiam partir palavras (...)

[Construção de pré-requisitos na educação pré-escolar] (...) *é o papel do jardim de infância que é fundamental, não é, para que as crianças tenham os pré-requisitos, aquilo a que nós chamamos os pré-requisitos para, a partir do momento em que entram na escola, nós já começamos a familiarizá-los com a leitura, com a escrita, com as letras, e também, já passou de moda, a tal propedêutica, talvez porque já não é necessária (...)*

(...) Sim (...) os tamanhos, as direções, as espessuras, as cores, tudo isso, são pré-requisitos para as letras, para a aprendizagem formal das letras (...) Se a criança ao fazer um traçado de uma letra, não souber o que é para cima, para baixo, para a direita, para a esquerda, como é que consegue acompanhar o traçado das letras e depois da letra redondinha...portanto, a caligrafia (...) O manuscrito...como é que depois conseguem fazer? Têm muita dificuldade (...) mas se tiverem as primeiras bases, de eles saberem o que é uma escrita, para que é que serve a escrita...pronto, como se pega num livro, coisas básicas (...) mas se eles virem que há letras que são maiores e há outras que são mais pequeninas, mesmo num texto...que há rimas, que há palavras que têm uma terminação diferente. Isso é importantíssimo para a fonética e para toda a parte da oralidade. A oralidade também deve vir muito, muito, muito trabalhada (...)

[Continuidade dada à ação desenvolvida nesta área na educação pré-escolar] (...) *a minha preocupação principal, no 1.º ano, é que os meninos comecem a adquirir a leitura e a escrita porque é o pilar de todas as aprendizagens que eles vão fazer a partir daqui, dedico muitíssimo mais tempo à leitura e à escrita (...) acabamos por roubar um bocadinho para a língua portuguesa, que é uma mais-valia nos outros anos, se os meninos já conseguirem dominar a leitura e a escrita (...)*

(...) Mesmo na leitura, por exemplo, há obras que nós tratamos no 1.º ano que alguns meninos já ouviram no pré-escolar (...)

(...) as histórias que foram lidas no jardim de infância (...) vão ser exploradas de uma maneira completamente diferente, e os miúdos...isso dá-lhes alguma segurança, portanto, e o facto de nós, às vezes, ouvirmos os miúdos: ah, eu já conheço essa história! É porque realmente há alguma ponte (...)

(...) a partir daqui é que eles vão fazendo as tais análises e sínteses que são fundamentais para a escrita. Portanto, este primeiro trabalho é...se vier plantado, vamos lá, do jardim de infância, é só regar e depois deixar crescer (...)

(...) nós damos sempre continuidade! Se vamos ancorar novos conhecimentos naquilo que eles já sabem, a partir daí é que temos que trabalhar (...)

[Estratégias e atividades] *(...) Fazemos jogos de identificação, não é? Em que eles identificam qual é a palavra gato, qual é a palavra pato, portanto, muito de raiz global (...)*

(...) se calhar eles disserem as vivências deles, ótimo! Pego numa frase que um deles disse, muito interessante. “Olhem que giro! O vosso colega foi à casa da avó que vive no norte. Então vamos escrever: eu fui à casa da avó no norte”. Então vamos trabalhar este texto. Isto é global (...)

[Metodologia utilizada] *(...) eu utilizo o meu (...) métodos globais puros nunca utilizei (...)*

(...) o método poderá ser o analítico-sintético, mas eu uso muito a dinâmica do método global, ou seja não me predo no método analítico-sintético (...)

(...) faço assim uma mistura de métodos (...)

[Sentimentos suscitados pelos conhecimentos adquiridos] (...) *Não, nenhuns [receios]. Porque é como lhe digo: eu não sou preconceituosa quanto à maneira dos meninos aprenderem (...)*

(...) Há métodos de leitura que...e de escrita, métodos de aprendizagem, que utilizam só o script. Nem chegam a fazer caligrafia. Eu não concordo com isso. Eu utilizo a caligrafia porque nós quando escrevemos, devemos escrever...pronto, ensinar a caligrafia correta aos meninos. Ainda sou desse tempo. E também não me tenho dado mal. O que eles têm é que saber: o que é letra de forma e o que é letra manuscrita e saber transcrever da forma para a manuscrita (...) Se algum menino vier com o script, aquilo não é uma aprendizagem tão empedernida que nós não possamos dar a volta (...)

[Imagem das educadoras face à continuidade dada ao seu trabalho] (...) *Eu penso que sim, de uma maneira global, eu penso que sim [que têm uma imagem positiva] (...)*

ANEXO XI - PRÉ-CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA ANA

Unidades de sentido

107. **[Idade]** (...) *Tenho 51 anos (...)*
108. **[Tempo de serviço]** (...) *30 [anos] de serviço (...)*
109. **[Formação]** (...) *A minha formação inicial é Magistério, Escola do Magistério Primário (...)*
110. (...) *Tenho, entretanto, ao longo do percurso um CESE, portanto, um Curso de Estudos Superiores Especializados em Educação Especial, na vertente de dificuldades de aprendizagem (...)*
111. **[Percurso profissional]** (...) *Trabalhei 6 anos no ensino regular, no início da carreira, depois interrompi, fiz vínculo de seguida em ensino especial, e este é o quarto que estou de novo em ensino regular (...)*
112. **[Aspetos mais marcantes desse percurso]**
113. **[Papel da educação pré-escolar como primeira etapa da educação básica]** (...) *Eu acho que o jardim de infância é muito importante (...)*
114. (...) *Noto basicamente que os miúdos vêm com muitas aquisições feitas, sobretudo a nível de coisas básicas que nós tínhamos de trabalhar, às vezes, o 1.º período inteiro (...)*

-
115. **[Contributo da educação pré-escolar para o sucesso educativo]** (...) *Muito! Muito!* (...)
116. (...) *as crianças não podem só brincar até entrarem para a escola, porque estão ali a perder janelas de oportunidade que lhes vão permitir adquirir conhecimentos que são fundamentais, para depois alicerçar os conhecimentos que vão adquirir no 1.º ciclo (...)*
117. (...) *será a primeira escola, não é tudo novo (...)*
118. **[Aspetos mais relevantes no jardim de infância]** (...) *eles poderem fazer...desenvolver a criatividade, o imaginário, eu acho que é muito importante (...)*
119. (...) *Portanto, essa parte é fundamental. O trabalhar os sentidos, os sentidos...mesmo o sentido da observação...criar aquele “bichinho” de eles quererem fazer descobertas (...)*
120. (...) *E depois aquelas atividades básicas (...)* Os recortes, as pinturas, as colagens (...)
121. **[Aspetos a que o jardim de infância não responde adequadamente]** (...) *Essa questão do...criar aquelas regras de comportamento um bocadinho mais rígidas (...)*
122. (...) *haver uma tentativa, talvez, de fazer atividades mais dirigidas ao grande grupo turma, para eles a pouco e pouco, se habituarem que têm que ter um tempo de atenção (...)*
123. (...) *já seria, se calhar, um meio caminho andado para que eles depois começassem a saber estar sentados, a saber ter momentos mais...portanto, ir aumentando mais os tempos de atenção (...)*

-
124. (...) *que se nota sempre a falha que os miúdos vêm sempre do jardim de infância e parece que não sabem estar sentados numa sala de aula (...)*
125. **[Conhecimento das Orientações Curriculares]** (...) *eu tenho conhecimento...não lhe digo que tenha feito um estudo, mas tenho uma ideia, tenho (...)*
126. **[Análise conjunta das propostas curriculares como fator de aproximação entre os docentes]** (...) *eu acho que sim. Mas, não sei, em termos práticos, como é que isso se podia fazer (...)*
127. (...) *O que eu acho que nos faz falta é um bocadinho de...abertura e esta abertura não se faz com decretos (...)*
128. (...) *talvez se houvesse mais diálogo...não sei muito bem como (...)*
129. (...) *Essa parte connosco não existe. Portanto, é mais uma reunião, mais a ata, mais isto que tem que se fazer e as pessoas acabam por ficar em sítios, eu não digo opostos, porque acho que já foram feitas bastantes coisas (...) mas talvez houvesse necessidade de maior abertura, e mais convívio, não sei explicar (...) Mais interação (...)*
130. **[Ações desenvolvidas de forma conjunta]** (...) *faz mesmo parte do nosso plano de atividades e do Agrupamento, termos essa pedagogia de fazermos intercâmbio (...)*
131. (...) *Acho que nos enriquecemos bastante (...)*
132. (...) *Nós aqui temos uns projetos, eu este ano estou nesse projeto que é a Turma Amiga (...) Tenho uma Turma Amiga do pré-escolar*

e já temos feito coisas juntas (...)

- 133.** (...) *nós aqui costumamos fazer, para articular entre ciclos, fazemos um dia de vivência, ou uma atividade, depende da idade dos meninos, no ciclo seguinte (...)Vêm conhecer a escola, a escola para onde vão, pelo menos uma escola diferente da deles (...)*
- 134.** [**Abertura do jardim de infância ao diálogo com a escola**] (...) *Eu, pela minha parte, não sinto nada que me dificulte esse diálogo (...)*
- 135.** [**Importância atribuída à abordagem à escrita desenvolvida na educação pré-escolar**] (...) *esse qualquer coisa é muito importante, porque se eles vierem já tendo uma noção do que é um a, do que é um i, portanto, aqueles nomes que nós chamamos às letras, que não faz mal nenhum, que eles saibam os nomes das letras e que já saibam o que são letras (...)*
- 136.** (...) *E que letras são diferentes de números, e que os números representam quantidades e que as letras vão representar palavras, e uma ou outra palavra que eles consigam globalizar, é logo um salto de gigante para eles começarem a fazer algumas aquisições no início do 1.º ano (...)*
- 137.** (...) *Essa abordagem à escrita é bastante importante e deve ser mesmo uma abordagem. Portanto, para já porque na educação pré-escolar, as docentes não estão...não têm preparação de métodos de leitura (...)*
- 138.** (...) *E em segundo lugar, porque é há risco muito grande de...se não for uma simples abordagem, ir chocar depois com a metodologia utilizada depois no 1.º ciclo (...)*

-
139. (...) *nessa fase do pré-escolar, a abordagem que fazem, é bastante importante, mas não pode querer substituir a...depois a aprendizagem formal (...)*
140. (...) *grande parte dos meus meninos, a maioria, vamos lá, mais de metade, vinham muito bem trabalhados. Nas rimas, naquele ritmo de palavras...eles ainda não sabiam ler, eles já sabiam partir palavras (...)*
141. **[Construção de pré-requisitos na educação pré-escolar]** (...) *é o papel do jardim de infância que é fundamental, não é, para que as crianças tenham os pré-requisitos, aquilo a que nós chamamos os pré-requisitos para, a partir do momento em que entram na escola, nós já começamos a familiarizá-los com a leitura, com a escrita, com as letras, e também, já passou de moda, a tal propedêutica, talvez porque já não é necessária (...)*
142. (...) *Sim (...)*
143. (...) *os tamanhos, as direções, as espessuras, as cores, tudo isso, são pré-requisitos para as letras, para a aprendizagem formal das letras (...)*
144. (...) *Se a criança ao fazer um traçado de uma letra, não souber o que é para cima, para baixo, para a direita, para a esquerda, como é que consegue acompanhar o traçado das letras e depois da letra redondinha...portanto, a caligrafia (...)* *O manuscrito...como é que depois conseguem fazer? Têm muita dificuldade (...)*
145. (...) *mas se tiverem as primeiras bases, de eles saberem o que é uma escrita, para que é que serve a escrita (...)*

-
146. (...) pronto, como se pega num livro, coisas básicas (...)
147. (...) mas se eles virem que há letras que são maiores e há outras que são mais pequeninas, mesmo num texto...que há rimas, que há palavras que têm uma terminação diferente. Isso é importantíssimo para a fonética e para toda a parte da oralidade (...)
148. (...) A oralidade também deve vir muito, muito, muito trabalhada (...)
149. **[Continuidade dada à ação desenvolvida nesta área da educação pré-escolar]** (...) a minha preocupação principal, no 1.º ano, é que os meninos comecem a adquirir a leitura e a escrita porque é o pilar de todas as aprendizagens que eles vão fazer a partir daqui, dedico muitíssimo mais tempo à leitura e à escrita (...)
150. (...) acabamos por roubar um bocadinho para a língua portuguesa, que é uma mais-valia nos outros anos, se os meninos já conseguirem dominar a leitura e a escrita (...)
151. (...) Mesmo na leitura, por exemplo, há obras que nós tratamos no 1.º ano que alguns meninos já ouviram no pré-escolar (...)
152. (...) as histórias que foram lidas no jardim de infância (...) vão ser exploradas de uma maneira completamente diferente, e os miúdos...isso dá-lhes alguma segurança, portanto, e o facto de nós, às vezes, ouvirmos os miúdos: ah, eu já conheço essa história! É porque realmente há alguma ponte (...)
153. (...) a partir daqui é que eles vão fazendo as tais análises e sínteses que são fundamentais para a escrita. Portanto, este primeiro trabalho é...se vier plantado, vamos lá, do jardim de infância, é só regar e depois deixar crescer (...)

-
154. (...) *nós damos sempre continuidade! Se vamos ancorar novos conhecimentos naquilo que eles já sabem, a partir daí é que temos que trabalhar (...)*
155. **[Estratégias e atividades]** (...) *Fazemos jogos de identificação, não é? Em que eles identificam qual é a palavra gato, qual é a palavra pato, portanto, muito de raiz global (...)*
156. (...) *se calhar eles disserem as vivências deles, ótimo! Pego numa frase que um deles disse, muito interessante. “Olhem que giro! O vosso colega foi à casa da avó que vive no norte. Então vamos escrever: eu fui à casa da avó no norte”. Então vamos trabalhar este texto. Isto é global (...)*
157. **[Metodologia utilizada]** (...) *eu utilizo o meu (...) métodos globais puros nunca utilizei (...)*
158. (...) *o método poderá ser o analítico-sintético, mas eu uso muito a dinâmica do método global, ou seja não me prendo no método analítico-sintético (...)*
159. (...) *faço assim uma mistura de métodos (...)*
160. **[Sentimentos suscitados pelos conhecimentos adquiridos]** (...) *Não, nenhuns [receios]. Porque é como lhe digo: eu não sou preconceituosa quanto à maneira dos meninos aprenderem (...)*
161. (...) *Há métodos de leitura que...e de escrita, métodos de aprendizagem, que utilizam só o script. Nem chegam a fazer caligrafia. Eu não concordo com isso. Eu utilizo a caligrafia porque nós quando escrevemos, devemos escrever...pronto, ensinar a caligrafia correta aos*

meninos. Ainda sou desse tempo. E também não me tenho dado mal (...)

162. (...) *O que eles têm é que saber: o que é letra de forma e o que é letra manuscrita e saber transcrever da forma para a manuscrita*

(...) Se algum menino vier com o script, aquilo não é uma aprendizagem tão empedernida que nós não possamos dar a volta (...)

163. [**Imagem das educadoras face à continuidade dada ao seu trabalho**] (...) *Eu penso que sim, de uma maneira global, eu penso que sim [que têm uma imagem positiva] (...)*

ANEXO XII - GRELHA DE CATEGORIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO – ENTREVISTAS ÀS PROFESSORAS

TEMAS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1.Dados de caráter geral.	1.1. Caracterização como profissional.	1.3. 1. Idade.
		1.1.2. Tempo de serviço.
		1.1.3. Formação.
	1.2. Identidade Profissional	1.2.1. Percurso profissional.
		1.2.2. Aspetos mais marcantes desse percurso.
2.Opinião sobre a educação pré-escolar.	2.1. Importância atribuída à educação pré-escolar.	2.1.1. Papel da educação pré-escolar como primeira etapa da educação básica.
		2.1.2. Contributo da educação pré-escolar para o sucesso educativo.
	2.2. Visão das professoras sobre o jardim de infância.	2.2.1. Aspetos mais relevantes no jardim de infância.

		2.2.2. Aspectos a que o jardim de infância não responde adequadamente.
3. Processo de transição.	3.1. Articulação curricular.	3.1.1. Conhecimento das Orientações Curriculares.
		3.1.2. Análise conjunta das propostas curriculares como fator de aproximação entre docentes.
	3.2. Representações sobre o processo de transição.	3.2.1. Ações desenvolvidas de forma conjunta.
		3.2.2. Abertura do jardim de infância ao diálogo com a escola.
4. Concepções sobre a linguagem escrita na educação pré-escolar/processo de transição.	4.1. Abordagem à escrita na educação pré-escolar.	4.1.1. Importância atribuída à linguagem escrita desenvolvida na educação pré-escolar.
		4.1.2. Construção de pré-requisitos na educação pré-escolar.
	4.2. Representações sobre a linguagem escrita no processo de transição.	4.2.1. Continuidade dada à ação desenvolvida nesta área na educação pré-escolar.
		4.2.2. Estratégias e atividades.
		4.2.3. Metodologia utilizada.
	4.3. Sentimentos e crenças relativamente à abordagem à escrita desenvolvida na educação pré-escolar.	4.3.1. Sentimentos suscitados pelos conhecimentos adquiridos.
		4.3.2. Imagem das educadoras face à continuidade dada ao seu trabalho.

ANEXO XIII - CATEGORIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS ÀS PROFESSORAS
(Quadro comparativo)

CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	Maria	Catarina	Ana	Total
1.1.CATEGORIZAÇÃO COMO PROFISSIONAL	1.1.1.Idade	<ul style="list-style-type: none"> • (...) Tenho 43 anos (...) • (...) tenho 35 anos de idade (...) • (...) Tenho 51 anos (...) 	x	x	x	1 1 1
	1.1.2. Tempo de serviço	<ul style="list-style-type: none"> • (...) estou no 10.º ano de serviço (...) • (...) 12 anos de serviço (...) • (...) 30 [anos] de serviço (...) 	x	x	x	1 1 1
	1.1.3. Formação	<ul style="list-style-type: none"> • (...) Tirei o Bacharelato, depois fiz Gestão e Administração Escolar, com a Licenciatura (...) (...) fiz diferentes formações: fiz Matemática, fiz Estudo do Meio, não fiz a de Português, porque precisava de descansar também este ano (...) • (...) licenciatura. Tirei na Universidade do Algarve, na Escola Superior de Educação, foram 4 anos. Sou da variante de Matemática/Ciências (...) fiz estágio no 1.º ciclo, fiz estágio no 2.º ciclo. Gostei mais do 1.º ciclo, por isso enveredei pelo 1.º ciclo (...) • (...) A minha formação inicial é Magistério, Escola do Magistério Primário (...) • (...) Tenho, entretanto, ao longo do percurso um CESE, portanto, um Curso de Estudos Superiores Especializados em Educação Especial, na vertente de dificuldades de aprendizagem (...) 	x x	 x	 x	1 1 1 1 1
1.2. IDENTIDADE PROFISSIONAL	1.2.1 Percurso profissional	<ul style="list-style-type: none"> • (...) trabalhei logo em Lagos, com um grupo de meninos repetentes, a maior parte, repetentes de 1.º ano em que tive que fazer um trabalho praticamente inicial e depois trabalhei durante mais dez anos nas escolas, todos os anos (...) • (...) Estive cinco anos no Sindicato, na FNE, mas sempre com muito desejo de voltar (...) • (...) estive um ano destacada num Asilo, portanto...a fazer outro tipo de trabalho (...) • (...) Trabalhei 6 anos no ensino regular, no início da carreira, depois interrompi, fiz vínculo de seguida em ensino especial, e este é o quarto que estou de novo em ensino regular (...) 	x x	 x	 x	1 1 1 1

	1.2.2. Aspectos mais marcantes desse percurso	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>foi o que me marcou muito, realmente, foi mesmo o estágio. Esse estágio foi muito importante (...)</i> • (...) <i>[a experiência no Sindicato] marcou, pronto. Que a gente aprende, outras realidades também nos fazem aprender (...)</i> • (...) <i>pela experiência foi agradável, mas a situação de escola, para mim...com colegas e (...) É, é. Sem dúvida [onde se sente realizada] (...)</i> 	x x	 x		1 1 1

1. IMPORTÂNCIA ATRIBUÍDA À EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR	1.1. Papel da educação pré-escolar como primeira etapa da educação básica	• (...) <i>O jardim de infância tem um papel, para mim, crucial (...)</i>	x		x	2
		• (...) <i>os meninos deviam ser obrigados...mesmo, todos os pais deviam ser obrigados...tal como o ensino para o 1.º ciclo, também no jardim de infância (...)</i>	x			1
		• (...) <i>nota-se o trabalho que nós fazemos com as crianças que já têm o jardim de infância, do trabalho que nós fazemos com crianças que não têm o jardim de infância (...)</i>	x			1
		• (...) <i>Começa pela adaptação à escola. Logo. Rejeitam. As crianças que já estão habituadas a ir à escola, não rejeitam a escola, já estão desligadas da família (...)</i>	x			1
		• (...) <i>E além disso, depois tem todos os outros conhecimentos e todos...já não falar, por exemplo, a linguagem que eles trazem, que é diferente (...)</i>	x			1
		• (...) <i>É muito importante, principalmente a nível da linguagem, da expressão oral, compreensão (...)</i>	x			1
	• (...) <i>Eu acho que o jardim de infância é o primeiro...é a primeira achega para eles perceberem o que é uma escola (...)</i>		x		1	
	• (...) <i>Noto basicamente que os miúdos vêm com muitas aquisições feitas, sobretudo a nível de coisas básicas que nós tínhamos de trabalhar, às vezes, o 1.º período inteiro (...)</i>			x	1	
	2.2. Contributo da educação pré-escolar para o sucesso educativo	• (...) <i>Bastante, bastante. Porque é no jardim de infância que eles fazem esta primeira parte [abordagem à escrita], que é aquilo que nós começamos (...)</i>	x		x	2
• (...) <i>Sem dúvida, sem dúvida! É nítido. Miúdos que têm um pré-escolar, que têm um jardim de infância, que são desde...já não digo bebês, mas desde os três anos que estão na [educação] pré [-escolar], nota-se. Têm pré-requisitos, são estimulados (...)</i>			x		1	
• (...) <i>Muito mais convivências, muito mais estímulos, muito mais aprendizagens do que aquela que vem de casa (...)</i>			x		1	
• (...) <i>Acho que aqui [jardim de infância] é o complemento dali [escola do 1.º ciclo] (...)</i>			x		1	
• (...) <i>as crianças não podem só brincar até entrarem para a escola, porque estão ali a perder janelas de oportunidade que lhes vão permitir adquirir conhecimentos que são fundamentais, para depois alicerçar os conhecimentos que vão adquirir no 1.º ciclo (...)</i>				x	1	
• (...) <i>será a primeira escola, não é tudo novo (...)</i>			x	1		
2.3. Aspetos mais relevantes no jardim de infância	• (...) <i>Principalmente as novidades (...)</i>	x			1	
	• (...) <i>o ouvir ler histórias, que é muito importante, a importância do livro, o desejar ler, o desejar ver livros, o desejar manusear os livros, acho que é muito importante o contacto com os livros (...)</i>	x			1	

		<ul style="list-style-type: none"> • (...) depois, há essa interpretação que é feita da história, em grupo, depois...os debates, que eu já tinha referido...é importantíssimo (...) • (...) nós sentimos que neste momento as crianças vêm bem preparadas. A nível de manuseamento, de motricidade fina (...) • (...) Toda uma série...tudo, tudo. Porque é assim, tudo o que eles aprendem aqui é relevante. O serem estimulados, as canções, o cortar, a motricidade fina...tudo. Tudo é relevante. Interligado entre si, tudo é relevante. Não posso enunciar uma coisa separada uma da outra (...) • (...) eles poderão fazer...desenvolver a criatividade, o imaginário, eu acho que é muito importante (...) • (...) Portanto, essa parte é fundamental. O trabalhar os sentidos, os sentidos...mesmo o sentido da observação...criar aquele “bichinho” de eles quererem fazer descobertas (...) • (...) E depois aquelas atividades básicas (...) Os recortes, as pinturas, as colagens (...) 	x			1
			x			1
				x		1
					x	1
					x	1
	2.4. Aspetos a que o jardim de infância não responde adequadamente	<ul style="list-style-type: none"> • (...) Mas as regras...a partir do jardim de infância, logo dos três anos eu acho que elas devem ser muito rígidas e eles perceberem mesmo até onde é que podem ir e onde é que não podem. Para que eles cheguem aqui, aos seis anos, à escola, e eles percebam o que é estar em grupo e qual a necessidade de estar com atenção. Porque é por falta de atenção, por falta de concentração...é o que vai facilitar o insucesso escolar (...) • (...) é claro que as regras para um jardim de infância são diferentes destas que nós temos aqui já no 1.º ano, mas o salto é muito grande (...) aquilo que digo mais é, essencialmente, canalizá-los para a atenção e para as regras (...) • (...) Porque a nível das outras coisas eles vêm mais ou menos preparados e até em termos de conhecimentos. Porque eu noto que estes meninos trazem conhecimentos (...) • (...) Haver mais uma interligação, ir várias vezes à escola, à sala de aula do 1.º ciclo, haver uma maior interligação entre a pessoa que está aqui [no jardim de infância] e a que está ali [escola do 1.º ciclo], que é para depois, quando forem, já não apanharem surpresa (...) • (...) haver uma tentativa, talvez, de fazer atividades mais dirigidas ao grande grupo turma, para eles a pouco e pouco, se habituarem que têm que ter um tempo de atenção (...) • (...) já seria, se calhar, um meio caminho andado para que eles depois começassem a saber estar sentados, a saber ter momentos mais...portanto, ir 	x	x	x	3
			x			1
			x			1
				x		1
					x	1

		<i>aumentando mais os tempos de atenção (...)</i>			x	1
		<i>• (...) que se nota sempre a falha que os miúdos vêm sempre do jardim de infância e parece que não sabem estar sentados numa sala de aula (...)</i>			x	1
2. REPRESENTAÇÕES SOBRE O PROCESSO DE TRANSIÇÃO	2.1. Conhecimento das Orientações Curriculares	<i>• (...) já tenho passado por ele, pronto. Mas, diretamente, não (...)</i>	x	x		2
		<i>• (...) eu tenho conhecimento...não lhe digo que tenha feito um estudo, mas tenho uma ideia, tenho (...)</i>			x	1
	3.2. Análise conjunta das propostas curriculares como fator de aproximação entre os docentes	<i>• (...) Sim. Sempre defendi isso (...)</i>	x	x	x	3
		<i>• (...) Acho que devia de haver até uma interligação, que devia de ser muito maior (...)</i> <i>• (...) Eu acho que há falha. Porque é um salto grande e depois há aqui uma...uma falha (...)</i>				
<i>• (...) Mas, não sei, em termos práticos, como é que isso se podia fazer (...)</i> <i>• (...) O que eu acho que nos faz falta é um bocadinho de...abertura e esta abertura não se faz com decretos (...)</i> <i>• (...) talvez se houvesse mais diálogo...não sei muito bem como (...)</i>		x		x	2	
3.3. Ações desenvolvidas de forma conjunta	<i>• (...) Sim, fazemos atividades conjuntas (...)</i>					
	<i>• (...) há essa transição de passarem os meninos para nós, é como passar o testemunho (...)</i>					
	<i>• (...) Nós aqui temos uns projetos, eu este ano estou nesse projeto que é a Turma Amiga (...)</i> <i>• (...) Tenho uma Turma Amiga do pré-escolar e já temos feito coisas juntas (...)</i>				x	1
	<i>• (...) Vêm conhecer a escola, a escola para onde vão, pelo menos uma escola diferente da deles (...)</i>	x	x		x	3
					x	1

	3.4. Abertura do jardim de infância ao diálogo com a escola	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>Sim, existe essa abertura (...)</i> • (...) <i>Nós trabalhamos em conjunto. Não somos duas coisas separadas. Somos um conjunto (...)</i> 	x	x x	x	3 1
3. REPRESENTAÇÕES SOBRE A LINGUAGEM ESCRITA NO PROCESSO DE TRANSIÇÃO	4.1.Importância atribuída à abordagem à escrita desenvolvida na educação pré-escolar	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>no último ano da educação pré-escolar deve ser um estímulo para a abordagem à escrita (...)</i> • (...) <i>Mas a abordagem à escrita, o facto de eles verem que a escrita é importante já é...já é bastante bom (...)</i> • (...) <i>Como quem diz, eles dizem a novidade, não é só ouvir. É pegar num papel, até porque têm as auxiliares, está tudo controlado, e registar (...)</i> • (...) <i>[a indicação com a palavra escrita] porta...estas palavras para eles irem globalizando, isto também pode estar no jardim de infância (...)</i> • (...) <i>nessa fase do pré-escolar, a abordagem que fazem, é bastante importante, mas não pode querer substituir a...depois a aprendizagem formal (...)</i> • (...) <i>esse qualquer coisa é muito importante (...)</i> não faz mal nenhum, que eles saibam os nomes das letras e que já saibam o que são letras (...) • (...) <i>grande parte dos meus meninos, a maioria, vamos lá, mais de metade, vinham muito bem trabalhados. Nas rimas, naquele ritmo de palavras...eles ainda não sabiam ler, eles já sabiam partir palavras (...)</i> 	x x x x	x x	x x	2 2 1 2 2 1 1

	4.2. Construção de pré-requisitos na educação pré-escolar	• (...) <i>Sim</i> (...)		x	x	2
		• (...) <i>Principalmente isso, a nível da escrita, a nível da oralidade, a compreensão do oral</i> (...)	x		x	2
		• (...) <i>Nós não queremos que eles saibam ler. Nós queremos é que eles tragam desenvolvidas aquelas coisas que antecedem a leitura</i> (...)	x	x	x	3
		• (...) <i>os tamanhos, as direções, as espessuras, as cores, tudo isso, são pré-requisitos para as letras, para a aprendizagem formal das letras</i> (...)		x	x	2
		• (...) <i>o conhecimento das letras</i> (...)		x	x	2
		• (...) <i>, como se pega num livro, coisas básicas</i> (...)	x	x	x	3
		• (...) <i>Eles têm que ser capazes...eu costumo dizer aos meus pais que, quando eles chegam à escola já têm que ter capacidade de globalizar palavras</i> (...)			x	1
	4.3. Continuidade dada à ação desenvolvida nesta área na educação pré-escolar	• (...) <i>Sim, damos sempre continuidade</i> (...)	x	x	x	3
		• (...) <i>pego muito nas novidades, porque acho muito importante aquilo que eles já faziam no jardim de infância</i> (...)	x			1
		• (...) <i>Para valorizar, essencialmente, a compreensão oral e a expressão oral, para que eles estejam à vontade uns com os outros</i> (...)	x			1
• (...) <i>acabamos por roubar um bocadinho para a língua portuguesa, que é uma mais-valia nos outros anos, se os meninos já conseguirem dominar a leitura e a escrita</i> (...)				x	1	
• (...) <i>as histórias que foram lidas no jardim de infância</i> (...) <i>vão ser exploradas de uma maneira completamente diferente, e os miúdos...isso dá-lhes alguma segurança</i> (...)				x	1	
• (...) <i>a partir daqui é que eles vão fazendo as tais análises e sínteses que são fundamentais para a escrita. Portanto, este primeiro trabalho é...se vier plantado, vamos lá, do jardim de infância, é só regar e depois deixar crescer</i> (...)			x	1		
4.4. Estratégias e atividades	• (...) <i>registamos as vivências das crianças e trabalhamos esses textos</i> (...)	x		x	2	
	• (...) <i>eles até têm um livrinho que eles foram fazendo com os textos deles</i> (...)	x				
	• (...) [indicação de diferentes palavras] <i>Quadro, armário</i> (...) <i>Tintas, dossiês...para eles irem vendo palavras, até porque começam a despertar para verem os tais bocadinhos [de palavras], coisas que vêm parecidas de um lado e parecidas no outro...apelam para a escrita, para a palavra</i> (...)	x			1	
	• (...) <i>Fazemos jogos de identificação</i> (...) <i>muito de raiz global</i> (...)			x	1	
4.5. Metodologia utilizada	• (...) <i>começo com o método global e depois eu passo para</i> (...) <i>para a análise</i> (...)	x			1	
	• (...) <i>Eu utilizo o método das 28 palavras</i> (...)		x		1	
	• (...) <i>o método poderá ser o analítico-sintético, mas eu uso muito a dinâmica do</i>					

		<i>método global, ou seja não me prendo no método analítico-sintético (...)</i> • (...) <i>faço assim uma mistura de métodos (...)</i>			x x	1 1
4. SENTIMENTOS E CRENÇAS RELATIVAMENTE À ABORDAGEM À ESCRITA DESENVOLVIDA NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR	5.1.Sentimentos suscitados pelos conhecimentos adquiridos	• (...) <i>Claro que suscitam [receios], principalmente a Língua Portuguesa (...)</i>	x			1
		• (...) <i>O facto de se globalizar, porque se eles não tiverem capacidade ainda para globalizar as palavras, também não têm capacidade para depois aprender os fonemas (...)</i>	x			1
		• (...) <i>temos mais dificuldade...é depois passar, como lhe estava a dizer, em passar da [letra] script para a [letra] manuscrita (...)</i>		x	x	2
		• (...) <i>Há métodos de leitura que...e de escrita, métodos de aprendizagem, que utilizam só o script. Nem chegam a fazer caligrafia. Eu não concordo com isso (...)</i>			x	1
	• (...) <i>Não, nenhuns [receios]. Porque é como lhe digo: eu não sou preconceituosa quanto à maneira dos meninos aprenderem (...)</i>			x	1	
	5.2. Imagem das educadoras face à continuidade dada ao seu trabalho	• (...) <i>Penso que depende (...)</i> • (...) <i>Não faço ideia (...)</i> • (...) <i>Eu penso que sim, de uma maneira global, eu penso que sim [que têm uma imagem positiva (...)]</i>	x	x		1 1 1